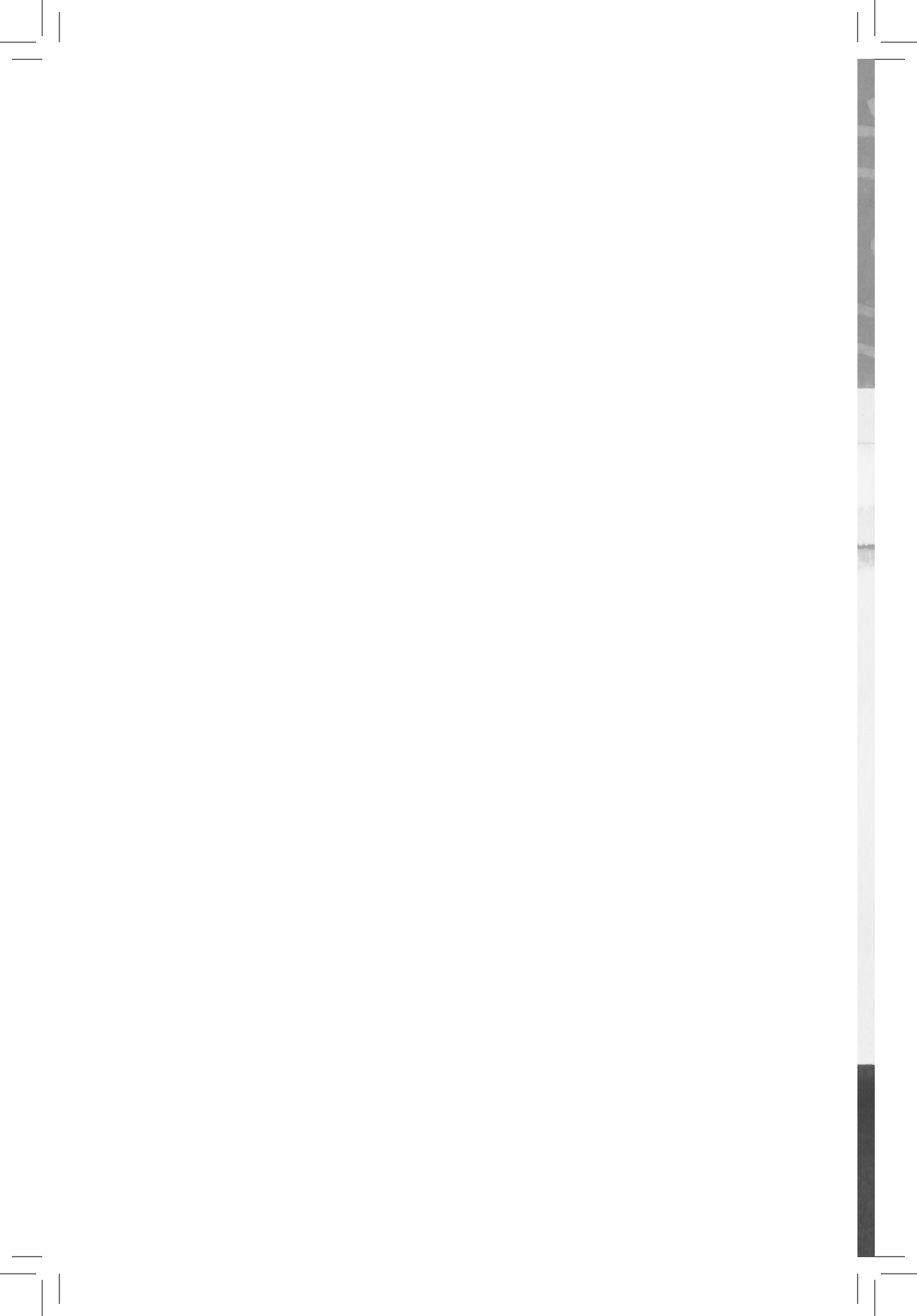


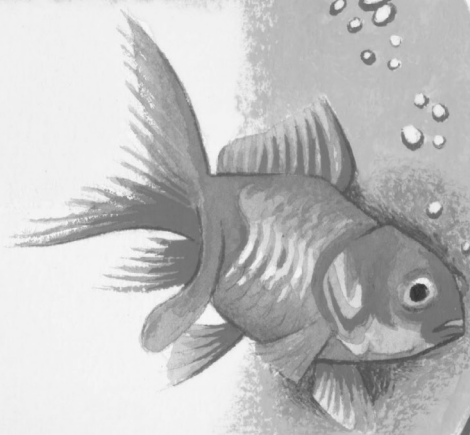
ב'ה

# Amores Impossíveis

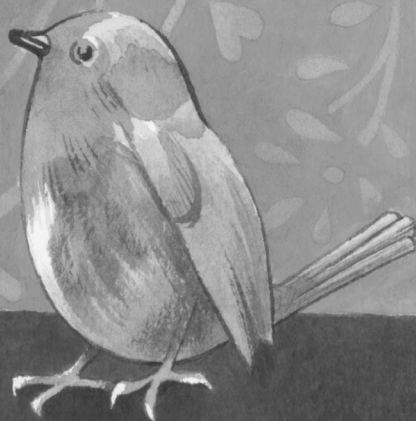


# Amores Impossíveis

Um diálogo sobre a  
problemática dos  
casamentos mistos  
entre judeus e  
não-judeus



MARC  
LUMER



Rabino Eliezer Shemtov

editora e livraria  
SEFER

Título original em espanhol: AMORES IMPOSIBLES  
Copyright © 2008 by Eliezer Shemtov

Direitos reservados à

**EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.**

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

Tel.: 3826-1366 sefer@sefer.com.br

**www.sefer.com.br**

Em parceria com

**EDITORA MAAYANOT**

Rua Newton Prado, 76 CEP 01127-000 São Paulo SP Brasil

Tel/Fax: 3811-9242 maayanot@maayanot.com.br

**www.maayanot.com.br**

**Conselho Editorial:**

Jack Strauss, Abrão Frankel, Pedro Kopstein, George Zausner e Jairo Fridlin

<b>Tradução:</b>	Rony Chamovitz e Claudia Caon
<b>Revisão Final:</b>	Ilana Fridlin
<b>Editoração eletrônica:</b>	Editora Sêfer
<b>Imagem da capa:</b>	marclumerdesign.com

**Nota:** Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se o “CH” para o som de RR, como caRRo em português.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa do autor e da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

2012, 2021

ISBN 978-85-7931-046-1

*Printed in Brazil*

# ÍNDICE

---

Prefácio à Edição Brasileira.....	7
Prefácio .....	9
Introdução .....	13
Agradecimentos .....	17
<b>Parte 1</b> O Diálogo com Juan .....	21
<b>Parte 2</b> O Diálogo com Alejandra .....	95
<b>Parte 3</b> O Casamento Misto Um Enfoque Contemporâneo .....	135
<b>Parte 4</b> 10 Reações à Correspondência com Juan .....	153



## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

---

O tema deste livro é tão atual e importante que levou duas editoras comprometidas com a continuidade do judaísmo a se unirem e o publicarem em conjunto.

Para justificar essa atitude, fazemos nossas as palavras do Rabino-Chefe da Grã-Bretanha, Lord Jonathan Sacks, em suas belíssimas “Cartas à Próxima Geração”:

“Ter filhos é muito mais do que receber um presente dos céus. É uma responsabilidade. Para nós, judeus, é a responsabilidade mais sagrada que pode haver. Disto depende o futuro do povo judeu. Nosso povo sobreviveu durante 4.000 anos porque, em cada geração, os judeus consideraram como mais alta prioridade a transmissão de sua fé aos filhos. Eles santificaram o casamento e consagraram o lar judaico. Construíram escolas e casas de estudo. Fizeram da educação o diálogo entre as gerações.

Eles consideravam o judaísmo da mesma forma que um aristocrata inglês encarava seu lar majestoso: você vive nele, mas não é realmente seu dono. Ele foi entregue a você por teus antepassados e cabe a você entregá-lo às futuras gerações, intacto, preservado e, se possível, embelezado e enaltecido, coisa que fará com dedicação, pois sabe que esta é a tua herança. É o que faz tua família ser especial e diferente das demais. Se

ocê a perder, vender ou permitir que ela se transforme em ruínas, terá praticado um ato de traição.

Isto é o essencial. Em média, atualmente, na Diáspora, de cada dois jovens judeus um decide não se casar com um parceiro judeu e não construir um lar judeu. Desta forma, não têm filhos judeus e não dão continuidade à História Judaica. Isto é uma grande tragédia.

Há muitas razões para as altas taxas de assimilação na vida judaica, mas uma delas é fundamental. Somos os herdeiros de várias gerações de judeus que eram ambivalentes sobre a forma de ser judeu. Não os julgo, nem vocês devem fazê-lo. Entre 1880 e 1930, viveram numa época de grande antissemitismo. Veio então o Holocausto. Quem naqueles dias poderia condenar alguém por dizer o que disse Heinrich Heine: “O judaísmo não é uma religião; é uma desgraça.”

Mas há muito tempo aqueles dias ficaram para trás. Um dos maiores presentes que podem dar aos seus filhos é deixá-los ver como vocês vivem com orgulho vossa identidade. Sua mãe e eu procuramos mostrar da melhor forma que pudemos que, para nós, o judaísmo é nossa herança, nossa mansão majestosa, o presente que recebemos dos que viveram antes de nós; a maior tentativa em toda a história de criar uma vida de justiça, compaixão e amor, como forma de trazer a Presença Divina dos céus à terra, de modo que ela ilumine nossas vidas com a tenra radiação da eternidade.

Não podemos viver a vida dos nossos filhos. Eles são livres. Farão suas próprias escolhas. Mas podemos mostrar o que amamos. Se vocês querem ter netos judeus, amem o judaísmo e o vivenciem com um sentimento de alegria e privilégio.”

*Rabino Y. David Weitman*

*Jairo Fridlin*



## PREFÁCIO

---

Este livro que o leitor tem em mãos é produto e reflexo de nossa época.

Nele se pode vislumbrar as questões e os problemas com os quais pessoas reais e honestas se deparam. É também possível ver uma amostra da linguagem e das ferramentas que os líderes espirituais de hoje precisam aprender a fim de atingir um segmento cada vez maior, tanto da sociedade judaica como da não-judaica.

Quando se trata de religião, nada mais é tomado por certo. Tudo é questionado e contestado.

Essa realidade pode, naturalmente, ser vista sob duas óticas diferentes. Alguns podem percebê-la como uma ameaça; outros verão nela uma oportunidade, porque “não mais tomar tudo por certo” força você a fazer uma reavaliação e lhe possibilita – esperançosamente – reafirmar os fundamentos sobre os quais uma estrutura espiritual saudável poderá ser construída.

Para muitos jovens judeus atualmente, a tradição judaica transformou-se meramente num bolorento estado de inércia. Nostalgia. “Violinista no Telhado”. Uma relíquia do passado. É, pois, compreensível por que muitos não têm receio de abandoná-la. “Não falo russo como meu avô – e de nada me valeria estudar o idioma –

e uso um teclado em vez de uma caneta tinteiro. Do mesmo modo, por que rezar em hebraico ou caminhar até a sinagoga no *shabat*?”, argumentam eles.

“Os tempos mudaram”, alegam.

Conflitos relacionados à religião, com muita frequência, têm a ver com gerações. A geração mais velha quer preservar as tradições de seus pais e avós, em geral por causa de sentimentos de culpa, ao passo que a mais nova quer se adaptar ao presente e ao futuro, livre do jugo emocional do passado. É fácil predizer quem vencerá essa competição de forças. Vivemos num mundo que venera o progresso e encara com desdém tradições religiosas e atitudes “fundamentalistas” e “conservadoras” com relação à vida.

Em minha humilde opinião, a chave para tratar desse tema está na compreensão e na explicação do que é, e do que não é, a tradição. Não cumpro o preceito de *cashrut* ou respeito o *shabat* porque meus pais o fazem, ou porque meus avós o fizeram. Guardo o *shabat* e coloco os *tefilin* porque Deus quer que eu o faça! Como sei o que Deus quer? Essa informação veio a mim por intermédio da tradição judaica, geração após geração, remontando a Moisés no Monte Sinai.

Com essa abordagem, toda a dinâmica muda. Não se trata mais de um conflito com meus ancestrais; é agora um conflito meu comigo mesmo. Por um lado, tenho meus instintos e desejos pessoais e egoístas, e, por outro lado, tenho o desejo e a responsabilidade de realizar o que Deus deseja de mim.

Muitas vezes as pessoas confundem questões objetivas e intelectuais com questões subjetivas e emocionais. O amor é cego e também provoca cegueira. As pessoas frequentemente rejeitam determinados valores e comportamentos, não porque realmente consideram-nos errados, mas ao contrário: consideram-nos errados porque não gostam deles e não querem que eles sejam verdadeiros.

Muitas dessas questões e nuances são respeitadas e abordadas, direta ou indiretamente, nos dois diálogos publicados neste livro.

\* \* \*

Este livro foi publicado para vários públicos-alvo.

Se você é judeu e está pessoalmente pensando em se casar com alguém de outra religião (ou se você não é judeu e está pensando em se casar com um judeu), pare, por favor, e leia este livro antes de tomar a decisão final. Tenho certeza de que muitas das suas perguntas e argumentos são aqui abordados. Você inclusive poderá descobrir questões sobre as quais nunca pensou.

Se alguém que você conhece está pensando em dar esse passo decisivo e drástico, a leitura e a releitura deste livro poderão ajudá-lo a compreender as coisas a partir de uma perspectiva diferente e a formular respostas e argumentos que serão mais eficientes.

Finalmente e igualmente importante, publico este livro a fim de manter aberta a possibilidade de que eu aprenda de qualquer leitor que possa contestar ou refinar os argumentos, enfoques e ideias nele expressos.

***Rabino Eliezer Shemtov***

Montevideú, Uruguai



## INTRODUÇÃO

---

Há cada vez mais jovens judeus que optam pelo casamento com não-judeus. Que diferença faz?

Cada vez que isso acontece, há um enfraquecimento da cadeia milenar do povo judeu. É uma punhalada no coração do povo judeu.

A tragédia é grave nos casos em que o judeu está consciente de seus atos e opta por abandonar o seu povo; contudo, é mais intensa ainda naqueles casos em que tais passos são dados por omissão, por falta de conhecimento e de recursos para analisar o tema adequadamente e tomar as decisões corretas.

A pressão social é tanta que ninguém se anima a nadar contra a corrente e fazer o que é certo. Quando a isso são acrescentados os ingredientes potenciais do “amor”, da “igualdade” e do “pluralismo”, pode-se realmente dar adeus a milhares de anos de história e de sacrifício judaicos...

É muito difícil se opor a essa tendência, porém não há mais remédio. O judeu não sobreviveu por ter se engajado no que é popular e está na *moda*, mas por se ater à verdade *inegociável*.

Ser judeu não se define por voto popular.

Embora esteja nas mãos de cada um optar por respeitar ou não as normas do judaísmo, *não* está nas mãos de cada um definir quais são essas normas.

Maimônides expressou isso claramente, ao dizer: “A verdade não é assegurada, nem tampouco enfraquecida, de acordo com a quantidade de pessoas que a reconhecem.”

Alguém é ou não é judeu. A mulher com a qual constitui família é judia ou não. Os filhos que gera são judeus ou não. Não se trata de uma questão de recompensa ou de punição, mas uma questão de fato. Ter encontrado o “amor de sua vida” não a torna judia, nem os seus filhos judeus.

Muitos argumentam a favor do relacionamento misto, dizendo que “é melhor ganhar duas almas do que perder uma”. A pergunta é: estamos realmente ganhando duas almas?

Há aqueles que mantêm um relacionamento misto e se ressentem do fato de que alguém se intrometa em sua vida particular. Por conseguinte, argumentam: “No que se refere aos meus assuntos pessoais, tenho todo o direito de fazer o que bem quero desde que não infrinja os direitos dos demais.” Será que eles de fato não infringem os direitos dos demais? Estarão eles respeitando os direitos dos seus antepassados? Do seu povo? De seus próprios filhos?

O tema se complica ainda mais por causa das conotações “racistas” e “discriminatórias” atribuídas à oposição ao casamento misto. “Você gostaria que o rejeitassem simplesmente pelo fato de ser judeu?”, perguntam eles em tom de desafio.

Se um judeu decide abandonar o povo judeu com base em considerações esclarecidas, é triste; contudo, em última instância, é de sua responsabilidade. Se o faz por falta de informações, sinto que é (também) de minha responsabilidade.

É para cumprir com minha responsabilidade e ajudar a esclarecer esses e demais temas afins que decidi publicar este livro.

O material deste livro consiste de dois diálogos e um artigo.

Os diálogos com “Juan” e “Alejandra” são reais, fruto da iniciativa deles, e são publicados com a autorização deles. Mudei os nomes e alguns detalhes identificadores. Não acrescentei nada para “condimentar” os diálogos originais.

O artigo “O Casamento Misto” foi escrito e publicado originalmente no jornal “Semanário Hebraico” de Montevidéu como resposta aos comentários de uma pessoa que, numa entrevista realizada por um jornal uruguaio, não teve a coragem ou a convicção necessárias para posicionar-se claramente contra o casamento misto, quando o jornalista lhe perguntou a respeito. Horrorizado, optei por dar uma resposta educativa em vez de simplesmente protestar, e escrevi e publiquei o artigo que é aqui reproduzido.

Desde então, a questão do casamento misto torna-se cada vez mais preocupante no Uruguai, já que reina uma grande confusão no tocante aos fundamentos e à importância do mesmo. Há uma ignorância geral a respeito. Para muitos não está claro o que é ser judeu, como chegar a sê-lo, quem está autorizado a fazer conversões etc.

O mais triste de tudo é ver aqueles que sofrem por causa dos erros alheios. Jovens cujos casamentos são realizados de acordo com as leis judaicas e que descobrem, aos 25-30 anos, que não são judeus. Porque alguém, digamos, bem-intencionado vendeu à sua mãe uma conversão falsa há 25 ou 30 anos.

É grande o choque causado entre as emoções e os fatos objetivos. Ele não é judeu por mais que, no colégio, no movimento juvenil e na sinagoga lhe tenham dito que o é. Demonizar os “ortodoxos intransigentes” não soluciona nada. Fatos são fatos.

Publico este livro na esperança de que mais do que um dos “consumidores finais” potenciais consiga se salvar desta práxis ruim pelo fato de estar mais informado.

No final publico um extrato de comentários gerais a respeito da publicação do referido material. Considero-os muito valiosos e educativos.

Desde a publicação deste material, não passa uma semana sem que eu seja consultado sobre o tema por pessoas de todas as partes do mundo, que buscam respostas para as suas situações pessoais como filhos de casamentos mistos analisando a sua própria relação mista ou a de seus familiares ou amigos.

Este é um tema muito complexo, e mais de uma vez consegui ajudar que fosse encontrado o fio da meada para poder solucionar situações pessoais e/ou familiares.

Cumpro a ordem para ajudar no que está ao meu alcance.

***R. E. S.***

P.S.: Quando o livro “Amores Impossíveis” (em espanhol) foi publicado, gerou-se uma grande polêmica em Montevideú, tanto na imprensa judaica como na nacional. Esse rico material está disponível no site [www.amoresimposibles.org](http://www.amoresimposibles.org).



## AGRADECIMENTOS

---

Em primeiro lugar, agradeço ao Todo-Poderoso pela vida e pela força que me dá, dias após dia, para poder contribuir com algo para deixar o mundo em melhores condições do que aquelas em que o encontrei.

Ao meu Rebe, o Rebe de Lubavitch – que seus méritos nos protejam! –, que ativou e cultivou a minha alma, e me deu as ferramentas para poder ajudar aos demais e consegui-lo.

Agradeço aos meus pais pela educação que recebi e pelo exemplo pessoal de dedicação total e de amor ao próximo por eles demonstrado.

Agradeço aos meus sogros, cujo apoio constante nos permitiu crescer e fazer tudo o que estamos fazendo.

Um agradecimento muito profundo a “Juan” e a “Alejandra”, que compartilharam comigo seus pensamentos e sentimentos, sem cuja tenacidade e eloquência este livro não teria o sentido e o nível que tem.

Um agradecimento especial a “Paulina”, por autorizar a publicação do diálogo com “Juan”.

Obrigado à comunidade judaica do Uruguai por ter nos recebido tão calorosamente e por permitir que ensinássemos e aprendêssemos tanto.

Finalmente, agradeço à minha esposa Rochi e aos nossos filhos por seu constante apoio, ideias, crítica, incentivo, paciência, impaciência e todas aquelas coisas que valorizamos nas pessoas que amamos e que nos amam.

***R. E. S.***

Este livro é dedicado ao Rebe de Lubavitch,  
Rebe Menachem Mendel Schneerson <sup>ZT"l</sup>  
– que seu mérito nos proteja! –  
que me ensinou que cada um tem o seu lugar.

**Parte 1**

**O DIÁLOGO  
COM JUAN**



## 1

De: Juan García

Para: Rabino Eliezer Shemtov

Data: 23 de junho de 2003.

Assunto: Minha namorada judia

*Caro Rabino Shemtov,*

*Meu nome é Juan García e, como o senhor pode perceber, infelizmente não tenho a honra de ser judeu. Gostaria de lhe perguntar algo com a maior sinceridade e espero que o senhor me responda.*

*Tenho 26 anos de idade e há um ano tive a grande sorte de conhecer uma moça judia, cujo nome eu prefiro não revelar. Ela tem uma formação judaica forte e hoje é a luz da minha vida.*

*O senhor certamente deve estar imaginando aonde tudo isso vai levar. Na casa dela há uma crescente crise familiar por causa do “goy” com o qual a filha está namorando. É óbvio que os pais dela nunca me conheceram e tampouco expressaram qualquer desejo de fazê-lo.*

*No início não entendi o motivo disso tudo, embora um dos meus melhores amigos, desde a minha infância e até hoje, seja judeu. Nunca percebi a existência de uma rejeição tão grande com relação aos gentios quando judeus namoram não-judeus. Estou bastante familiarizado com a teoria segundo a qual casamentos mistos devem ser evitados a fim de combater a assimilação. Parece-me, no entanto, que não se trata somente disso. Em famílias judaicas como a dela, em que a religião não é a maior das preocupações, é mais uma questão do constrangimento pelo qual a mãe passa no cabeleireiro do que a preocupação com os perigos da assimilação.*

*Recentemente, os avós dela tomaram conhecimento do nosso namoro e a mãe – ao ver o horror do avô – tentou convencê-lo de que o nosso relacionamento não era nada sério. Ele não conseguia aceitar o fato de que sua neta namorava um gentio. Uma das frases que o avô disse foi: “A goishe iz a goishe”. Perdoe o meu iídiche, mas o senhor sabe o que isso significa. O que eu pensava que fosse simplesmente uma propensão contra casamentos mistos revelou-se como um claro ato de intolerância.*

*O senhor percebe? A sua religião, que merece o maior respeito de minha parte, que sempre se conduziu com sabedoria, acaba se professando contra a tolerância que sempre foi uma insígnia em sua bandeira.*

*Depois de viver pessoalmente esse problema, descobri muitos outros casos semelhantes. Famílias que deserderam seus filhos ou filhas ou, o que é ainda pior, colocaram-nos num avião para Israel, para que nunca mais vissem seus namorados ou namoradas gentios. Isso me demonstra que não se trata do problema de uma minoria, nem tampouco de um incidente isolado.*

*Espero que o senhor consiga compreender a minha aflição e não pense que sou um antissemita, pois para mim está bastante claro: se Deus decidiu colocar a mais bela mulher do mundo no meu caminho, é óbvio que Ele a tomou do Seu povo eleito.*

*O senhor poderia esclarecer o meu ponto de vista, se é que ele realmente está confuso?*

*Talvez as suas palavras me ajudem a compreender.*

*Juan*

2

De: Eliezer Shemtov  
25 de junho de 2003.

Caro Juan,

Obrigado por seu e-mail e pela sinceridade e transparência com que você o escreveu.

Tentarei responder da mesma forma.

Compreendo muito bem a sua frustração. Você tem diante de si – ou ao seu lado – uma mulher a quem ama e com a qual gostaria de compartilhar o resto de sua vida.

Você percebe que querem tirá-la de você por motivos injustificados [“O que dirão no cabeleireiro...”].

Não parece correto de minha parte defender a posição e as atitudes de uma família que não conheço e cujos argumentos não ouvi. Tudo o que posso fazer é falar com você sobre o tema a partir do *meu* ponto de vista, e não como porta-voz deles.

Concordo com você que o amor é um dos fatores mais importantes que determinam com quem você irá se casar. Porém, é óbvio

que não é o *único*. Imagine se você descobrisse que a mulher dos seus sonhos é na verdade sua irmã biológica; você se casaria com ela?

A Torá define claramente com quem um judeu pode se casar e com quem não pode. Para que o casamento exista – não há casamento entre irmãos biológicos, embora fisicamente possam até procriar – devem existir as condições que Deus estipulou. É evidente que não pode haver um casamento entre duas pessoas cuja união não seja aceita pela Torá.

Em minha opinião, você deve distinguir entre critérios objetivos (o que diz a Torá) e subjetivos (o que diz a família dela). Posso entender que você se sinta desiludido e magoado pela aparente hipocrisia de pessoas que não praticam o judaísmo em sua vida pessoal e, de repente, se opõem a que sua filha se case com alguém simplesmente pelo fato de ele não ser judeu. *Seus* futuros filhos, entretanto, não têm culpa disso. Você tampouco deveria tomar decisões com base em atitudes, aparentemente incoerentes, dos pais dela. Vou lhe dizer ainda mais: mesmo que os pais dela concordassem que ela se casasse com você, você estaria em falta *com o seu próprio Criador...*

Acredite-me, entendo muito bem o inferno pelo qual você deve estar passando. Não é nada fácil. Mas gostaria de lhe dizer uma coisa: o caminho da Torá é o caminho da paz e da verdade. A violação das leis da Torá não traz, no final das contas, nenhuma bênção, se bem que isso seja muito difícil de aceitar no início. Por outro lado, fazer o que Deus quer, mesmo que exija muito sacrifício, lhe trará bênçãos verdadeiras, infinitas e eternas...

Se você quiser conversar comigo pessoalmente para discutir mais amplamente esse tema, terei muito prazer em encontrá-lo. Estou interessado em protegê-lo – a você e a ela – para que não dê um passo em falso por falta de conhecimento ou como reação a atitudes que parecem injustas...

Um abraço,

*Eliyezer*



P.S. Publiquei um artigo sobre casamentos mistos. Se você estiver interessado, avise-me e eu lhe enviarei um exemplar com muito prazer.

3

27 de junho de 2003.

*Eliezer,*

*Muito obrigado por ter respondido o meu e-mail. Agradeço-lhe de todo o coração. Os pontos apresentados são de fato verdadeiros, porém se baseiam, obviamente, nos cânones de uma religião que não é a minha.*

*Seria realmente agradável que conversássemos pessoalmente em algum momento.*

*Muito obrigado. É claro que estou interessado em ler o material que você publicou sobre esse tema.*

*Um forte abraço,*

*Juan*

*P.S. O que você quis dizer ao afirmar que meus filhos não têm culpa? Entendo que você esteja se referindo ao futuro, mas não compreendo por que eles deveriam sofrer.*

28 de junho de 2003.

Caro Juan,

Obrigado por sua resposta. Você escreve:

*Os pontos apresentados são de fato verdadeiros, porém se baseiam, obviamente, nos cânones de uma religião que não é a minha.*

Essa é uma observação válida.

No entanto, você deve levar várias coisas em consideração:

1. A moça pela qual você se apaixonou também pertence a uma religião que não é a sua... E mesmo que ela não a respeite, ao se casarem, você na verdade estaria fazendo com que ela violasse sua própria religião e as leis do seu povo. Você acha que alguém que realmente ame outra pessoa a levaria a trair o seu próprio povo e também Deus?
2. Meu argumento inicial não tinha a intenção de convencê-lo do que você deve fazer, mas explicar por que não se trata aqui de uma questão de discriminação pessoal, e sim uma regulamentação bíblica.
3. No seu primeiro e-mail você escreveu sobre Deus e o povo eleito. Entendi a partir disso que você aceita a Bíblia como um ponto de referência válido. Se for válido o suficiente quando se trata de definir a moça como parte do “povo eleito”, por que deixaria de ser válido quando lhe diz que você não pode se casar com ela?

Seria realmente bom que conversássemos pessoalmente em algum momento.

Quando quiser. Você pode vir sozinho ou com a jovem.

Um forte abraço,

*Eliezer*

*P.S. O que você quis dizer ao afirmar que “meus filhos não têm culpa?” Entendo que você esteja se referindo ao futuro, mas não compreendo por que eles deveriam sofrer.*

Você acha que é saudável para um filho crescer num ambiente em que os pais pertençam a religiões diferentes? Como você o educará? Como um judeu? Como um gentio? Como um “neutro”? Você lhe dirá: “Você é judeu e pertence a um povo que não é o meu”? Você lhe dirá que ele pode escolher o que quer ser? É justo forçá-lo a escolher entre o pai e a mãe? Será que essa escolha depende realmente dele? E o que acontece com a relação dele com os avós, primos e outros familiares?

Em resumo: todos os argumentos lógicos que alguém possa apresentar contra casamentos mistos poderão ser refutados por outros argumentos a favor. O único argumento que, em minha opinião, é irrefutável é que Deus os proibiu expressamente. Tudo o mais é apenas comentário...

5

29 de junho de 2003.

*Caro Eliezer,*

*Muito obrigado pelo tempo que você está me dedicando. Tento extrair o máximo possível de suas palavras.*

*Gostaria muito que você me enviasse o seu artigo por e-mail.*

*Tenho algumas dúvidas a respeito do que você escreveu no primeiro e-mail. Você afirmou: "... Ainda que os pais dela concordassem que ela se casasse com você, você estaria em falta com o seu próprio Criador..."*

*Mesmo não sendo um cristão praticante, recebi uma educação cristã num colégio católico e conheço a minha Bíblia muito bem. Não me lembro de nenhum trecho que defina com quem posso me casar. É claro que nenhuma igreja reconheceria o meu casamento com uma moça que não tivesse sido batizada, mas isso pode ser solucionado. No caso do judaísmo, entretanto, de acordo com o que você afirma, eu não resolveria a questão ao me converter, porque a sua frase seguinte (com relação aos meus futuros filhos) ainda seria válida. Você lhe dirá: "Você é judeu e pertence a um povo que não é o meu? Você lhe dirá que ele pode escolher o que quer ser? É justo forçá-lo a escolher entre o pai e a mãe? Será que essa escolha depende realmente dele? E o que acontece com a relação dele com os avós, primos e outros familiares?..."*

*Creio que eu deveria ter feito uma pergunta antes: você acredita em conversão? Você acha que se deve esperar que eu mude todas as minhas crenças de uma hora para outra?*

*Bom, não quero tomar mais seu tempo. Novamente, muito obrigado pela grande quantidade dele que você dedica às minhas dúvidas e inquietações.*

*Um forte abraço,*

*Juan*

*P.S. Que sobrenome importante você tem! Por acaso você tem a honra de ser descendente direto do "Dono do Bom Nome" – o Baal Shem Tov (Israel ben Eliezer)?*

## 6

29 de junho de 2003.

Caro Juan,

*Gostaria muito que você me enviasse o seu artigo por e-mail.*

Eu o enviarei mais tarde, se Deus quiser... Tenho de encontrar o arquivo... Talvez seja melhor que eu lhe envie uma cópia impressa...

*Tenho algumas dúvidas a respeito do que você escreveu no primeiro e-mail. Você afirmou: ... Ainda que os pais dela concordassem que ela se casasse com você, você estaria em falta com o seu próprio Criador...*

*Mesmo não sendo um cristão praticante, recebi uma educação cristã num colégio católico, e conheço a minha Bíblia muito bem. Não me lembro de nenhum trecho que defina com quem posso me casar.*

Leia Deuteronômio 7:3-4: “E não te aparentarás com elas; tua filha não darás a seu filho e sua filha não tomarás para teu filho.”

*É claro que nenhuma igreja reconhecera o meu casamento com uma moça que não tivesse sido batizada, mas isso pode ser solucionado. No caso do judaísmo, entretanto, de acordo com o que você afirma, eu não resolveria a questão ao me converter, porque a sua frase seguinte (com relação aos meus futuros filhos) ainda seria válida. Você lhe dirá: “Você é judeu e pertence a um povo que não é o meu”? Você lhe dirá que ele pode escolher o que quer ser? É justo forçá-lo a escolher entre o pai e a mãe? Será que essa escolha depende realmente dele? E o que acontece com a relação dele com os avós, primos e outros familiares?...*

*Creio que eu deveria ter feito uma pergunta antes: você acredita em conversão? Você acha que se deve esperar que eu mude todas as minhas crenças de uma hora para outra?*

O judaísmo aceita como judeu qualquer homem ou mulher nascido de mãe não-judia se passar por um processo de *guiyur*, ou seja, conversão. A conversão ao judaísmo consiste em fazer exatamente o mesmo que fez o povo judeu a fim de tornar-se judeu:

- 1) *Brit Milá* (circuncisão);
- 2) Imersão em um *micvê* (piscina de imersão ritual);
- 3) Aceitação do cumprimento das 613 *mitsvót* (preceitos) da Torá em sua totalidade.

Tudo isso deve ser feito na presença de um Tribunal Rabínico válido.

No que diz respeito a você, ninguém lhe pede para mudar suas crenças. O que motiva uma pessoa a se converter ao judaísmo é justamente o seu desejo de *dar plena expressão* às suas crenças, e não de mudá-las.

*Bom, não quero tomar mais seu tempo. Novamente, muito obrigado pela grande quantidade dele que você dedica às minhas dúvidas e inquietações.*

De nada.

*Um forte abraço.*

Para você também.

*P.S. Que sobrenome importante você tem! Por acaso você tem a honra de ser descendente direto do “Dono do Bom Nome” – o Baal Shem Tov (Israel Ben Eliezer)?*

Não, pelo que sei...

*Eliezer*

2 de julho de 2003.

*Eliezer,*

*Retomando esse contato interessante:*

*Como vai? Espero que tudo esteja bem. Alguns trechos no seu último e-mail me parecem muito interessantes.*

*Você tem razão no que se refere ao trecho bíblico que proíbe um judeu de se casar com um não-judeu. Isso está bem claro. Há, porém, algo que não entendo. Compreendo que aquele que não cumpre os preceitos de Deus deve ser considerado um pecador. Portanto, aquele que permite que sua filha se case com um não-judeu é um pecador. “Tua filha não darás a seu filho...”, certo?*

*Por outro lado, já que a família da minha namorada não cumpre sequer um décimo dos preceitos da Torá, por que deveria cumprir o preceito que proíbe sua filha de se casar comigo? Se não permite o nosso casamento, mas no shabat viaja de carro para um churrasco, qual a lógica?*

*Acho que desta vez exagerei na quantidade de perguntas. Minhas desculpas. Se você não puder respondê-las, não se preocupe. Eu entenderei.*

*Saudações,*

*Juan*

3 de julho de 2003.

Juan,

Antes de tudo, gostaria de lhe dizer que, no que se refere a mim, você nunca exagerará em perguntas que são feitas com o objetivo de aprender. Portanto, vá em frente!

Quanto à contradição entre o não cumprimento dos preceitos por parte da família da sua namorada e a insistência em cumprir o preceito de não permitir que sua filha se case com um não-judeu, não posso falar em nome deles, como já lhe disse no início do nosso diálogo. Tudo o que posso dizer é que ninguém é perfeito: há pessoas mais sensíveis à importância de certos preceitos e insensíveis a outros. Isso se deve, muitas vezes, a costumes e pressões sociais.

Há preceitos que as pessoas não consideram tão importantes porque a sua transgressão é reversível. Por exemplo: quando alguém viaja no *shabat*, não está abrindo mão da opção de não viajar no próximo *shabat*. A “ruptura” não parece tão severa. Ademais, a mudança de atitude e de comportamento depende totalmente de cada pessoa.

No caso de casamentos mistos, porém, trata-se de uma transgressão que não é facilmente reversível e não depende exclusivamente dos pais. No momento em que a filha se casa com um não-judeu, mesmo que depois se arrependa dessa transgressão, há outro ser humano – às vezes mais do que um (filhos) – envolvido, com sentimentos, opiniões e certamente laços afetivos... O caminho “de volta para casa” torna-se, de fato, muito difícil...

Um abraço,

*Eliezer*



9

14 de julho de 2003.

Juan,

Acabei de voltar de viagem e não encontrei mensagens suas.  
Algum motivo para isso?

Um abraço,

*Eliezer*

10

14 de julho de 2003.

*Eliezer,*

*Como vai?*

*Para onde você viajou?*

*Não escrevi ultimamente porque estive muito ocupado no trabalho.*

*Quero lhe contar algo engraçado...*

*No outro dia, minha namorada leu uma parte da nossa correspondência e sorriu ao ler aquele trecho em que você diz que não conhece a família dela. A fim de esclarecer o mistério, quero lhe contar (com o consentimento dela) quem ela é e quem é a sua família. Eles são os ....., que você conheceu neste verão em Punta del Este. A Paulina é o meu (virtualmente impossível) amor.*

*Suponho que tudo isso seja uma surpresa, certo? Você, por acaso, sabia que a Paulina tem um namorado “goy”? Pergunto apenas por curiosidade. Talvez a Mariana tenha comentado isso com você.*

*Caramba, que problemas eu tenho com ela! Nunca houve nenhum confronto direto, nem nada parecido. Nunca fui convidado a ir à sua casa e raramente telefone, mas mudei a minha atitude com relação à Mariana (para pior, lamentavelmente). No começo, sempre que ela atendia ao telefone e falava rispidamente comigo, eu era supersimpático e lhe dizia: “Oi, Mariana. Aqui é o Juan. Como vai? Tudo bem? Fico feliz em ouvir isso. A Paulina está?” – e ela respondia friamente: “Sim, não, sim, não, espere...”*

*O que é mais difícil para mim é o fato de sempre ter sido uma pessoa muito sociável... Jamais tive problemas com alguém. Em geral, desenvolvo relações intensas com as pessoas e ganho a amizade delas, especialmente em nível familiar. Passar disso para uma situação em que a família nem quer ver a minha cara em figurinhas é muito doloroso.*

*Você pode imaginar o que é levá-la para casa à noite, para pegar um casaco ou trocar de roupa, e ter que esperar do lado de fora, no carro, sem poder entrar? Durante esses momentos penso: “Tudo porque não sou judeu”... Sinto-me como a pior escória sobre a face da terra. Se eles sorrissem para mim e me explicassem o motivo de sua oposição ao nosso relacionamento com a mesma sabedoria que você o faz, as coisas seriam diferentes. Quando estou sozinho com meus pensamentos, olho para a janela da casa dela, vejo o movimento e imagino que a última pessoa que eles querem ver pisando em seu carpete sou eu. Só quero o melhor para a Paulina, tanto quanto eles. Mas, assim como eles fazem o melhor possível, sei que também eu faço o melhor possível.*

*Há poucas semanas, em consequência do diálogo fascinante entre nós, refleti sobre muitas coisas e acabei propondo à Paulina que terminássemos o nosso relacionamento. Vou lhe contar como ela reagiu. Ela me ama muito mais do que você pode imaginar, e suas palavras*

*refletiam os sentimentos de uma moça que ama a sua religião, mas não quer ceder às suas ordens. Não sei... Deus sabe que tentei, dei-lhe mil e uma razões coerentes para terminar o namoro, mas ela não concordou com nenhuma delas. Se ela tivesse aceitado, seria o fim da minha vida, mas, acredite, significaria ao mesmo tempo o início da vida dela. Tenho certeza de que ela não tem nenhum futuro comigo. Tal futuro não existe. A família dela nunca me aceitará, por mais que eu seja uma boa pessoa, pois sei que o problema nada tem a ver com isso. Tanto faz se for eu ou qualquer outro rapaz que não seja judeu, eles não aceitarão.*

*Concluindo, a história é a seguinte: daqui a um mês fará um ano que estamos juntos. Os pais dela ainda não me conhecem pessoalmente (exceto por uma vez, quando encontramos o Jaime por acaso) e não expressaram nenhum interesse em que eu ponha os pés na casa deles. Sabem que fico esperando do lado de fora e não pretendem mudar isso (é lógico que prefeririam que eu nem estivesse do lado de fora). Tentei romper o nosso namoro, convencido de que isso seria a melhor solução para nós, mas ela morrerá se eu o fizer, e ainda não tenho força suficiente para dar esse passo. Será que a solução seria simplesmente deixá-la sem ouvir a sua opinião? Acho que sim.*

*Não tenho dúvidas de que o sofrimento pelo qual passaremos se dissipará pouco tempo depois e, dessa forma, darei a ela a oportunidade de criar uma nova vida com alguém que seja aceito pela sua família, o que a deixará incrivelmente feliz.*

*Mas isso é muito difícil. Especialmente porque ela diz que não se importa pelo fato de eu não ser judeu (“Tudo bem... seria melhor... mas sei que não há outro homem melhor do que você...” etc.). Creio que a única pessoa capaz de persuadi-la é seu primo Gustavo, com o qual mantenho excelentes relações.*

*É incrível. A “única coisa” que faz com que eu não seja bom para ela é a minha religião. Ela sempre brinca: “Para a minha mãe, amante da cultura, o que poderia ser melhor do que um estudante de literatura?” A Paulina, certa vez, perguntou à Mariana se ela teria*

*preferido que a filha namorasse um judeu que fosse um desastre como pessoa, e Mariana retrucou: “Por que tenho de escolher entre um cego e um surdo-mudo?” Muito esperto.*

*Bem, termino hoje por aqui. Espero que, considerando o que acabei de escrever, você algum dia se coloque no meu lugar e veja como é difícil colocar na balança as leis de Deus em contraposição à natureza humana.*

*Um abraço,*

*Juan*

11

15 de julho de 2003.

Juan,

Li seu e-mail e tudo o que posso dizer é: quão afortunado é aquele que caminha com a verdade e a transparência! Refiro-me tanto a mim mesmo como a você.

Posso imaginar como tudo isso deve ser difícil para a Paulina. Ela, sem dúvida, ama você muito e imagino o quanto lhe custa “rejeitá-lo” por não ser judeu. Acredite-me, eu a compreendo.

No entanto, eu lhe disse isso desde o início. Não é fácil. Não é fácil superar sentimentos somente porque Deus assim o deseja.

Posso dizer a vocês dois uma coisa: vale a pena. Vale a pena fazer esse sacrifício, e tenho certeza de que Deus não permanecerá por muito tempo com dívidas não quitadas. Cada um de vocês encontrará sua verdadeira alma gêmea e constituirá uma família feliz,

com saúde, alegria e bênçãos. É difícil, talvez impossível, visualizar as coisas agora. O amor cega. Mas vale a pena. Posso lhes dizer isso com base numa grande experiência com outros jovens que passaram por essa mesma situação.

Não façam isso em consideração à família dela. Façam isso por vocês.

Um forte abraço,

*Eliezer*

P.S. Creio que deve ser impossível me colocar realmente no seu lugar... Imagino que não é nada fácil para vocês. Mas se Deus pôs vocês à prova, é certo que podem superá-la.

12

22 de julho de 2003.

*Caríssimo Eliezer,*

*Como vai? Tudo bem?*

*Acabei de ler o artigo que você me enviou (sobre casamentos mistos) e, com a maior humildade, acho que está faltando um ponto importante. Falta o elemento social. Creio que pouquíssimos dos argumentos que você apresenta possam ser considerados argumentos verdadeiros para uma família judaica rio-platense dos dias de hoje. Seus argumentos (perfeitos e convincentes do ponto de vista religioso) seriam a salvação para muitos pais judeus. Serviriam como uma justificativa perfeita para não permitir que seus filhos ou filhas se casem com não-judeus, porém não refletiriam os seus verdadeiros sentimentos.*

*Eliezer, compreendo as suas crenças e respeito, do fundo do coração, a sua fé profundamente enraizada, mas você sabe muito bem que nem mesmo um décimo dos judeus de Montevideú pensa dessa forma. Sem falar diretamente da violação da maioria dos preceitos judaicos, sabemos que a geração atual dos pais judeus (em contraposição aos avós) nem sequer teve a oportunidade de frequentar escolas judaicas, e carece de uma formação judaica. Na melhor das hipóteses, sabe o que lhe foi transmitido pela tradição, de pai para filho. Para lhe dar um exemplo concreto, na casa dos ....., os filhos sabem muito mais a respeito da religião do que seus pais, pela simples razão de terem recebido uma educação judaica (retomarei esse ponto mais tarde). Enfim, é fato é que os verdadeiros motivos nem sempre têm a ver com a questão religiosa, mas geralmente com considerações sociais.*

*Ninguém pode fazer um estudo aprofundado sobre as relações entre judeus e não-judeus na sociedade atual. No entanto, acredite-me, há elementos bastante desagradáveis nessa relação. Do mesmo modo em que há muitos não-judeus que têm atitudes negativas com relação aos judeus, eu me atreveria a afirmar que a mesma porcentagem de judeus tem essa mesma atitude com relação aos gentios. Não é minha intenção especular aqui sobre questões de racismo e intolerância, mas estou interessado em enfatizar o aspecto social. As diferenças entre judeus e gentios estão longe de estarem resolvidas. E isso tem grande peso.*

*Seria ousado dizer que na resistência a casamentos mistos dentro da comunidade judaica rio-platense não exista uma forte dose de discriminação, assim como seria ousado dizer que não há discriminação contra os judeus. Esse é um problema de grande peso. Penso que o judeu tem razões de sobra para não se mostrar mais aberto à sociedade que o perseguiu tantas vezes.*

*Esses são alguns dos fatores sociais que podem influir. Acho que, similarmente, há muitas razões adicionais que nada têm a ver com a religião. De todo modo, os argumentos que você apresenta no seu artigo são os mais nobres.*

*Retomando o assunto da educação, vejo que você não está contente com a educação judaica no Uruguai. Em minha opinião, é outro exemplo de que o judaísmo atual na América do Sul se limita, cada vez mais, ao fator social do que ao religioso (observe que eu sempre me limito ao marco regional, porque não posso falar de outro que eu não conheça).*

*Comecei a me relacionar com um forte ambiente judaico há pouco mais de um ano. Por um lado, tenho ótimos amigos judeus que conheci na universidade. Isso me deu a possibilidade de conhecer muitas famílias com diferentes níveis de prática religiosa. Todos, naturalmente, celebram as festas judaicas e alguns frequentam a sinagoga, mas poucos são judeus de acordo com os requisitos que você menciona no seu artigo. A maioria dessas famílias, com tendências sionistas, nem sequer tem ideia do que significa ser judeu.*

*Sei que existe um programa chamado ....., que supostamente serve para promover o espírito sionista nos jovens, levando-os para Israel, onde permanecem por um ano. Você quer saber o que esses jovens fazem nesse período? Bem, os rapazes dedicam-se a ficar bêbados e a fumar maconha. As moças, além disso, se envolvem em relações desinibidas com jovens israelenses. Não estou especulando. Esse é o caso da maioria dos rapazes e moças judeus que eu conheço. Mas o programa ..... é perfeito. Considere-o dessa forma: eles voltam fascinados por Israel. Diga-me, porém, algo: se você é um jovem que foi reprimido durante a adolescência; que sempre “tropeçou” nas mesmas pessoas desde a pré-escola; que nunca teve nenhum relacionamento com não-judeus (como é o caso dos meus colegas de classe judeus... O ano em que ingressaram na universidade significou a descoberta dos não-judeus); você é jovem e tem a oportunidade de viajar para um país distante onde ninguém o controla ou lhe diz o que deve fazer; você vive gratuitamente; seus pais lhe enviam grandes quantias de dinheiro para que você possa fazer um pequeno passeio pela Europa sempre que desejar; e não é só isso, mas você também*

*descobre as drogas, o álcool e as festas. Ao voltar, por que não acharia que Israel é o melhor país do mundo? Você então decide retornar eventualmente a Israel, e o sionismo atinge o seu objetivo. Se essa experiência de vida tão profunda tivesse ocorrido no Congo, muitos teriam ficado fascinados pelo Congo.*

*Insisto em dizer que a religião está deixando de ser o motivo principal das ações. É a sociedade que agora as regula.*

*Saudações.*

*Juan*

*P.S. Receio que a minha análise se limite à sociedade judaica da classe média-alta.*

13

24 de julho de 2003.

Caro Juan,

Uma vez mais, obrigado por sua última mensagem. Você me impressionou muito com sua capacidade de percepção e de análise.

Se você se lembra, eu lhe disse desde o início que não responderia como porta-voz da família da Paulina, mas compartilharia com você meus pensamentos pessoais sobre o tema.

No que se refere aos argumentos apresentados no artigo sobre casamentos mistos, é verdade que ele não reflete a opinião da maioria. Mas foi exatamente esse o objetivo – educar as pessoas (tanto os pais como os filhos) no que diz respeito aos *verdadeiros* motivos por que o judaísmo se opõe aos casamentos mistos.



O ponto central não é tanto *por que* não devem se casar com alguém que não seja judeu, mas que na realidade *não existe* casamento entre um judeu e um não-judeu, assim como *não existe* casamento entre irmãos biológicos.

Ademais, acredito firmemente que embora a maioria dos judeus de Montevidéu se oponha conscientemente ao casamento misto por motivos equivocados, isso nada mais é do que uma manifestação de sentimentos e convicções inconscientes.

A psicologia freudiana fala muito sobre o tema do inconsciente. O Talmud já o fez há milhares de anos! Nossos sábios nos ensinam que a ligação do judeu com Deus é indestrutível. Tudo o que um judeu fizer contra essa ligação se deve à ignorância, à falta de consciência e/ou a um momento de fraqueza. Em outras palavras, se o judeu estivesse plenamente consciente das verdadeiras consequências negativas de seus atos e tivesse controle de si mesmo, jamais os praticaria.

O mesmo é verdade no que se refere à nossa relação com a Terra de Israel. Talvez os jovens pensem que estão encantados por Israel por que ali se divertiram... Acho que as coisas são muito mais profundas, se bem que possam não ter consciência disso... Eles possuem um vínculo de alma com Israel.

O motivo da minha preocupação com o nível da educação judaica no Uruguai hoje em dia é precisamente o fato de os jovens não receberem as ferramentas com as quais saberiam ser judeus conscientes. O produto final da educação existente é uma pessoa cheia de conflitos, que não sabe como conciliar seus valores conscientes com suas convicções e intuições inconscientes.

O judeu é crente por natureza. A educação judaica formal e não-formal que os jovens recebem tende a negar essa condição de fé inata. A educação que eles recebem se alimenta de fontes e de critérios alheios ao judaísmo, que negam a condição especial do judeu. Ela tem

por objetivo *normalizá-lo* e redefini-lo como um cidadão do mundo. “Somos iguais a todos os demais, embora tenhamos certos costumes diferentes, um idioma e uma terra próprios.” Isso não funciona.

Não funciona porque não somos iguais aos demais. Somos essencialmente diferentes. Temos uma missão de vida que é totalmente diferente. Possuímos uma alma que é totalmente diferente. Temos necessidades espirituais totalmente diferentes. Temos conflitos espirituais totalmente diferentes.

Acontece que muitos judeus negam abertamente a sua condição de “diferentes”, porque não sabem como defendê-la ou porque não estão dispostos a assumir as responsabilidades que isso implica. No entanto, isso não muda o fato de que “são” diferentes.

Muitos vivem suas vidas tentando se convencer de que são iguais aos seus vizinhos não-judeus. Lutam contra a sua condição especial de judeus... Até ver que seus filhos os levaram a sério e adotaram essa filosofia até suas consequências máximas... Querem se casar com não-judeus... E de repente, os pais se dão conta de seu próprio engano. Opa! Não somos iguais! Não estávamos falando a sério!

Muitas vezes já é tarde demais...

Por isso, acho que nossas diferentes opiniões sobre esse assunto se devam ao fato de você estar julgando as aparências e os sintomas. Eu vejo as coisas pelo que de fato são e não pelo que parecem ser... O judeu não quer (realmente), nem pode romper sua ligação com Deus, ainda que não esteja consciente disso.

Um abraço,

*Eliezer*

14

2 de agosto de 2003.

Juan,

Há muito tempo que você não dá sinal de vida...  
Algum motivo especial?

Um abraço,

*Eliezer*

15

3 de agosto de 2003.

*Como vai, Eliezer?*

*Lamento não ter escrito antes, mas realmente quase não tenho tempo para nada, pois estamos em época de exames na faculdade e isso toma o pouco tempo que tenho.*

*As coisas logo voltarão ao normal e eu lhe escreverei sobre algumas inquietações, fruto de acontecimentos recentes.*

*Um abraço,*

*Juan*

16

15 de agosto de 2003.

Como vai, Juan?

Queria lhe fazer uma pergunta:

Tenho alguns conhecidos que se beneficiariam em ler o nosso diálogo. Eu naturalmente omitiria qualquer informação identificadora, a fim de proteger o anonimato das partes. Você se importaria?

Um abraço,

*Eliezer*

17

21 de agosto de 2003.

*Como vai, Eliezer?*

*Tudo bem?*

*Acabei de sair de uma época bastante complicada de exames. Só queria responder rapidamente o seu e-mail e, dentro de alguns dias, escreverei um pouco mais.*

*Não, não tenho problema nenhum em você compartilhar os nossos e-mails com outras pessoas. Pessoalmente, não acho que contribuí para o tema com algo que possa interessar a alguém. É mais do que óbvio que você jamais revelaria o nome da família da Paulina.*

*Nessa condição, certamente, vá em frente e compartilhe o nosso diálogo com quem quiser.*

*Eu me encontro agora numa fase decisiva do meu relacionamento com a Paulina. Os próximos dias determinarão o destino do mesmo.*

*Um abraço,*

*Juan*

18

14 de setembro de 2003.

*Como vai você, caro Eliezer?*

*Você certamente se perguntará por que precisei me desconectar um pouco do nosso diálogo...*

*Você deve entender que depois da fluente troca de ideias entre nós, aconteceu um caos enorme em minha cabeça. Minhas dúvidas sobre por que a Paulina e eu não deveríamos ficar juntos encontraram, de certa forma, sua resposta religiosa e também lógica. Meu questionamento com relação aos pais dela chegou ao fim, graças às suas palavras. No entanto, concordo com você: eles não sabem como defender sua posição. A maneira correta de lidar com isso não é ignorar a minha existência. É justamente o oposto.*

*Entenda isso: estamos juntos há mais de um ano. Amo a Paulina (mais do que possamos imaginar) e ela me ama (mais ainda do que conseguimos imaginar). Você deve se dar conta de que, numa sociedade como essa em que vivemos atualmente, ficar junto nos leva a crer que estamos lutando pelo verdadeiro amor etc. etc. Dar-se por vencidos seria uma derrota inaceitável.*

*Em resumo: estou muito apaixonado por ela, tanto quanto ela está apaixonada por mim, e nenhum de nós duvida disso. Eu já estive envolvido em relacionamentos anteriores – a Paulina também – e nunca nos sentimos tão felizes com outra pessoa. Os ingredientes que contribuem para o sucesso do relacionamento são: limites claramente estabelecidos entre a vida cotidiana dela e a minha. O fato de ela ter um círculo de amizades totalmente diferente do meu contribui para evitar que um invada o espaço do outro. Jamais encontrei em minha vida uma mulher tão maravilhosa e inteligente. É o melhor “partido” da minha vida.*

*Pois bem, qual foi então o motivo do meu silêncio? Eu me convenci a tal ponto de que nós não deveríamos ficar juntos que a deixei, sem me preocupar com o que ela pensava.*

*Resultado: muito sofrimento constante e ininterrupto para nós dois. Totalmente confuso, decidi voltar atrás. Pouco tempo depois, estávamos juntos novamente.*

*Foi então (um pouco por causa das exigências dela) que interrompi o meu diálogo com você, que enchia a minha cabeça de ideias que conduziam ao caminho correto, mas que ela não está disposta a tolerar por enquanto.*

*Entenda, pois, que por enquanto continuamos juntos e, se dependesse de mim, gostaria que isso fosse para sempre. Se eu tivesse que assinar algo que me comprometesse nesse exato momento, eu o faria imediatamente.*

*Meus amigos dizem: “Você pode deixá-la, mas não chore amanhã quando a vir com outro namorado goy...” E se isso acontecesse? Se eu estiver convencido de que judeus e não-judeus não devem ficar juntos, mas ela não? De que me serviu tanta clareza?*

*Outra coisa que me deixa muito magoado (um assunto que você, de algum modo, sempre evita...) é a atitude dos pais dela com relação a mim. Sei que você sempre diz que não pode falar por eles. A única coisa que eu gostaria de saber é o que você pensa sobre a atitude deles.*

*A qual atitude me refiro? Bem, há mais de um ano que a filha deles ama uma pessoa com a qual convive diariamente, que compartilha com ela infinitas horas, e mais... Entretanto, eles não demonstram nenhum interesse em me conhecer. Durante todo esse tempo em que estamos juntos, estive na casa dela uma única vez. Entrei na sala e sabia que a mãe dela estava em casa, mas ela nem veio me cumprimentar. Enquanto a Paulina se trocava no quarto, fiquei na sala, derramando lágrimas pelo sofrimento provocado pela indiferença da mãe, que sabia que o namorado da filha dela estava na sala, mas não era digno do seu cumprimento.*

*Depois de um tempo, como não havia alternativa, já que ela ia sair, a mãe da Paulina passou por mim, e disse: “Oi, Juan”, deu-me um beijo, me deu as costas e saiu.*

*Quando alguém lhe pergunta se a filha tem namorado, o que ela responde? “Sim, mas eu não o conheço, pois me incomodaria que ele frequentasse a nossa casa, porque é goy.”*

*Gostaria que você me dissesse qual seria a atitude correta que eu poderia exigir dos pais da Paulina.*

*Na semana passada, a Paulina veio à minha casa e, como sempre, começou a chorar. Ela disse que não podia mais suportar as reclamações da mãe. Ela é uma excelente aluna. Acabou de se formar como contadora e já está estudando para outra carreira. É responsável, superinteligente e uma ótima pessoa. Mas acorda de manhã e vai dormir à noite ouvindo a mãe dizer que ela está destruindo a família, que é a causa do sofrimento dos pais e que os avós irão morrer por causa dela e do seu namorado goy. Será que isso é justo?*

*Será que eu mereço que me deixem à porta e que a mãe me atenda ao telefone como seu fosse um ninguém? Será que o fim justifica os meios? Ensinaram-me que isso está errado.*

*Um abraço,*

*Juan*

*P.S. Por favor, tente não me responder com perguntas...*

*P.P.S. Você compartilhou nossos e-mails com alguém? Recebeu algum comentário interessante?*

19

14 de setembro de 2003.

Juan,

Muito obrigado por seu e-mail.

No que diz respeito à sua atitude por todo o tempo em que nos “conhecemos”, não tenho senão admiração por sua inteligência, sinceridade e força de caráter. É óbvio por que a Paulina gosta tanto de você.

Penso que há duas coisas que foram negligenciadas:

1. O fato de eu não dialogar com ela, para lhe dar os elementos necessários para chegar às mesmas conclusões que você.
2. Não conversar pessoalmente com vocês dois, em conjunto e/ou separadamente.

Embora esse meio de comunicação que usamos tenha as suas vantagens, tem igualmente as suas limitações: impede uma comunicação fluente e pessoal. Não insisti em encontrar você pessoalmente, porque já havia feito o convite e achei que você o aceitaria se e quando tivesse vontade. Ainda podemos corrigir esses dois erros.

Voltando ao nosso diálogo eletrônico, creio que há algo muito importante que deva ser considerado. Não seria uma má ideia se vocês



se casassem. Se isso apenas fosse *possível*. Mas o fato é que é *impossível*. Por mais formalidades que vocês cumpram e por mais documentos que assinem, o fato não muda. Um judeu não pode se casar com um gentio. Penso que tão logo vocês assumam isso como uma realidade inalterável, a tentação de fazê-lo desaparecerá. Repito o exemplo que lhe dei em outra ocasião. Imagine se vocês descobrissem que são irmãos biológicos. Apesar de estarem profundamente apaixonados um pelo outro, vocês se casariam? Pense um pouco sobre isso...

Você tocou num ponto muito importante. Disse que se rompessem o relacionamento, isso seria uma espécie de derrota. Será que pensariam da mesma forma se descobrissem que são irmãos biológicos? Creio que não. Achariam que tiveram muita sorte em descobrir quem são realmente. Romper esse relacionamento não implica uma derrota, muito ao contrário. É a maior de todas as vitórias. Deixe-me explicar por quê.

Nossos sábios definem como “forte” aquele que domina os seus instintos (*Ética dos Pais* 4:1). Consideram-no mais forte do que um conquistador de cidades. Por quê? Aquele que governa milhares ou milhões de pessoas possui apenas um poder relativo: ele é mais forte do que milhões de pessoas mais fracas do que ele. Por outro lado, aquele que controla os seus instintos possui uma força verdadeira e, portanto, é mais forte do que o conquistador de cidades, já que possui outro tipo de força. Por quê?

Quem é tão forte quanto esse conquistador de cidades? Ele próprio. Se pode apenas dominar aqueles que são mais fracos, mas não pode controlar a si mesmo, será ele verdadeiramente forte? Ele é fraco, simplesmente não tão fraco como os outros.

Aposto que durante o tempo em que a deixou você teve – dentro da dor – uma sensação de paz interior e enaltecimento pessoal por tomado a decisão certa. Como a Paulina não compartilhou tal decisão com você, é claro que foi difícil resistir à tristeza e às lágrimas da pessoa que, neste momento, você tanto ama. Se ela tivesse compartilhado

a decisão e essa sensação de alegria por ter conseguido superar a si mesma e fazer o que é correto, as coisas teriam sido diferentes. Ambos se sentiriam acompanhados e apoiados pela separação.

Uma pergunta hipotética: se ela viesse e dissesse: “Juan, percebi que você tem razão. Estou disposta a acompanhá-lo nessa difícil decisão. Cheguei à mesma conclusão que você”, você não se sentiria aliviado?

De certa forma, para ela é muito mais difícil romper esse relacionamento do que para você, já que a sua decisão se basearia em considerações pessoais, ao passo que se a opção fosse dela, poderia ser atribuída à pressão dos pais. Se você decidir terminar a relação, é uma demonstração de força. Ninguém o pressionou. Se a iniciativa for dela, ela pode se sentir derrotada pela pressão. Além disso, a sua decisão de terminar o namoro baseou-se na convicção de que estava fazendo a coisa certa. Ela, por outro lado, nunca se perdoaria por ter sacrificado você pelo desejo dos pais. “Que espécie de mulher e de ser humano eu sou, se abandono uma pessoa que me ama tanto e a quem eu amo tanto apenas porque meus pais não gostam dele?...” Penso que posso entendê-la.

Creio que neste momento ajudaria se ela interviesse nesse diálogo.

Acho que ela está fazendo exatamente o que não quer fazer. Ela não quis tomar a decisão de romper o relacionamento para não ceder à pressão dos pais, e acaba tomando a decisão de prosseguir *como reação a essa pressão*.

Sei que a Paulina é uma jovem muito inteligente. Acho que se ela pudesse se libertar das pressões externas e tomar uma decisão baseada nas suas próprias descobertas a respeito dos assuntos em questão, e não como reação a tais pressões, vocês alcançariam os resultados que verdadeiramente estão procurando...

No que se refere à minha opinião sobre os pais dela, penso que

se comportam dessa maneira por causa de dor, receio e frustração, e não por raiva ou desprezo. Dor porque a filha rejeita a sua tradição, receio pelo futuro dela e frustração por não terem conseguido lhe dar os elementos necessários para ajudá-la a compreendê-los e ser capaz de percorrer o labirinto da vida com sucesso. Parece-me que você é capaz de entendê-los. Eles não nutrem sentimentos negativos para com não-judeus. Mas isso não significa que devam, portanto, aceitar que sua filha se case com alguém que não seja judeu, abandonando a sua identidade, o seu povo e o seu Deus. Ainda que eles sejam incapazes de articulá-lo, sentem-no em suas entranhas. Não é nada pessoal contra  *você*. Diz respeito a *ela* e a *eles*.

Até mesmo no reino animal é instintivo deixar descendentes. É natural resistir à perda de um filho... Não quero ser repetitivo, porém, para os pais da Paulina, como os filhos da sua filha se definirão? Com qual povo se identificarão: com o do pai ou com o da mãe?

Minha resposta acabou sendo mais longa do que eu pretendia no início, mas quis atender o seu pedido de dar uma resposta sem perguntas. Tudo bem?

Sim, eu mostrei os e-mails para outras pessoas (mudando, naturalmente, os nomes e os detalhes identificadores). Todas elas concordam com você em muitas coisas. Concordam que muitos dos seus amigos, que passam por situações semelhantes, não possuem os elementos mais básicos para tomar decisões com conhecimento de causa. Os seus argumentos e comentários são muito precisos e realçam a situação real.

Aguardo a sua resposta.

Um abraço,

*Eliezer*

20

29 de setembro de 2003.

SHANÁ TOBÁ!

Para você e sua família. (É assim que se escreve?)

Meus melhores votos para você e os seus!

*Juan*

21

5 de outubro de 2003.

Juan,

*SHANÁ TOBÁ!**Para você e sua família. (É assim que se escreve?)*

Vivemos numa democracia... Cada um escreve o que quiser, como quiser... Eu escreveria “Shaná Tová”.

*Meus melhores votos para você e os seus!*

Muito obrigado. Igualmente.

Alguma novidade na “montanha russa”?

Um abraço,

*Eliezer*

## 22

21 de novembro de 2003.

*Caríssimo amigo Eliezer,*

*Retomo hoje meu agradável contato com você, depois de passar algumas semanais infernais de fim de semestre na faculdade. As aulas terminaram na sexta-feira passada e começamos o período de exames, que irá até o fim de dezembro.*

*Devo confessar que agora estou um pouco constrangido. Por quê? Bem, porque depois de todo o diálogo que mantive com você, com a Paulina e comigo mesmo, cheguei à conclusão de que pretendo continuar o meu relacionamento com ela. Os motivos?*

*Cheguei à conclusão de que é ela, e não eu, quem deve se preocupar com os aspectos religiosos, quem deve optar pela religião ou pelo relacionamento. Eu a amo muito e não a deixarei por causa do meu frágil cristianismo. É a vez de ela decidir, e ela já o fez há muito tempo: quer ficar comigo. O que estou dizendo, em outras palavras, é o seguinte: imagine se eu a deixasse hoje pelos motivos religiosos que ambos conhecemos. Ela não quer terminar o relacionamento e estaria disposta a se casar amanhã. Ela jamais suportaria separar-se de mim (palavras dela...).*

*No artigo sobre casamentos mistos que você me enviou, você conta uma história sobre uma moça que estudava a fim de se converter e que, no final dos seus estudos, disse ao noivo: “Você acha que eu me casaria com alguém que estava disposto a se casar com uma não-judia?...” Você se lembra? Pois bem, isso de certo modo se aplica ao meu caso. Depois de ler muito sobre o tema e entender parcialmente alguns assuntos que eu antes ignorava, ela sem dúvida é uma “daquelas” que pretende se casar com um não-judeu. O que isso*

*significava na história? Alguém que não é digno de se casar com um judeu? Alguém que é judeu apenas de “neshamá”? Não sei. Enfim...*

*O fato é que se eu a deixasse por minhas convicções, seria como prestar uma homenagem a alguém que adora a sua religião, seria uma espécie de presente, algo que eu sei que ela apreciaria mais tarde, e não creio que esse seja o caso da Paulina. Ela é bem madura, estudou muito sobre a sua religião, “esbarrou” em judeus durante toda a vida, conhece mais a respeito do tema do que a maioria dos jovens da sua idade e, mesmo assim, está tomando essa decisão... Eu não estudei nem um décimo do que ela estudou, não conheço sequer a milésima parte dos judeus que ela conhece, nem mesmo sou judeu... Você acha que eu poderia saber o que é melhor para ela?*

*Agora que tomei a decisão de seguir adiante no nosso relacionamento, receio que não mais encontrarei em você um aliado. Talvez você perca todo o interesse nas nossas conversas... Não sei. Mas imagino que você continuará tentando me convencer, certo?*

*Mudando de assunto, a mãe da Paulina ganhou o meu ódio a tal ponto que, se eu deixasse a Paulina, tornaria a mãe dela a pessoa mais feliz do mundo. Acredite-me, não é o que ela merece.*

*O meu relacionamento com a Paulina já tem mais de um ano, e vi seus pais poucas vezes. Na casa dela todos sabem que eu existo, sabem perfeitamente por que não vou lá e, apesar disso, sorriem diariamente como se nada tivesse acontecido. Talvez eu veja tudo de forma tão horrível porque na minha casa uma coisa dessas nunca aconteceria.*

*A prova explícita de como a família da Paulina se comporta mal é a seguinte: minha mãe, que é uma católica devota, que vai à igreja todos os domingos etc. – certamente não quer para seu filho uma moça judia. É óbvio que ela preferiria que eu me casasse com uma moça cristã, com as bênçãos da Igreja. Contudo, ela adora a*

*Paulina, a abraça sempre que vem à nossa casa, a convida para comer conosco e a trata como todo ser humano merece ser tratado. Minha mãe não permite que seus desejos pessoais, para si mesma e para mim, interfiram no meu relacionamento com a Paulina.*

*Por outro lado, temos a mãe da Paulina, que é judia “pour la galerie”, como se diz, para se exhibir. Ela transforma a nossa relação num inferno... Creio que a questão ficou bem clara, não é?*

*Em minha casa não é admitido nenhum tipo de discriminação. Meus amigos de infância, cujas casas eu frequentava diariamente, eram de diversas origens étnicas e religiosas. Talvez por essa razão eu não possa conceber a discriminação explícita que ocorre na casa dos ..... É uma atitude deplorável e condenável, que não tem nenhuma justificativa. Insisto nesse ponto, já que eu nunca soube qual a sua opinião a respeito, e gostaria de entendê-la.*

*Um abraço,*

*Juan*

*P.S. Se eu lhe pedisse para conversar com a mãe da Paulina, para fazê-la compreender que eu mereço no mínimo uma explicação, que ao fechar a porta na minha cara ela não vai conseguir nada, que eu não sou nenhum pária, que mereço um mínimo de respeito..., você o faria?*

21 de novembro de 2003.

Caro Juan,

Obrigado por seu e-mail. Você diz:

*No artigo sobre casamentos mistos que você me enviou, você conta uma história sobre uma moça que estudava a fim de se converter, e no final dos seus estudos, disse ao noivo: “Você acha que eu me casaria com alguém que estava disposto a se casar com uma não-judia?...” Você se lembra? Pois bem, isso de certo modo se aplica ao meu caso. Depois de ler muito sobre o tema e entender parcialmente alguns assuntos que eu antes ignorava, ela sem dúvida é uma “daquelas” que pretende se casar com um não-judeu. O que isso significava na história? Alguém que não é digno de se casar com um judeu? Alguém que é judeu apenas de “neshamá”? Não sei. Enfim...*

Significa simplesmente que, ao dar-se conta do que era realmente viver como uma judia e tendo adotado essa vida para si, ela percebeu que seria incapaz de compartilhá-la ou de constituir uma família judaica com alguém que se preocupava tão pouco com a questão e que estivesse disposto a se casar com uma pessoa que nada tinha a ver com o judaísmo. Por exemplo, se você estudasse o judaísmo a ponto de estar convicto de sua legitimidade e optasse por adotá-lo como sua própria identidade e modo de vida, você se sentiria compatível com uma moça que não se preocupa absolutamente com nada disso e está disposta a sacrificar tudo pelo amor (próprio)?

*O fato é que se eu a deixasse por minhas convicções, seria como prestar uma homenagem a alguém que adora a sua*



*religião, seria uma espécie de presente, algo que eu sei que ela apreciaria mais tarde, e não creio que esse seja o caso da Paulina. Ela é bem madura, estudou muito sobre a sua religião, “esbarrou” em judeus durante toda a vida, conhece mais a respeito do tema do que a maioria dos jovens da sua idade, e mesmo assim está tomando essa decisão... Eu não estudei nem um décimo do que ela estudou, não conheço sequer a milésima parte dos judeus que ela conhece, nem mesmo sou judeu... Você acha que eu poderia saber o que é melhor para ela?*

Não vejo as coisas dessa forma. Não se trata de respeitar alguém, mas de fazer o que é correto. É óbvio que é difícil esperar que você se importe com isso mais do que ela, ou seja, se ela não se incomoda com a religião dela, por que você deveria se incomodar? Contudo, penso que a questão não termina aqui. Quem impede você de aprender mais sobre o tema e chegar às suas próprias conclusões, com base em informações sólidas, independentemente das dela?

Mais ainda, penso que a pergunta aqui é: a Paulina está tomando sua decisão com base no que ela acredita ser correto ou com base nos seus sentimentos, sem levar em consideração o que ela acredita ser correto? Está decidindo com a cabeça ou com o coração? Está tomando sua decisão com lucidez?

Pense bem. Por que ela tem medo ou está constrangida em discutir esse assunto comigo? Por acaso você teve algum problema em conversar comigo sobre o tema? É claro que não. Você não tinha nada para esconder, nada do que fugir. A sua relação sempre foi e continua sendo uma relação de franqueza e transparência total... Você sabe se há qualquer outro tema sobre o qual a Paulina se recusaria a conversar? A preocupação, portanto, não é a de protegê-la de você, mas de protegê-la (e a você) de si mesma e do seu processo de decisão... na luta constante que todos nós temos entre a mente e o coração.

*Agora que tomei a decisão de seguir adiante no nosso relacionamento, receio que não mais encontrarei em você um aliado. Talvez você perca todo o interesse nas nossas conversas... Não sei. Mas imagino que você continuará tentando me convencer, certo?*

Não sou um juiz, nem tampouco o policial de Deus. Tento compartilhar meus conhecimentos com aqueles que estejam interessados ou que deles possam tirar proveito. Estarei sempre ao seu dispor para continuar a esclarecer as coisas de acordo com as minhas possibilidades. Sou um aliado da busca sincera...

*Mudando de assunto, a mãe da Paulina ganhou o meu ódio a tal ponto que, se eu deixasse a Paulina, tornaria a mãe dela a pessoa mais feliz do mundo. Acredite-me, não é o que ela merece.*

Isso tampouco deveria ser um motivo para deixá-la ou para continuar com ela...

*O meu relacionamento com a Paulina já tem mais de um ano, e vi seus pais poucas vezes. Na casa dela todos sabem que eu existo, sabem perfeitamente por que não vou lá e, apesar disso, sorriem diariamente como se nada tivesse acontecido. Talvez eu veja tudo de forma tão horrível porque na minha casa uma coisa dessas nunca aconteceria. A prova explícita de como a família da Paulina se comporta mal é a seguinte: minha mãe, que é uma católica devota, que vai à igreja todos os domingos etc. – certamente não quer para seu filho uma moça judia. É óbvio que ela preferiria que eu me casasse com uma moça cristã, com as bênçãos da Igreja. Contudo, ela adora a Paulina, a abraça sempre que vem à nossa casa, a convida para comer conosco e a trata como todo ser humano merece ser tratado. Minha mãe não permite que seus desejos pessoais, para si mesma e para mim, interfiram no meu relacionamento*

*com a Paulina. Por outro lado, temos a mãe da Paulina, que é judia “pour la galerie”, como se diz, para se exibir. Ela transforma a nossa relação num inferno... Creio que a questão ficou bem clara, não é?*

Não creio que a intenção dela seja “complicar” o seu relacionamento com a Paulina. Ela certamente o faz por outros motivos, como lhe explicarei adiante.

*Em minha casa não é admitido nenhum tipo de discriminação. Meus amigos de infância, cujas casas eu frequentava diariamente, eram de diversas origens étnicas e religiosas. Talvez por essa razão eu não possa conceber a discriminação explícita que ocorre na casa dos ..... É uma atitude deplorável e condenável, que não tem nenhuma justificativa. Insisto nesse ponto, já que eu nunca soube qual a sua opinião a respeito, e gostaria de entendê-la.*

Creio que já lhe dei a minha opinião a respeito disso. Não se trata de discriminação contra quem não é judeu, porém – mesmo no caso de uma família que não cumpra todos os preceitos do judaísmo –, no caso de casamentos mistos estamos falando de uma ruptura clara e praticamente irreversível. Sua filha está prestes a romper uma cadeia que foi formada ao longo de milênios, com grande sacrifício. Ainda que você possa considerar a mãe da Paulina como judia *pour la galerie*, tenho certeza de que ela – como praticamente todo judeu da sua geração – fez grandes esforços e sacrifícios pessoais por ser judia. Embora ela talvez ainda não tenha conseguido superar todos os desafios com os quais se deparou, isso não significa que não haja questões que a afetam clara e profundamente. Ser mais ou menos observante é uma questão de matizes. Ser ou não judeu, pertencer ou não pertencer ao mesmo povo e à mesma história e destino, é uma questão inequívoca, sem quaisquer matizes.

Talvez seja muito difícil para você imaginar até que ponto esse tema é profundo. Creio que o exemplo que você traz sobre a sua

família não se aplica. A fé da sua mãe é algo pessoal *dela*, pelo qual *ela* optou. Se você não compartilha a fé dela, por que ela deveria impô-la a você? Ela optou por aquilo em que acredita e, logicamente, deveria concordar que você escolhesse aquilo no qual acredita. Além disso, mesmo que quisesse, não poderia impor-lhe as suas crenças, porque a fé é uma questão pessoal de cada um. Você acredita ou não. Se você acredita, então pertence àquela religião, e se não acredita, não pertence. Não existe, por exemplo, cristãos ateus. Estes são dois termos mutuamente excludentes.

Deixe-me, porém, perguntar-lhe algo. A sua mãe aceitaria, por exemplo, que você a substituísse por outra mãe? Você certamente deve estar pensando: “Que pergunta mais ridícula!” Certo? Mas pense bem... Se ela o ama tanto, e se é tão tolerante, por que se importaria se você decidisse trocá-la por outra? Por que ela deveria se importar? Ela pode ser acusada de intolerante e discriminatória? A resposta é óbvia: você é parte dela. Para sempre. Sangue do seu sangue. “Desconectá-lo” de si seria como arrancar-lhe um braço (para dizer pouco).

O caso da Paulina e da mãe dela é semelhante a essa pergunta “ridícula” que formulei antes. Ser judeu – para quem nasceu judeu – é uma condição que independe de sua vontade, do mesmo modo que ser filho de determinados pais não depende de desejos ou preferências. Ser judeu implica uma pertinência tão ou mais forte que os laços entre pais e filhos. É mais do que uma questão afetiva. É uma questão de conexão essencial, não circunstancial. Não é racional. Renegar a própria condição de judeu é como optar por ter outra mãe. Não é como escolher uma carreira ou adotar um estilo de vida diferente. Você já viu alguém que, calmamente, permitiria que lhe arranquem um braço?

Não sei se consegui expressar meu ponto de vista de forma inteligível – além do fato de você concordar com ele ou não. Se eu escrevi algo que não ficou claro, diga-me francamente.

*P.S. Se eu lhe pedisse para conversar com a mãe da Paulina, para fazê-la compreender que eu mereço no mínimo uma explicação, que ao fechar a porta na minha cara ela não vai conseguir nada, que eu não sou nenhum pária, que mereço um mínimo de respeito..., você o faria?*

Não sei se me compete tomar a iniciativa de falar com ela sobre isso. Tento respeitar o espaço dos outros... Se alguma vez ela tocar no assunto, lhe direi o que penso. Repare que tampouco falei com a Paulina, esperando que ela concorde em conversar comigo...

Aguardo sua resposta.

Um abraço,

*Eliezer*

P.S. Uma pergunta: a Paulina está ciente de tudo o que conversamos?

24

21 de novembro de 2003.

*Eliezer,*

*Como vai?*

*Desculpe-me dizer isso, mas algumas das coisas que você escreveu no último e-mail me pareceram um tanto sinistras.*

Quem impede você de aprender mais sobre o tema e chegar às suas próprias conclusões, com base em informações sólidas, independentemente das dela?

*Independentemente das dela? Você acha que eu deveria tomar decisões que dizem respeito ao casal, independentemente?*

Está decidindo com a cabeça ou com o coração? Está tomando sua decisão com lucidez?

*Antes de tudo, eu gostaria de ouvir mais exemplos de situações em que é melhor escolher com a cabeça do que com o coração...*

*Por outro lado, estou muito ofendido por você continuar a justificar as atitudes da mãe da Paulina. Entendo que você não é juiz, nem policial, mas o que a família dela está fazendo é injustificável. Não espero que abram a porta da casa deles e me convidem para comer, oferecendo-me a filha deles numa bandeja de prata.*

*Você acha que eu não mereço que me digam, pelo menos uma vez: “Entre, sente-se, deixe-nos explicar-lhe por que não podemos permitir que você frequente a nossa casa”? Por acaso presumem que eu já sei o motivo e, portanto, não mereço nenhuma explicação da parte deles? O fato de ser um “goy” e namorado da filha deles não me transforma numa pessoa indigna. Este é o erro “ad hominem” que os pais da Paulina estão cometendo.*

*No aguardo de suas respostas,*

*Juan*

*P.S. Afinal de contas, se você tanto insiste que é impossível deixar de ser judeu, qual o problema de ela se casar comigo? Os filhos dela serão, de todo modo, judeus. Por acaso se trata de uma questão social?*

## 25

21 de novembro de 2003.

Juan,

Como vai? Obrigado por seu e-mail. Você escreve:

*Desculpe-me dizer isso, mas algumas das coisas que você escreveu no último e-mail me pareceram um tanto sinistras.*

Quem impede você de aprender mais sobre o tema e chegar às suas próprias conclusões, com base em informações sólidas, independentemente das dela?

*Independentemente das dela? Você acha que eu deveria tomar decisões que dizem respeito ao casal, independentemente?*

Se você reler o que escrevi, verá que eu não me referia a *tomar decisões* de forma independente, porém a você chegar às suas próprias *conclusões* sobre o assunto e poder discuti-las com ela, se as suas conclusões não concordarem com as dela.

Está decidindo com a cabeça ou com o coração?

Está tomando sua decisão com lucidez?

*Antes de tudo, eu gostaria de ouvir mais exemplos de situações em que é melhor escolher com a cabeça do que com o coração...*

A vida está cheia de exemplos... Escolher entre estudar para um exame ou ir passear, por exemplo...

*Por outro lado, estou muito ofendido por você continuar a justificar as atitudes da mãe da Paulina. Entendo que você não é juiz, nem policial, mas o que a família dela está fazendo é injustificável. Não espero que abram a porta de sua casa e me convidem para comer, oferecendo-me a filha*

*deles numa bandeja de prata. Você acha que eu não mereço que me digam, pelo menos uma vez: “Entre, sente-se, deixe-nos explicar-lhe por que não podemos permitir que você frequente a nossa casa”? Por acaso presumem que eu já sei o motivo e, portanto, não mereço nenhuma explicação da parte deles? O fato de ser um “goy” e namorado da filha deles não me transforma numa pessoa indigna. Este é o erro “ad hominem” que os pais da Paulina estão cometendo.*

Juan, em nenhum momento eu justifiquei as atitudes dela. Eu estava simplesmente tentando explicar o que a motiva. É bem possível que eles não tenham a coragem de confrontá-lo pessoalmente, porque não sabem como explicar os motivos de sua oposição ao relacionamento de vocês. É possível que nem eles saibam defini-los muito bem. Veja, eu não tive nenhum problema em discutir esse assunto com você, sob todos os aspectos. Se eu apoiasse atitudes discriminatórias, você acha que eu me daria ao trabalho de lhe responder? Não justifiquei a mãe da Paulina, assim como também não julguei a Paulina... Repito: quem sou eu para julgar, condenar ou defender alguém, especialmente sem ter antes conversado com a pessoa?

*No aguardo de suas respostas,*

*P.S. Afinal de contas, se você tanto insiste que é impossível deixar de ser judeu, qual o problema de ela se casar comigo?*

*Os filhos dela serão, de todo modo, judeus. Por acaso se trata de uma questão social?*

Os filhos dela serão educados como judeus? Eles não serão também seus filhos? Você não terá, portanto, o direito de educá-los a ser como você? Sua mãe não terá a vontade e o direito de educá-los de acordo com a religião dela? Nesse momento você está pensando em filhos “virtuais”. Na prática, porém, é uma história totalmente diferente... Falo de experiência, com base em muitos casais que conheço.



Juan, faltou seu abraço no fim desse e-mail. Espero que não tenha sido intencional. Quero repetir o quanto respeito e admiro a sua sinceridade e inteligência. Se, em qualquer momento desse diálogo, algo que eu tenha dito ofendeu você, foi totalmente não intencional e eu lhe peço desculpas. Pretendo apenas ser honesto, para que você possa entender melhor esse assunto que é tão complexo. O que complica as coisas ainda mais é o fato de não ter discutido isso com a Paulina ou com os pais dela. Talvez isso seja uma vantagem, porque, assim, o que quer que eu diga é objetivo, independente de qualquer caso específico. Que diferença realmente faz se a mãe da Paulina é hostil ou agradável? É essa a questão? Entendi que a sua preocupação principal era com a questão em si, não com uma análise do comportamento da mãe da Paulina. Foi só por sua insistência que falei sobre ela e suas atitudes.

Um abraço,

*Eliezer*

26

29 de novembro de 2003.

Caro Juan,

Aguardei ansiosamente a sua resposta ao meu último e-mail.

Não sei se você está dando um tempo para digerir-lo ou se ainda está aborrecido comigo...

Se o estiver digerindo, esperarei com paciência. Se estiver aborrecido comigo, gostaria de sabê-lo, para esclarecer as coisas.

Um abraço,

*Eliezer*

30 de novembro de 2003.

*Caro amigo,*

*Como vai?*

*Antes de tudo, quero lhe dizer que jamais fiquei zangado com você. Peço mil desculpas se o meu último e-mail fez com que você pensasse isso.*

*A verdade é que tenho dificuldade em compreender por que você justifica certas atitudes das pessoas. Isso é tudo. Mas eu jamais me zangaria com você por causa disso, pois eu me tornaria tão intolerante quanto os outros...*

*Eu entendo o seu ponto de vista e nunca ficaria aborrecido por algo assim. Não respondi antes porque estou bastante ocupado com os exames e não tenho muito tempo para nada. Lamento tê-lo feito esperar. Não foi essa a minha intenção. Uma vez mais, mil desculpas.*

*Ontem foi um dia bastante incomum. Ousei ficar à noite na casa da Paulina, e o dia terminou com a mãe dela fazendo um escândalo na sala de jantar, perguntando aos gritos se eu iria ficar ali por mais tempo... Foi horrível. Procuro constantemente tratar bem os pais da Paulina, ser exageradamente amável com eles, e a mãe dela reage dessa maneira... Retomo o mesmo assunto de sempre... Compreendo o motivo da angústia dela, mas não podemos viver segundo a lei de "o fim justifica os meios".*

*De todo modo, estou desolado, mais do que nunca, com a vida...*

*Um abraço,*

*Juan*

## 28

30 de novembro de 2003.

Juan,

*Antes de tudo, quero lhe dizer que jamais fiquei zangado com você. Peço mil desculpas se o meu último e-mail fez com que você pensasse isso.*

Nenhum problema. Que alívio!

*A verdade é que tenho dificuldade em compreender por que você justifica certas atitudes das pessoas. Isso é tudo. Mas eu jamais me zangaria com você por causa disso, pois eu me tornaria tão intolerante quanto os outros...*

Explicar não significa justificar. Justifico a oposição a casamentos mistos. Não justifiquei a atitude da mãe da Paulina. Tentei apenas compreender e explicar por que ela age assim.

*Eu entendo o seu ponto de vista e nunca ficaria aborrecido por algo assim. Não respondi antes porque estou bastante ocupado com os exames e não tenho muito tempo para nada. Lamento tê-lo feito esperar. Não foi essa a minha intenção. Uma vez mais, mil desculpas.*

Não faz mal. Valorizo muito o nosso diálogo, e é por isso que fiquei um pouco ansioso ao pensar que poderia perdê-lo... Além disso, respeito você muito para permitir que um comentário meu magoe você, sem querer...

*Ontem foi um dia bastante incomum. Ousei ficar à noite na casa da Paulina, e o dia terminou com a mãe dela fazendo um escândalo na sala de jantar, perguntando aos gritos se eu iria ficar ali por mais tempo... Foi horrível.*

*Procuro constantemente tratar bem os pais da Paulina, ser exageradamente amável com eles, e a mãe dela reage dessa maneira... Retomo o mesmo assunto de sempre... Compreendo o motivo da angústia dela, mas não podemos viver segundo a lei de “o fim justifica os meios”.*

Juan, por que a atitude da mãe da Paulina é tão importante? A questão em si não é mais importante? Você escreveu num dos últimos e-mails que chegou à conclusão de que se a Paulina – com toda a sua educação judaica etc. etc. – não se incomodava, por que você deveria se importar com as leis da religião dela mais do que ela própria? Boa pergunta. Entendo a partir disso que se ela chegasse à conclusão de que 1) a religião dela o proíbe; e 2) ela não quer renegar a sua religião – então você entenderia e aceitaria plenamente a decisão dela de romper o relacionamento. Isso significa, então, que o relacionamento continua simplesmente porque ela não entende e/ou não concorda com o que o judaísmo diz a esse respeito. Sendo assim, você não deveria ser o primeiro a insistir que ela fale comigo (por e-mail ou pessoalmente, em particular ou com você), para ver se ela realmente sabe, compreende e deseja as consequências do que está fazendo...? E você também não deveria lhe dizer que ela precisa entrar nesse diálogo totalmente aberta à possibilidade de que talvez, como resultado dele, ela possa mudar de opinião, e que você a apoiará nessa decisão (porque o que lhe interessa é se casar com uma mulher que sabe quem ela é e o que está fazendo, e não uma mulher que não sabe quem é e desconhece as implicações dos seus atos)?

Estou lhe dizendo isso porque acho muito provável que, no futuro, ela se dê conta de certas coisas que ignora neste momento, e é muito mais fácil conviver com uma mulher que quis (ou quer) se casar com você, do que com uma mulher arrependida de tê-lo feito... Compreendo que ela está muito apaixonada por você. Será que isso é uma vantagem? Ou será que ela nem mesmo quer cogitar sobre a possibilidade de deixá-lo porque o ama tanto e isso a deixa

cega? Ela obviamente não tem medo que eu a insulte ou a ameace. O que ela provavelmente mais receia é a possibilidade de que eu possa convencê-la, ou seja, que eu lhe apresente argumentos melhores ou mais objetivos que os dela. Se ela de fato o ama tanto, não deveria ser a primeira a querer se convencer de que está fazendo a coisa certa, e de que será a sua esposa fiel e feliz para sempre? Não é assim? Por mais que ela consiga se esquivar de mim agora, nada impede que amanhã ela se depare com outra pessoa que a faça ver aquilo que hoje ela opta por ignorar. O que vocês farão então?

Entendo que a atitude da mãe da Paulina possa ter muito peso. Você “não quer lhe dar o prêmio que ela não merece...” Porém, penso que vocês não deveriam permitir que isso influenciasse. Vocês devem distinguir entre uma batalha específica e entre a guerra em geral. Não faz sentido perder a guerra da vida pessoal para vencer a batalha específica com a mãe da Paulina. Ademais, o ódio pela mãe dela não é um estímulo saudável para nutrir o relacionamento do casal.

Há outro ponto importante que deve ser levado em consideração. A diferença entre o namoro e o casamento é enorme. Há casais que vivem juntos durante anos e se divorciam logo depois do casamento. Por quê? Um dos motivos é que, enquanto não estiverem casados, cada um sabe que pode sair do relacionamento sempre que quiser. Ninguém deve nada a ninguém. Entretanto, depois do casamento – mais ainda se tiverem filhos – a tensão psicológica é completamente diferente. “Como foi que me meti nessa confusão?” Imagino que para você pareça agora impossível que tal dia chegue. Mas se não acontecesse, seria um milagre. É natural que as coisas sejam assim. A atração que se sente por alguma coisa que não se tem é diferente da atração por algo que se tem (e inclusive se tem a obrigação de manter e de aguentar)...

Um casamento feliz não é aquele em que isso não acontece. Ao contrário, um casamento sólido é aquele no qual há as ferramentas com as quais é possível confrontar tais situações, à medida que surjam.

Pertencer a religiões, povos e culturas diferentes e incompatíveis, não ajuda a superar as diferenças; pelo contrário...

Você não acha que a melhor coisa para ambos seria que cada qual constituísse família com alguém que fosse realmente compatível, e não apenas superficial e circunstancialmente adequado? Na primeira opção, à medida que vocês crescem pessoalmente, mais sólido fica o casamento; na segunda opção, à medida que vocês crescem pessoalmente, o casamento enfraquece, porque vocês vão descobrindo como são profundamente incompatíveis...

Escrevi mais do que pretendia, porém para mim é difícil ver alguém sofrer sem tentar ajudar.

*De todo modo, estou desolado, mais do que nunca, com a vida...*

Você verá dias melhores...

Boa sorte nos exames (os da faculdade bem como os da vida real...)

Um abraço,

*Eliezer*

## 29

1º de dezembro de 2003.

*Eliezer,*

*Algumas questões rápidas...*

Se ela chegasse à conclusão de que 1) a religião dela o proíbe; e 2) ela não quer renegar a sua religião, então você entenderia e aceitaria plenamente a decisão dela de romper o relacionamento.

*Sem dúvida...*

Isso significa, então, que o relacionamento continua simplesmente porque ela não entende e/ou não concorda com o que o judaísmo diz a esse respeito. Sendo assim, você não deveria ser o primeiro a insistir que ela fale comigo (por e-mail ou pessoalmente, em particular ou com você), para ver se ela realmente sabe, compreende e deseja as consequências do que está fazendo...?

*Creio que ela está ciente das consequências e as compreende, mas no balanço de sua vida, nessa fase, ela se importa mais com o que seus sentimentos lhe dizem do que com o que a sua religião dita. A Paulina é uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Se ela não decide romper o relacionamento é porque não pode. Ela não seria capaz de suportá-lo.*

*Suponhamos que ela esteja convencida de que a melhor coisa para nós dois seria que cada qual se casasse com alguém da mesma religião. Então, a grande pergunta se repete: se ela não tem a força necessária para romper comigo (embora saiba que isso seria a melhor coisa para*

*nós dois...), deveria eu deixá-la, sem me importar com o que ela diz? (Espero uma resposta afirmativa ou negativa.).*

Compreendo que ela está muito apaixonada por você. Será que isso é uma vantagem? Ou será que ela nem mesmo quer cogitar sobre a possibilidade de deixá-lo porque o ama tanto e isso a deixa cega?

*Vejo que você percebe a magnitude do amor da Paulina por mim. Se ela decidisse ignorá-lo, você acha que seria possível encontrar outro amor desse tipo “na esquina”?*

*Desde a minha adolescência, sempre gostei de fazer amizade com pessoas mais velhas, e percebi que muitos adultos ainda guardam um velho amor em sua alma. Muitos se arrependem de tê-lo deixado escapar... Eu não gostaria que isso acontecesse comigo.*

Entretanto, depois do casamento – mais ainda se tiverem filhos – a tensão psicológica é completamente diferente. “Como foi que me meti nessa confusão?” Imagino que para você pareça agora impossível que tal dia chegue. Mas se não acontecesse, seria um milagre.

*O dicionário Larousse que tenho na minha estante define “milagre” como “uma ocorrência que não pode ser explicada por causas naturais e que é atribuída à intervenção divina”. Isso seria maravilhoso. Mas acredito que a expressão que você usou se adapta mais à segunda definição: “Milagre: por casualidade, que ocorre raramente”. Ou seja, que acontece... mas com pouca frequência. Fato é que tenho uma possibilidade remota de ser feliz com a Paulina e com nossos filhos... E saber que existe uma possibilidade ínfima me deixa imensamente feliz! O risco de arruinar a minha vida é insignificante quando comparado com a felicidade de envelhecer ao lado da Paulina!*

*Conheço uma família da qual sou amigo há anos. O casamento é misto: ele é filho de judeus, e ela é cristã praticante. Seus filhos são estudantes brilhantes. Alguns se interessam mais pelo*



*judaísmo do que outros. Eu os conheço há muitos anos e posso afirmar que formam um casal muito feliz. Já conversei com eles muitas vezes sobre o meu caso, e eles constituem um exemplo de que existe a possibilidade de ser feliz num casamento misto. E como eles há milhares de outros.*

*Suponho que você terá muitas coisas a dizer... e espero ansiosamente a sua resposta.*

*Um forte abraço,*

*Juan*

30

1º de dezembro de 2003.

Juan,

Obrigado por seu e-mail. Você diz:

*Algumas questões rápidas...*

Se ela chegasse à conclusão de que 1) a religião dela o proíbe; e 2) ela não quer renegar a sua religião, então você entenderia e aceitaria plenamente a decisão dela de romper o relacionamento”.

*Sem dúvida...*

Isso significa, então, que o relacionamento continua simplesmente porque ela não entende e/ou não concorda com o que o judaísmo diz a esse respeito. Sendo assim, você não deveria ser o pri-

meiro a insistir que ela fale comigo (por e-mail ou pessoalmente, em particular ou com você), para ver se ela realmente sabe, compreende e deseja as consequências do que está fazendo...?

*Creio que ela está ciente das consequências e as compreende, mas no balanço de sua vida, nessa fase, ela se importa mais com o que seus sentimentos lhe dizem do que com o que a sua religião dita. A Paulina é uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Se ela não decide romper o relacionamento é porque não pode. Ela não seria capaz de suportá-lo.*

*Suponhamos que ela esteja convencida de que a melhor coisa para nós dois seria que cada qual se casasse com alguém da mesma religião. Então, a grande pergunta se repete: se ela não tem a força necessária para romper comigo (embora saiba que isso seria a melhor coisa para nós dois...), deveria eu deixá-la, sem me importar com o que ela diz? (Espero uma resposta afirmativa ou negativa.)*

Em outras palavras, o que você está perguntando é: “Se nós dois sabemos que seria correto romper nosso relacionamento, mas isso é extremamente difícil para nós, como poderemos fazê-lo de uma forma saudável, feliz e indolor, sem remorsos posteriores?”

Se essa interpretação da sua inquietude está correta, podemos continuar a explorar as possibilidades. Caso contrário corrija-me.

Compreendo que ela está muito apaixonada por você. Será que isso é uma vantagem? Ou será que ela nem mesmo quer cogitar sobre a possibilidade de deixá-lo porque o ama tanto e isso a deixa cega?

*Vejo que você percebe a magnitude do amor da Paulina por mim. Se ela decidisse ignorá-lo, você acha que seria possível encontrar outro amor desse tipo “na esquina”?*

Creio que é possível, não “na esquina”, mas ao redor de si mesma. Isso exigirá, antes de tudo, uma profunda reavaliação de sua parte sobre quem ela é, de onde vem e para onde vai. Porém, uma vez mais, esse tema se torna relevante apenas depois de resolver se a minha interpretação da sua pergunta é correta...

*Desde a minha adolescência, sempre gostei de fazer amizade com pessoas mais velhas, e percebi que muitos adultos ainda guardam um velho amor em sua alma. Muitos se arrependem de tê-lo deixado escapar... Eu não gostaria que isso acontecesse comigo.*

Como mencionei no e-mail anterior, desejar algo que não se tem não é a mesma coisa que desejar algo que se tem. Com muita frequência, um “velho amor” nada mais é do que uma realidade “virtual”, produto da imaginação de que “a minha vida com ela teria sido diferente”. Tudo isso não passa de pura especulação. Creio que em muitos desses casos, as pessoas confundem o amor profundo e verdadeiro com a paixão superficial...

*Conheço uma família da qual sou amigo há anos. O casamento é misto: ele é filho de judeus, e ela é cristã praticante. Seus filhos são estudantes brilhantes. Alguns se interessam mais pelo judaísmo do que outros. Eu os conheço há muitos anos e posso afirmar que formam um casal muito feliz. Já conversei com eles muitas vezes sobre o meu caso, e eles constituem um exemplo de que existe a possibilidade de ser feliz num casamento misto. E como eles há milhares de outros.*

Penso que é muito difícil saber o que realmente acontece na vida privada dos demais e no seu foro mais íntimo... As pessoas, em geral, tendem a dissimular e que tudo está bem... Além disso, como você sabe que tipo de experiências e de educação judaica o marido teve? Talvez a identidade judaica dele esteja muito latente e as coisas não se apresentem como um conflito. Ou talvez ele tenha optado pelo

subjetivo em vez do objetivo. Há uma quantidade infinita de variáveis possíveis. As estatísticas reais da vida, no entanto, demonstram um índice impressionante de divórcios (apesar do fato de as pessoas preferirem esconder a verdade...). Você acha que todas elas se casaram com pensamentos e sentimentos distintos dos seus?

É claro que há muitos casamentos felizes. Eu simplesmente apresentei o tema para ilustrar que o que se sente antes do casamento – sentimentos esses que servem para ocultar problemas reais ou potenciais –, e isso não é (necessariamente) uma indicação real do que se sentirá depois do casamento...

Depois do casamento fica-se com a realidade objetiva, sem a *anestesia* do amor inicial. E para superar essa situação, são necessárias ferramentas adequadas a fim de alcançar um amor mais profundo e autêntico.

Um peixe e um pássaro podem viver juntos enquanto estiverem tranquilos sobre a superfície do lago, sem manifestar as suas diferenças. Contudo, no momento em que surgir uma situação em que cada um responda de acordo com a sua natureza irremediável, tudo muda... Estar casado e compartilhar filhos é muito mais do que uma simples amizade.

*Suponho que você terá muitas coisas a dizer... e espero ansiosamente a sua resposta.*

Há muito mais para se dizer, mas creio que por hoje é suficiente. Aguardo a sua resposta e, por enquanto, um bom fim de semana...

Um abraço,

*Eliezer*

31

1º de julho de 2005.

Juan,

Só um alô para saber como vai você.

Um abraço,

*Eliezer*

32

2 de julho de 2005.

*Caro Shemtov,*

*Respondo ao seu e-mail para retribuir a sua incrível perseverança. Ignorei por muito tempo os seus e-mails pelo simples fato de não ter nada para dizer. Acredite-me, eu realmente prezo o seu interesse, mas ainda desconheço o seu verdadeiro motivo. Gostaria que você me explicasse. Tenho certeza de que não tem nada a ver com sua amizade com relação a mim; sejamos realistas, não existe um vínculo tão forte entre nós.*

*Talvez seja o vínculo com a Paulina, a quem você quer ajudar por meio de um diálogo comigo, ou talvez seja simplesmente a sua religiosidade que o impulsiona a se empenhar incansavelmente para fazer o melhor pela causa judaica no mundo. Gostaria muito de acreditar que o motivo que impediu que você deixasse de se interessar pelo tema, decorridos tantos meses desde o nosso primeiro e-mail, é o seu interesse pessoal por mim. Esclareça essa minha dúvida, por favor.*

*Deixe-me colocá-lo a par do que aconteceu na minha vida desde a nossa última correspondência. Em nível profissional me sinto muito realizado e satisfeito, já que ganho a vida fazendo o que gosto. Mas o meu coração está destruído. Meu relacionamento com a Paulina chegou recentemente ao fim. Receio que ao lhe contar isso a sua preocupação conosco termine, já que a ameaça da assimilação diminuiu no que concerne a nós. Desejo de todo o coração que não seja assim.*

*Ainda que a história com a Paulina esteja longe de terminar, a verdade é que estamos separados há alguns meses, e, apesar de procurarmos soluções, não conseguimos voltar a ficar juntos. Os motivos são muitos e variados, e embora eu ainda sinta que a amo como no primeiro dia, ela não está mais segura disso. Não é que ela sinta que não me ame, ela simplesmente não tem certeza que me ama. Há muitas coisas que desgastaram o nosso relacionamento, levando-nos a um ponto em que não queremos mais ficar juntos.*

*Nossos sentimentos minguaram por razões claras para nós dois. O elitismo incrivelmente retrógrado de que padece a sociedade judaica à qual a Paulina pertence, destrói por completo as esperanças de sermos cem por cento felizes como um casal de religiões distintas. Enfatizo a sociedade judaica à qual a Paulina pertence. Não quero fazer generalizações no que diz respeito a todos os judeus do mundo, porque é uma realidade que desconheço. Depois da longa relação entre nós, consegui entender certas coisas que assustariam qualquer um. Os “goys” do mundo não conhecem, graças a Deus, o elitismo professado por essa sociedade. Eu poderia até mesmo escrever um livro sobre isso. Argumentar que o “goy” discrimina indiscutivelmente o judeu seria cair na falácia do “você começou”, e não faz com que deixe de ser inaceitável que os judeus se conduzam da mesma forma.*

*A minha relação com a Paulina foi se desintegrando pela falta de apoio familiar na casa dela. Como todo mundo previa, eles acabaram me aceitando, no sentido de permitir que eu frequentasse a casa deles*

*e dando fim à sua hostilidade manifesta, mas era evidente para a Paulina que os pais não apoiavam o nosso relacionamento. Ela jamais teve a coragem de admitir isso aos avós dela, nem tampouco permitiu que eu frequentasse livremente o seu círculo social. A verdade é que estamos separados há vários meses, e os pais da Paulina nem se deram conta disso. A partir disso você percebe como eu raramente telefonava para ela e como era incomum eu frequentar a casa dela. Não porque eu não quisesse fazê-lo, mas por causa das atitudes de rejeição que eram evidentes.*

*Depois de vários anos, qualquer pessoa, inclusive os pais da Paulina, podiam ver que ela era a mulher mais feliz do mundo por estar ao meu lado. Tivemos uma relação incrível e bela. Éramos, potencialmente, um casal maravilhoso. Porém, era totalmente desagradável imaginar um futuro em que as duas famílias não conseguiriam manter uma relação entre si, um futuro no qual eu me sentiria eternamente rejeitado por uma sociedade que nos veria como parias de ambas as religiões.*

*Os pais da Paulina, ao vê-la feliz, deveriam ter dado preferência à felicidade dela, e não à deles. Mas não o fizeram; eles continuaram alimentando a esperança óbvia de que, algum dia, tudo terminaria e que a Paulina se casaria, como provavelmente acontecerá, com um judeu, filho de alguma família amiga, com dinheiro, que lhe daria o que eles consideram importante. Eles pautaram o destino da Paulina de acordo com seus próprios valores, e não com os dela.*

*Se ela, aos 22 anos, não se incomodava com nossas diferenças de origem religiosa, os pais deveriam ter respeitado isso. Se o que é bom para alguém a quem amo se opõe aos meus interesses pessoais, eu mentirei sobre as minhas preferências, para que a outra pessoa possa desfrutar do que é bom para ela. Essa é a minha compreensão da verdadeira religiosidade. Como o pai que mente ao filho, elogiando o desenho horrível que ele fez na escola.*

*A Paulina disse que a situação ideal teria sido aquela em que os pais ficassem tão empolgados quanto ela sobre o nosso futuro casamento. Ela acabou me enganando sobre a sua vida, não me lavando aos casamentos dos amigos e parentes, dando a desculpa de não ter um convite para mim, quando na realidade o motivo era a presença dos avós nas festas. A Paulina nunca perdeu a vergonha de estar comigo. A comunidade judaica a forçou a ter vergonha de me amar. Os valores que pregam faziam-na sentir constantemente que o seu amor era um crime, que era um erro. Esses valores judaicos são antivalores. Para uma pessoa como a Paulina, erros não são permitidos. Ela não os permite. Concordo com a ideia de evitar casamentos mistos, porém quando um relacionamento é praticamente inevitável, aquele valor deve ser rapidamente substituído por um desejo pela felicidade dos filhos. A comunidade se converte em individualidades conjuntas.*

*Não incentivem o casamento misto, mas não arruinem a felicidade dos que decidem ir adiante. É necessário evitá-lo, na medida do possível, mas é errado destruir os que já começaram. Seria como pretender abortar todas as gestações indesejadas. É óbvio que se deve evitar que as adolescentes engravidem, mas depois que isso acontece, a família deve dar todo o seu apoio. Imagine se a família decidisse fazer com que a filha grávida se sinta miserável e culpada. Um namoro feliz é semelhante ao período da gestação: algo está sendo gerado. Existe a possibilidade de induzir um aborto, mas a que preço?*

*Confio em que você saberá entender os meus argumentos, e sei que me responderá com inteligência e compreensão.*

*Um abraço,*

*Juan*



## 33

3 de julho de 2005.

Juan,

*Ainda desconheço o verdadeiro motivo do seu interesse.  
Gostaria que você me explicasse.*

Em primeiro lugar, obrigado por responder. Fiquei muito surpreso quando você interrompeu, de repente, o nosso diálogo, sem nenhuma explicação. Outro dia reli a nossa correspondência e decidi fazer um novo contato com você.

Por que dediquei tanto tempo e esforço à nossa correspondência? Confesso que, em grande parte, foi por motivos egoístas. Fiquei muito impressionado com a sua forma de apresentar as coisas e vi em você um interlocutor com quem valia a pena conversar sobre temas tão importantes como os que abordamos. Creio que você e eu desenvolvemos um belo roteiro para um grande sucesso de cinema, certo?

Sim, existia um elemento importante – se não o motivo mais forte – de querer contribuir com algo para a *causa judaica*. Isso vai muito além da relação particular entre vocês. O fato de você demonstrar tanto interesse em saber gerava em mim o interesse em esclarecer (ou, pelo menos, tentar). Em consequência de todo esse diálogo, é lógico que sinto um apreço por você.

*Receio que ao lhe contar isso a sua preocupação conosco termine, já que a ameaça da assimilação diminuiu no que concerne a nós.*

Estarei à sua disposição para esclarecer tudo o que eu puder com relação a qualquer assunto no qual você estiver interessado. Como eu disse no início do nosso diálogo, a minha responsabilidade não é simplesmente impedir que um judeu faça o que não deve, mas

também que um não-judeu faça o que não deve. Ou seja, a minha responsabilidade não começa e termina com a comunidade judaica, mas se estende à sociedade como um todo. Sinto, portanto, que o nosso diálogo recém começa.

*O elitismo incrivelmente retrógrado de que padece a sociedade judaica à qual a Paulina pertence, destrói por completo as esperanças de sermos cem por cento felizes como um casal de religiões distintas. Enfatizo a sociedade judaica à qual a Paulina pertence. Não quero fazer generalizações no que diz respeito a todos os judeus do mundo, porque é uma realidade que desconheço. Depois da longa relação entre nós, consegui entender certas coisas que assustariam qualquer um.*

Concordo com você que se trata de um tema complexo. Gostaria de assinalar, no entanto, que muitas das atitudes que você viu não são resultado da cultura judaica, mas de um grande desconhecimento dos valores judaicos. Há muita confusão no que concerne ao significado de ser judeu, e as consequências dessa ignorância são gravíssimas. Certamente isso me dói tanto ou mais que a você.

*Pautaram o destino da Paulina de acordo com os seus próprios valores, e não os dela. Se ela, aos 22 anos, não se incomodava com nossas diferenças de origem religiosa, os pais deveriam ter respeitado isso. Se o que é bom para alguém a quem amo se opõe aos meus interesses pessoais, eu mentirei sobre as minhas preferências, para que a outra pessoa possa desfrutar do que é bom para ela. Essa é a minha compreensão da verdadeira religiosidade. Como o pai que mente ao filho, elogiando o desenho horroroso que ele fez na escola.*

Entendo perfeitamente o que você quer dizer, mas há outra maneira de ver as coisas. Há situações em que a pessoa não se encontra nas melhores condições para tomar decisões corretas. Quando se está

apaixonado ou atraído por alguém, é muito difícil tomar decisões que impliquem o afastamento desta pessoa. A pessoa está cega de amor, perde a sua objetividade, e a responsabilidade de ajudá-la recai sobre os amigos e parentes. Nesse caso, pesam também a lei e a tradição judaicas. É o referencial que nos guia. Ainda que os pais da Paulina não façam uso desse referencial todos os dias e em todas as esferas da vida deles, isso não invalida as ocasiões em que optam em fazê-lo. Em outras palavras: eles erram quando não se comportam de acordo com a Torá, e não quando se comportam de acordo com ela.

*A comunidade judaica a forçou a ter vergonha de me amar. Os valores que pregam faziam-na sentir constantemente que o seu amor era um crime, que era um erro. Esses valores judaicos são antivalores. Para uma pessoa como a Paulina, erros não são permitidos. Ela não os permite. Concordo com a ideia de evitar casamentos mistos, porém quando um relacionamento é praticamente inevitável, aquele valor deve ser rapidamente substituído por um desejo pela felicidade dos filhos.*

Casar-se fora da religião é uma espécie de traição, além de constituir uma grave transgressão da Torá. Como se pode pretender que uma felicidade baseada numa transgressão tão flagrante seja aceita? Por que você acha mais importante sacrificar o bem-estar comunitário pela felicidade individual do que vice-versa?

*A comunidade se converte em individualidades conjuntas.*

Não entendi esta frase.

*Não incentivem o casamento misto, mas não arruinem a felicidade dos que decidem ir adiante.*

Esta não me parece uma proposta justa. Se o casamento misto é algo proibido, por que aceitá-lo mesmo quando nele se encontra a felicidade? Não se trata meramente de uma questão de preferências pessoais...

*É necessário evitá-lo, na medida do possível, mas é errado destruir os que já começaram. Seria como pretender abortar todas as gestações indesejadas. É óbvio que se deve evitar que as adolescentes engravidem, mas depois que isso acontece, a família deve dar todo o seu apoio. Imagine se a família decidisse fazer com que a filha grávida se sinta miserável e culpada. Um namoro feliz é semelhante ao período da gestação: algo está sendo gerado. Existe a possibilidade de induzir um aborto, mas a que preço?*

A mesma Torá que proíbe realizar abortos (salvo nos casos em que levar a gestação a termo ponha em risco a vida da mãe) proíbe a realização de casamentos mistos. Nem todas as gestações são comparáveis com a gestação da vida humana.

*Confio em que você saberá entender os meus argumentos, e sei que me responderá com inteligência e compreensão.*

Atendi às suas expectativas?

Um abraço,

*Eliezer*

P.S. Nunca lhe perguntei, mas sempre fiquei intrigado. Como foi que você me encontrou?

## 34

3 de julho de 2005.

*Eliezer,*

*Obrigado por sua dedicação. Agradeço sinceramente, mas embora eu concorde cem por cento que o nosso diálogo se pareça com um filme de sucesso, é impossível que estejamos de acordo. A sinopse é boa, mas o desenvolvimento das ideias não é compatível. Apesar de ter recebido uma educação cristã, atualmente, depois de tantas decepções com a minha religião e com a de outros, eu praticamente não acredito em nada que esteja escrito. Você, por outro lado, é um exemplo magnífico de fé e devoção à Torá, e isso nos transforma em indivíduos com pensamentos opostos e incompatíveis. Nosso diálogo foi possível por causa da nossa forma lógica similar de pensar e de analisar as coisas, porém os nossos valores são essencialmente diferentes.*

*Para mim, a Torá não é um ponto de referência para nada. Para você, é tudo. Não posso aceitar convenções baseadas em um livro ao qual não atribui nenhum valor, além daquele conferido à opinião ou à crença de quem o escreveu (ou inspirou). Admitir que tais valores são corretos implicaria em assumir que os meus são errados. A Paulina também reconhece que não acredita em mais nada que esteja relacionado à fé judaica. Se ela se casasse comigo, estaria condenada por seus pares a uma vida de frustrações. Isso seria considerado justo aos olhos de Deus? Deus prefere uma pessoa que é fiel à Torá, mas infeliz, a uma pessoa que, ao trair a Torá, vive uma vida feliz e plena?*

*Imagino que você responderá que nenhum judeu pode viver uma vida feliz e plena que não estiver de acordo com a Torá. Acredite-me, deve haver milhares de casos que provam o contrário. Você afirmaria que nenhum judeu assimilado morreu feliz sabendo que viveu sua vida de acordo com seus sonhos e expectativas?*

*Talvez você acredite que essa vida poderia ter sido melhor se ele a tivesse vivido de acordo com a Torá. Mas a grande diferença é que você creê que uma vida vivida com sacrifícios que beneficiam outros, mais do que a si próprio, é uma vida que valeu a pena, e é nesse ponto que discordamos. Eu faço sacrifícios diariamente, que deixam outras pessoas mais felizes do que eu, mas essa felicidade alheia faz com que eu me sinta melhor.*

*É por isso que considero a premissa totalmente falaciosa. Ela sempre termina sendo egoísta.*

*Viver em prol do benefício alheio pode me deixar feliz, ou seja, em última instância, sempre se procura a felicidade pessoal.*

*No entanto, pensar que todos seriam felizes se vivessem de acordo com a Torá é uma mera especulação. Contudo, entendo que você deve acreditar nisso, porque suponho que a sua fé se nutre dessa ideia.*

*Os valores que alimentam as nossas respectivas decisões e nos fazem crer nelas são essencialmente diferentes. Penso que você e eu podemos entender um ao outro, porém jamais estaremos de acordo. Se bem que concordar não seja o objetivo.*

*Caro Eliezer, esse mundo em que vivemos está certamente muito distante do que você quer que ele seja. Acredite-me, ele também está muito longe de ser o mundo que eu desejo.*

*Um abraço,*

*Juan*

*P.S. Consegui o seu e-mail por intermédio de um site judaico da internet.*

## 35

3 de julho de 2005.

Juan,

*Obrigado por sua dedicação, Eliezer. Agradeço sinceramente, mas embora eu concorde cem por cento que o nosso diálogo se pareça com um filme de sucesso, é impossível que estejamos de acordo.*

Portanto...

*A sinopse é boa, mas o desenvolvimento das ideias não é compatível. Apesar de ter recebido uma educação cristã, atualmente, depois de tantas decepções com a minha religião e com a de outros, eu praticamente não acredito em nada que esteja escrito. Você, por outro lado, é um exemplo magnífico de fé e devoção à Torá, e isso nos transforma em indivíduos com pensamentos opostos e incompatíveis. Nosso diálogo foi possível por causa da nossa forma lógica similar de pensar e de analisar as coisas, porém os nossos valores são essencialmente diferentes.*

Por isso é tão interessante. Apesar das diferenças, conseguimos manter um diálogo. Se pensássemos da mesma maneira, que interesse haveria em dialogar?

*Para mim, a Torá não é um ponto de referência para nada. Para você, é tudo. Não posso aceitar convenções baseadas em um livro ao qual não atribui nenhum valor, além daquele conferido à opinião ou à crença de quem o escreveu (ou inspirou). Admitir que tais valores são corretos implicaria em assumir que os meus são errados.*

E se esse fosse o caso?

*A Paulina também reconhece que não acredita em mais nada que esteja relacionado à fé judaica.*

Essa é uma postura muito fácil para adotar (“Não acredito”). Eu diria que ela realmente não faz ideia do que se trata, por mais que saiba das coisas.

*Se ela se casasse comigo, estaria condenada por seus pares a uma vida de frustrações. Isso seria considerado justo aos olhos de Deus? Deus prefere uma pessoa que é fiel à Torá, mas infeliz, a uma pessoa que, ao trair a Torá, vive uma vida feliz e plena?*

*Imagino que você responderá que nenhum judeu pode viver uma vida feliz e plena que não estiver de acordo com a Torá.*

A minha resposta é que o nosso compromisso com a Torá vai muito além do fato de isso nos deixar ou não felizes.

*Acredite-me, deve haver milhares de casos que provam o contrário. Você afirmaria que nenhum judeu assimilado morreu feliz sabendo que viveu sua vida de acordo com seus sonhos e expectativas?*

Deve haver milhões.

*Viver em prol do benefício alheio pode me deixar feliz, ou seja, em última instância, sempre se procura a felicidade pessoal.*

É dessa forma sem a Torá. Entretanto, quando se vive de acordo com a Torá, se faz o que se deve, independentemente da felicidade pessoal. Porque é a coisa certa a fazer. Por isso, é a chave para a verdadeira liberdade pessoal.

*No entanto, pensar que todos seriam felizes se vivessem de acordo com a Torá é uma mera especulação. Contudo,*



*entendo que você deve acreditar nisso, porque suponho que a sua fé se nutre dessa ideia.*

Uma vez mais, o objetivo da Torá é a verdade, e não necessariamente uma felicidade baseada na nossa definição ou percepção pessoal. Se a felicidade pessoal coincide com a verdade objetiva, ótimo. Quando houver conflito entre ambas, o indivíduo deverá enfrentar o desafio de escolher entre o que quer fazer e o que deve fazer.

*Os valores que alimentam as nossas respectivas decisões e nos fazem crer nelas são essencialmente diferentes. Penso que você e eu podemos entender um ao outro, porém jamais estaremos de acordo. Se bem que concordar não seja o objetivo.*

Isso é motivo para continuar o nosso diálogo, ou para interrompê-lo?

*Caro Eliezer, esse mundo em que vivemos está certamente muito distante do que você quer que ele seja. Acredite-me, ele também está muito longe de ser o mundo que eu desejo.*

O que você propõe que façamos a respeito?

*Um abraço,*

*Juan*

Igualmente,

*Eliezer*

36

3 de julho de 2005.

*Eliezer,*

*Respondo sucintamente porque estou de saída...*

*O problema que descobri no nosso último e-mail (e talvez já estivesse ali desde o primeiro) é o fato de vir à tona a pergunta universal: qual o objetivo da vida?*

*Acredito na ideia de alcançar a felicidade. E se esta for acompanhada pela felicidade alheia, melhor ainda.*

*Você acredita em outro propósito. Qual? Liberdade pessoal? Verdade objetiva? Creio que devíamos tê-lo definido desde o primeiro e-mail, já que com base nisso são feitas todas as possíveis escolhas na vida.*

*Um abraço,*

*Juan*

## 37

3 de julho de 2005.

Juan,

*Respondo sucintamente porque estou de saída...**O problema que descobri no nosso último e-mail (e talvez já estivesse ali desde o primeiro) é o fato de vir à tona a pergunta universal: qual o objetivo da vida?*

Que pergunta! Penso que antes de responder a essa pergunta devamos formular outra: será que a vida tem um objetivo?

*Acredito na ideia de alcançar a felicidade. E se esta for acompanhada pela felicidade alheia, melhor ainda.**Você acredita em outro propósito. Qual? Liberdade pessoal? Verdade objetiva?*

Sim. Em ambas.

*Creio que devíamos tê-lo definido desde o primeiro e-mail, já que com base nisso são feitas todas as possíveis escolhas na vida.*

Sendo assim, mãos à obra!

Um abraço,

*Eliezer*



**Parte 2**

**O DIÁLOGO  
COM ALEJANDRA**



## 1

De: Alejandra

Para: Rabino Eliezer Shemtov

Data: 4 de junho de 2005.

Assunto: Consulta

*Estimado Eliezer,*

*Meu nome é Alejandra Domínguez, sou argentina e tenho 24 anos. Vivo em Buenos Aires.*

*Nasci numa família católica, fui batizada, fiz a primeira comunhão e em seguida recebi a crisma. Nunca tive realmente muita fé e hoje estou completamente afastada da fé e da Igreja.*

*Há cerca de dois anos conheci um rapaz num bar em Buenos Aires. Fiquei sabendo depois que ele era judeu. Desenvolveu-se uma relação entre nós. Ele viveu por um tempo na Austrália e passamos a nos corresponder por e-mail. Ele então retornou para Buenos Aires e nosso relacionamento continuou. Conhecemos nossas respectivas famílias e amigos.*

*Desde o início ele abordou o tema da circuncisão em geral e da circuncisão dos nossos futuros filhos, falando da sua necessidade de ter uma família judaica... Eu, que realmente tenho pouco conhecimento sobre o tema, sempre lhe disse que poderíamos conciliar as duas culturas. Mas o sentimento nele era muito forte, tão forte que às vezes era incompreensível.*

*Eu estava disposta a ceder no que diz respeito à circuncisão dos meus filhos e a frequentar um clube judaico como ele queria, mas creio que para ele isso não era suficiente, porque há cerca de um mês ele decidiu terminar o nosso relacionamento. Ainda sinto muita dor por causa de toda a situação e não posso deixar de pensar no judaísmo e no que significa ser judeu.*

*Li seu artigo sobre casamentos mistos e embora eu compreenda racionalmente suas explicações a respeito, gostaria de perguntar-lhe algo relacionado ao Antigo Testamento. Estive lendo o Livro de Rute. Como os judeus explicam a história de Rute, a moabita, que se casou com um judeu e foi aceita?*

*Volto a repetir, embora eu entenda racionalmente os motivos que você apresenta sobre por que um judeu deveria se casar com uma judia, e não com uma não-judia, não posso compreender isso sob o ponto de vista do amor... Acredito profundamente que quando há amor e vontade de compartilhar a vida com uma pessoa, é uma razão mais do que suficiente para "rebelar-se contra as Escrituras".*

*Esses temas são emocionalmente muito pessoais... como foi a decisão do meu namorado.*

*Considero que a liberdade de escolher a pessoa com a qual se deseja compartilhar a vida é uma coisa que não pode ser negada a ninguém, e o sentimento de culpa que o judaísmo transmite às crianças, desde que são pequenas, é muito grande. Os conflitos e contradições com os quais se depara um homem judeu que se apaixona por uma moça que não é judia, são muito profundos e dolorosos.*

*Meus sentimentos de amargura são muito grandes. Desculpe-me*



*se invadi a sua privacidade com temas pessoais nos quais não consigo parar de pensar.*

*Obrigada desde já por ler a minha carta.*

*Saudações cordiais,*

*Alejandra*

## 2

Cara Alejandra,

Obrigado pelo seu e-mail. Desde já lhe garanto que você não invadiu a minha privacidade e não tem por que se desculpar.

Imagino a tormenta emocional pela qual você deve estar passando agora. “Por que eu deveria me privar do amor da minha vida por causa de regulamentações definidas há milênios, sabe lá por quem?”

Não deve ser nada fácil para você e eu gostaria de tentar ajudá-la.

Percebi duas perguntas concretas no seu e-mail:

- 1) Por que seu namorado judeu rejeitou você como esposa por não ser judia, se na Bíblia lemos que Rute, a moabita, foi aceita como judia?
- 2) Como é possível conciliar a contradição e o conflito entre a mente e o coração?

Quanto à história de Rute, a resposta é muito simples: Rute se converteu ao judaísmo. “Teu povo é o meu povo, Teu Deus é o meu Deus” (Rute 1:16).

Na verdade, um dos motivos pelo qual lemos o Livro de Rute na festa de *Shavuót* é porque *Shavuót* comemora a outorga da Torá

no Sinai e sua aceitação pelo povo judeu. Rute personifica a aceitação pessoal da Torá.

O judaísmo não proíbe o judeu de se casar com uma pessoa que não seja de origem judaica e que tenha se convertido ao judaísmo. É claro que essa conversão deve ser feita de acordo com as exigências da religião judaica.

Quanto ao conflito racional/emocional:

É muito comum que a mente e o coração estejam em desacordo; eles possuem naturezas e pontos de referência completamente diferentes. O judaísmo insiste que é a mente que deve comandar. Às vezes, conseguimos convencer nosso próprio coração por meios persuasivos, canalizando os sentimentos adequadamente; outras vezes, não temos alternativas e devemos ser autoritários, impondo sobre o coração uma disciplina pessoal de ferro.

Não sei se essas poucas linhas poderão ajudá-la. De todo modo, eu gostaria de receber seus comentários, e estou às suas ordens para continuar a esclarecer esse tema ou qualquer outro que esteja ao meu alcance.

Cordialmente,

*Eliezer*

*Caro Eliezer,*

*Obrigada por responder ao meu e-mail.*

*As coisas são realmente como você diz: a tormenta emocional que estou atravessando é muito grande.*

*Obrigada pela explicação sobre o Livro de Rute. Continuarei a ler os livros. Gostaria de saber se posso lhe enviar mais perguntas à medida que forem surgindo durante a leitura, porque é muito mais fácil estudar quando se tem alguma orientação.*

*Tenho muito interesse em poder entender tudo isso. Não gosto da ideia de prosseguir com a minha vida sem realmente saber o que acontece ao meu redor em geral, e especialmente o que está acontecendo comigo. Além disso, gosto de engenharia e, como uma boa engenheira, não posso deixar de pensar e me interessar no como e no porquê. Dessa vez tem a ver com a minha própria vida emocional e toca a parte mais profunda da minha alma.*

*Entendo o que você diz sobre a mente e o coração, mas segundo o meu ponto de vista, quando alguém ama... a coitada da mente fica sem autoridade nenhuma. Não compreendo como a mente pode dominar o coração. Na verdade, eu entendo, mas que raiva isso me dá!!! Meu namorado sempre me falava sobre a importância de preservar as tradições judaicas e do esforço que isso envolve num país como a Argentina, onde a maior parte da população é católica. Quem quiser manter a identidade judaica precisa frequentar um ambiente judaico, caso contrário o ambiente católico simplesmente o engolirá!! Casar-se comigo ou formalizar o nosso relacionamento exigia um esforço muito grande (também de minha parte). Quando um católico se casa com um católico, ou quando um judeu se casa com judeu, eu*

*suponho que haja caminhos já traçados que as pessoas, com muita fé ou mesmo automaticamente, percorrem sem muitos questionamentos. Nossa situação particular implicava criar e construir caminhos distintos, o que significava para ele abandonar os sonhos que tinha desde os quatorze anos de idade, sonhos que nasceram no seu bar-mitsvá... de ter um lar judaico, ele sempre me dizia. Devo dizer que é doloroso pensar dessa forma. Eu sempre lhe dizia que jamais sonhara em me apaixonar por um judeu, isso não fazia parte dos meus planos. Desde pequena eu sonhava com o vestido branco e a igreja.*

*Mais tarde, acabei me afastando da igreja... Mas eu sempre dizia a Diego que o amor é concreto, é real. Não é um sonho que se concretiza. Eu sempre lhe dizia que não poderia me converter, pois uma conversão desse tipo, como você comenta muito bem no seu artigo, não seria sincera. Diego é o primeiro judeu com o qual eu desenvolvi um relacionamento pessoal desse tipo. Fui educada numa escola católica e depois na Universidad de Buenos Aires. É claro que há estudantes judeus na universidade, mas nunca tive um contato mais próximo com eles e não sabia nada acerca do judaísmo, de suas festividades ou dos seus sentimentos.*

*Eu sempre dizia a Diego que se ele realmente me amava, era porque estava apaixonado por Alejandra, e essa Alejandra inclui uma história diferente da dele. Hoje sou esta Alejandra como resultado da minha história particular e da minha personalidade, que é diferente da história judaica.*

*Diego costumava me dizer que eu era para ele um sopro de ar fresco, que uma namorada judia era muito oprimente... Uau! Fico tonta por causa de tantos sentimentos contraditórios diferentes... Muitos dizem que o amor deveria ser mais fácil... Não sei se isso é verdade... Sempre tive a convicção de que com trabalho e luta é possível construir... Se houver amor, obviamente! Não sei, talvez nosso amor não fosse suficiente... Mas, como medi-lo? Como se pode*

*medir a cultura e a identidade judaicas, que também são sentimentos profundos, a responsabilidade de ser judeu e a necessidade de ter descendentes judeus? Esse era, obviamente, o tema mais importante. Diego queria a garantia de que seus filhos se sentiriam judeus... Ou pelo menos fazer tudo o que estava ao seu alcance para que isso acontecesse... E “fazer todo o possível” não é se casar com uma moça como eu...*

*Toda essa experiência é como dar de cara com um grande muro construído há muitos anos... Quando conheci Diego pensei que haveria portas (outras que não fossem a conversão), mas percebi que para um judeu é muito difícil...*

*Conheço casais de religiões diferentes que são felizes e puderam conciliar suas vidas. Mas cada pessoa é diferente e sente de forma diferente, não é?*

*Muito obrigada por ler o que eu tenho a dizer. Gostaria de receber os seus comentários.*

*Cordialmente,  
Alejandra*

Cara Alejandra,

Li e reli o seu e-mail várias vezes, tentando “destilá-lo” e identificar os elementos mais essenciais.

Começarei tentando ajudá-la a “compreender tudo isso”.

A rejeição do seu namorado pode ser explicada de duas maneiras:

- 1) Ele cedeu a uma pressão social externa;
- 2) Ele cedeu a um conflito pessoal interno.

Há uma diferença abismal entre essas duas possíveis situações.

Se ele tivesse cedido a uma pressão externa, a sua confusão e raiva seriam compreensíveis. “Como é possível que o amor dele por mim não tenha resistido às pressões externas? Será que eu estive enganada o tempo todo com relação aos meus sentimentos por ele e os sentimentos dele por mim?”

No entanto, há outra possibilidade. É evidente que você atraiu uma parte muito profunda nele. Não tenho dúvidas quanto à intensidade e à autenticidade dos sentimentos dele por você. Não o conheço pessoalmente, porém o mais provável é que ele esteja tão agoniado quanto você (ou mais ainda). “Então, o que aconteceu?”, você se perguntaria.

Talvez tenha acontecido o seguinte:

Até certo ponto ele estava totalmente possuído pelo amor que sentia por você, e pelo seu amor por ele. Ele tinha certeza que a amava. Mas talvez não tivesse muita certeza de quem ele fosse.

Talvez o judaísmo dele não fosse muito profundo nem bem articulado (isso acontece muito com jovens judeus que foram privados de uma educação judaica verdadeira) e, portanto, ele não via nenhuma

contradição irreconciliável entre a sua condição de judeu e o amor por você. Talvez ele também tenha pensado que poderia encontrar uma porta de entrada (ou de escape) nessa muralha milenar que separa judeus de não-judeus. Contudo, apesar de todos os argumentos lógicos, viu que isso não funcionava. Eles não são conciliáveis. Foi preciso optar e renunciar a uma pela outra. E ele escolheu.

Talvez você se pergunte: o que ele viu na sua condição de judeu que foi tão forte a ponto de levá-lo a optar por ela e a rejeitar você, com toda a dor que isso implicava? É simplesmente uma questão de querer ver realizados todos os sonhos que tinha desde o *bar-mitsvá*? Não creio.

De acordo com as crenças judaicas, cada judeu nasce com uma alma que possui certas características que a distinguem de quem não é judeu. O povo judeu e cada um de seus membros têm uma missão especial a cumprir e ainda que o judeu não esteja consciente de todos os detalhes, sente isso no âmago do seu ser.

Ele talvez não seja um judeu praticante na sua vida diária, porém isso se deve ao fato de não acreditar ou de sentir que se deixar de cumprir este ou aquele preceito, isso realmente prejudica a sua condição de judeu. Contudo, cada um tem os seus limites e sabe que, ao ultrapassá-los, estará se desvinculando de seu Deus, do seu povo, de sua própria essência e de seus próprios filhos!

Querer ter filhos judeus não é obrigatoriamente uma necessidade egoísta. É um sentimento profundo de responsabilidade pelo passado e pelos próprios filhos. Você colidiu com um instinto profundamente enraizado. Ele provavelmente gostaria de se casar com você, mas simplesmente não pode.

Ele não quer trair seu povo e não quer que seus filhos se desvinculem do povo do seu próprio pai.

O casamento é a reunião de duas metades de uma mesma unidade. Não pode haver reunião entre duas almas que são essencialmente

diferentes e incompatíveis. Pode haver compatibilidade até certo ponto, porém não em nível de essência. Pode haver amizade. Casar-se é mais do que amizade, e não funciona quando ambos são essencialmente diferentes.

Concordo com você no que se refere à sua rejeição de conversões “cosméticas”. Não há razão para se converter em algo que você não é e não compartilha no nível mais profundo da sua alma.

A frase seguinte no seu e-mail me fez rir:

*Entendo o que você diz sobre a mente e o coração, mas segundo o meu ponto de vista, quando alguém ama... a coitada da mente fica sem autoridade nenhuma. Não compreendo como a mente pode dominar o coração. Na verdade, eu entendo, mas que raiva isso me dá!!!*

Isso me fez lembrar de uma definição que li sobre a diferença entre um psicótico e um neurótico. O psicótico acredita que dois mais dois são cinco; o neurótico sabe que dois mais dois são quatro, mas não pode suportar o fato!!!

Quanto aos inúmeros casamentos mistos que você conhece, cujos cônjuges parecem felizes: 1) nunca se sabe o que acontece na vida privada dos outros; 2) às vezes, as pessoas são forçadas a fazer as pazes com realidades que prefeririam não ter criado, mas já é tarde demais...

Espero que as ideias expressas nesse e-mail tenham sido úteis.

Aguardo os seus comentários.

Cordialmente,

*Eliezer*



*Caro Eliezer,*

*Muito obrigada pelo seu e-mail. Ler suas palavras me ajuda a compreender com mais clareza a profundidade da decisão do Diego.*

*Como eu já lhe disse nos e-mails anteriores, quando comecei a sair com o Diego não tinha nenhuma ideia sobre o judaísmo, por menor que fosse. De fato, por qualquer razão, minha vida transcorreu no borbulhar do mundo católico. Por isso, muitos meses se passaram até que me dei conta da dimensão real das coisas, e creio que apenas agora posso compreender um pouco mais os sentimentos... Na terceira vez em que saímos, o Diego me perguntou se eu faria a circuncisão dos meus filhos. Uau! Que pergunta! Parecia ter saído da cartola de um mágico! Por que ele me perguntava isso? Lembro-me que naquele momento pensei: “Para quê? Por que circuncisão?”*

*Lembro-me que a minha resposta foi: “Não sei, nunca pensei sobre isso”. Assim se passaram vários meses, e conversávamos por horas sobre religião, cultura, circuncisão. Aprendi muito sobre as crenças, as tradições, as festividades e a comunidade judaicas, sobre o clube A Hebraica etc. etc.*

*Diego sempre enfatizou que queria constituir uma família judaica, e eu lhe dizia que comigo isso seria impossível, mesmo se desse tudo de mim, porque não sou judia. Essa barreira era muito dolorosa porque eu, como também lhe comentei anteriormente, havia dito a ele que estaria disposta a circuncidar nossos filhos e educá-los como judeus... Mas, naturalmente, isso era tudo o que eu podia lhe oferecer, nada mais. Não podia lhe oferecer que seria uma mãe judia que cuida do seu lar como uma mãe judia. Ele teria que fazer quase todo o trabalho, porque eu não poderia transmitir nada sobre o judaísmo, e nossos filhos cresceriam com perguntas... Quem sabe... Mas as*

*diferenças não podem ser apagadas... Para mim era muito doloroso sentir que o Diego queria apagá-las de certa forma.*

*Numa ocasião, ele me perguntou se eu me converteria somente “no papel” para impedir que nossos filhos tivessem esses tipos de confusão. Eu lhe respondi que não, que não podia fazê-lo porque não o sentia, e além disso, não se pode garantir de antemão os sentimentos dos futuros filhos.*

*Você pode imaginar a confusão, as crises... Eu sempre me senti muito impotente...*

*Um dia minha mãe encontrou no jornal um anúncio sobre palestras para “casais mistos”. Não sei se você sabe do que se trata. São grupos de reflexão, orientados por várias psicólogas judias, que procuram revisar certas atitudes em casais que tentam conciliar as duas culturas. As palestras foram muito inspiradoras para nós, e despertaram nossa mais profunda identidade religiosa. Fizeram-me recordar da minha infância, da minha adolescência... Porém ainda antes de conhecer o Diego eu já tinha decidido que não batizaria os meus filhos... Que não me casaria na igreja... Que não me identifico com a fé católica.*

*Suponho que para o Diego as palestras despertaram a sua essência mais profunda... Naquele mesmo dia comemoramos o batizado de um sobrinho meu, de modo que fomos ambos à igreja e depois à festa. Era a noite de Pêssach, e jantei na casa dos pais do Diego. Eles leram um texto que explicava o significado de Pêssach e os sentimentos que a festa desperta nos judeus... Fizeram isso para mim, e senti que eu era muito bem-vinda. Foi, naturalmente, a primeira vez que eles fizeram algo assim... Ali estava eu... a diferença personificada.*

*Nosso relacionamento se desenvolvia e cada vez compartilhávamos mais coisas, até que um dia Diego me disse: “Não sei se quero ter filhos com você”. Nos dias seguintes ele chorou muito; sempre que nos encontrávamos ou conversávamos por telefone ele*

*chorava sem parar, e eu também. Ele me disse que sempre pensara ser um judeu “light”, mas percebera que o seu judaísmo era muito profundo, e que ele se sentia controlado...*

*Alguns dias depois aconteceu algo inesperado. Diego disse que a sua decisão não tinha nada a ver com cultura ou judaísmo, mas que ele não estava apaixonado por mim, que não me amava mais. Uau! Eu quase enlouqueci...*

*Hoje eu acho que essa foi a saída mais fácil para ele, porque quando você ouve que não é mais amado, não tem o que responder para tentar salvar o relacionamento. Realmente não sei. Como o Diego já me disse várias vezes, suponho que ele esteja cheio de contradições... Suponho que com o tempo seus pensamentos ficarão mais claros e ele perceberá o que você disse: quem ele verdadeiramente é em essência.*

*Sei que desejar ter filhos judeus não é egoísmo, é claro que não. Muitas pessoas da minha família me diziam: “Eu entendo o Diego. Jamais poderia me casar com um judeu por causa das minhas crenças”.*

*Suponho que eu deva desistir e pensar que foi melhor ter acontecido agora do que mais tarde, como todos dizem....*

*Imagino que, como tudo na vida, esses dias de grande tristeza e dor passarão e farão parte das minhas lembranças...*

*Obrigada, mais uma vez, por seus comentários. Como já lhe escrevi, eles me ajudaram muito a compreender e a organizar melhor os meus pensamentos.*

*Cordialmente,*

*Alejandra*

Cara Alejandra,

Obrigado por compartilhar comigo os seus pensamentos e sentimentos.

Estou muito curioso em saber de que forma o que eu escrevi ajudou você.

Se você tiver vontade e tempo, gostaria que esclarecesse isso, já que se trata de um tema com o qual me deparo constantemente, de uma maneira ou de outra, e procuro aprender sempre algo novo.

No seu e-mail há uma frase cujo significado eu não sei se compreendi bem:

*Ele me disse que sempre pensara ser um judeu "light", mas percebera que o seu judaísmo era muito profundo, e que ele se sentia controlado...*

Se você tiver tempo e vontade, gostaria que explicasse isso um pouco mais .

Cordialmente,

*Eliezer*

Oi, Eliezer,

*Suas palavras me ajudaram a refletir nesses últimos dias. (Isso não significa que nunca me haviam dito que os judeus são assim, que pensam assim, sentem isso ou aquilo, de modo geral, é claro.) Porém, ver as coisas escritas me ajudou a pensar.*

*Antes de tudo, e principalmente, me ajudou a pensar em mim mesma, sobre o que é importante para mim, meus próprios sentimentos, meus próprios desejos, como também meus limites. Por que eu estava tão disposta a ceder tanto por amor ou por um futuro com o Diego? Por que eu queria seguir adiante mesmo sabendo que para ele, no fundo, nada seria suficiente? Certa vez, numa de nossas inúmeras conversas sobre o que faríamos para conciliar as diferenças, o Diego disse: “Não quero que os nossos filhos se misturem com os filhos do seu irmão”. Quando ouvi isso, comecei a chorar. É muito difícil ouvir tais coisas, e apesar de tudo, eu queria continuar. Não sei, é como se eu quisesse manter o nosso relacionamento a todo custo.*

*Isso é algo que tenho que analisar, por que eu estava disposta a sacrificar tanto. Naquele momento, eu não quis acreditar que as barreiras nos separariam... Eu achava que se nos amássemos, conseguiríamos resolver tudo.*

*O preço pago foi um enorme sofrimento. Não acho que esse seja o caminho do amor e da felicidade. Duvido. De todo modo, não creio que faça sentido encher-se de culpa e pensar: “Como não reagi antes?” A coisa positiva a ser feita é seguir em frente, para um futuro relacionamento.*

*O Diego sempre dizia que era um judeu “light”, ou seja, que não acreditava em Deus e nem refletia muito sobre isso. Ele ia à sinagoga*

*em Iom Kipur, e nada mais. Comemora os dias festivos tradicionais com a família, mas eles são mais carregados de conteúdo tradicional do que religioso. Em Pêssach, por exemplo, ninguém tinha colocado a kipá. A comida servida era conforme a tradição, mas não foi um Sêder conduzido ao pé da letra.*

*Vários dos seus amigos namoram moças católicas, outros namoram moças judias. Desde criança o Diego estudou numa escola judaica e seus pais sempre frequentaram a Hebraica. Foi lá que ele passou os fins de semana durante a infância. Já viajou a Israel, e aos dezesseis anos participou do “Programa Tapuz”. Seus amigos mais íntimos são dessa época.*

*Ele diz que é um judeu “light”. Mas, naturalmente, quer um lar judaico, sonha com uma vida familiar semelhante à que teve e bem, eu não sei o que eu fazia ali, no meio dessa situação... Nada “light”, não é?*

*Agora, além de tudo isso, ele me diz que não está apaixonado por mim e é por isso que não quer continuar o nosso relacionamento.*

*Suponho que nós dois desejávamos o impossível: ele queria que eu fosse judia e eu queria que ele mudasse seus sentimentos com relação a mim.*

*Não entendo por que o Diego se sente controlado. Ele não conseguiu me explicar isso naquele momento. Chorou muito e eu não lhe perguntei novamente.*

*O que mais me dói é que esse tema tão importante esteja sendo agora tratado pelo Diego de forma trivial. Ele diz que esse é um tema como outros... Não sei. Estou totalmente confusa! Eu lhe perguntei: “Como você pode dizer que é um tema como outros? Comparado com o quê?” Mas agora ele procura não fazer disso uma coisa muito importante. Não sei por quê.*

*Eu costumava pensar: “Tudo bem, você pode comemorar as suas festas com as suas crenças, e eu posso comemorar as minhas festas com as minhas crenças.” Mesmo que eu não seja religiosa, costume*

*festejar o Natal, minha família se reúne e trocamos presentes, como o fazem muitas famílias católicas. Isso talvez fosse bastante conciliável. A grande questão, no entanto, sempre foram os filhos e a vida em comum.*

*Tenho muito mais para lhe contar, e como você está interessado, continuarei a fazê-lo. Imagino que outros casais já tiveram esse tipo de conversa com você, certo?*

*Saudações cordiais e obrigada,*

*Alejandra*

## 8

Como vai, Alejandra?

Obrigado pelos esclarecimentos.

Creio que nessa saga há dois grandes temas: 1) você; 2) ele.

Muito perspicaz de minha parte, não é?

A questão se complica ainda mais porque, além do componente judaico e não-judaico, estamos falando de um homem e de uma mulher. Devido à sua própria natureza, as perspectivas e as necessidades do homem e da mulher são muitos diferentes. Para a mulher, o compromisso e a estabilidade são a coisa mais importante; para o homem, a conquista e o poder têm maior peso.

Isso talvez explique por que você estava disposta a sacrificar tudo pelo seu amor (compromisso, estabilidade), ao passo que Diego estava disposto a sacrificar o amor que sentia por você no interesse de uma posição social e a perpetuação da geração (conquista e poder).

Tudo fica muito mais complicado se acrescentarmos a essa equação duas histórias e identidades totalmente diferentes. Você diz, corretamente, que não queria fazer uma conversão *falsa* simplesmente para agradar a alguém. Isso não seria coerente com a sua própria essência.

Acho essa afirmação muito interessante. Significa que você sabe que ser judeu não é somente um estilo de vida determinado; é uma condição, uma definição do que a pessoa é em essência. Você prossegue com o raciocínio lógico de que, se não é judia, por que se enganar (com uma conversão sem sentido)?

Para mim isso é interessante porque para muitos essas coisas *não* estão tão claras e elas, conseqüentemente, acabam arruinando suas vidas. Acreditam que fazer um curso e pagar alguns poucos pesos para que alguém assine um “certificado de afiliação” seja suficiente para transformá-los em judeus e, no caso de uma mulher, tornar seus filhos judeus.

No entanto, quem eles estão enganando? Talvez consigam se inserir numa comunidade que não conheça a realidade ou não se importe com ela, aceitando-os como judeus, porém vinte ou trinta anos depois, quando seu filho ou filha quiser se casar, ficam sabendo que foram enganados e que, essencialmente, não são judeus. Isso é justo? É claro que a única forma de entender a magnitude do engano é partir da premissa de que ser judeu é uma condição de essência e não simplesmente um estilo de vida. Uma pessoa não é judia, por exemplo, porque comemora a festa de *Pêssach*, ao contrário: ela tem a obrigação de festejar *Pêssach* porque é judia.

Muitas pessoas crêm que, ao facilitar o caminho para que o namorado ou a namorada se converta ao judaísmo, ganhamos duas almas em vez de perdê-las. Esse argumento teria lógica se ser judeu fosse somente uma questão de afiliação a um clube esportivo, pois quanto mais fáceis os requisitos de admissão, mais sócios ele



conseguirá captar. Por outro lado, se estamos falando sobre *essência*, ao diminuirmos os requisitos não ganhamos nada; simplesmente redefinimos ou diluímos o caráter e a razão de ser daqueles que *já* estão dentro...

Por isso, felicito você por perceber claramente o que significa ser judeu e o fato de que você não é.

Quero esclarecer que o casamento misto é errado não só com relação ao cônjuge judeu, mas também com relação ao cônjuge não-judeu. Judeus e não-judeus devem desempenhar duas funções completamente diferentes no esquema global da Criação, e não poderão levar a cabo sua missão de forma adequada e plena se tiverem parceiros que não compartilhem essa condição essencial.

Ele poderão viver em harmonia aparente enquanto suprimirem as suas diferenças profundas. O dia em que um dois “acorda” e deseja expressar o que realmente é, a situação se torna intolerável (para ambos).

O exemplo que utilizo, em geral, é o do pássaro e do peixe que se tornaram amigos quando estavam na superfície do lago. Cada qual se sentia muito atraído pela liberdade que via no outro. (“Um sopro de ar fresco...”). O pássaro admirava a facilidade com que o peixe nadava nas profundezas do lago, e o peixe ficou maravilhado com a capacidade que o pássaro tinha para voar nas alturas. Queriam se casar e viver juntos pelo resto da vida.

É óbvio que essa relação poderia funcionar quando cada qual estivesse na superfície, sem expressar a sua natureza. A partir do momento em que um deles decidir dar expressão à sua própria natureza, o outro ficará abandonado...

Pois bem, uma das coisas que ficou estabelecida é o fato de você não ser judia. Então, o que você é? De onde vem? Para onde vai? Qual o propósito da sua existência?

Quando você tiver respostas para tais perguntas, talvez seja mais fácil aceitar que não só você não servia para ele, mas que ele tampouco servia para você.

O que você pensa sobre isso?

Sinceramente,

*Eliezer*

P.S. Não há muitos casais que vêm conversar comigo sobre esse tema. Acho que eles pressupõem qual será a minha postura e não estão interessados em ouvi-la, seja porque discordam dela diretamente, seja porque não querem ouvir algo que possa interferir nos seus planos e na sua filosofia de vida (talvez porque, no fundo, sabem que estão fazendo algo incorreto, como o “neurótico” que descrevi no outro dia)...

9

*Oi, Eliezer,*

*Obrigada por seu e-mail.*

*Pois é... é isso mesmo. O Diego não servia para mim. Eu não podia, não conseguiria ser feliz com ele.*

*As respostas para as perguntas no final do seu e-mail estão sendo “processadas”...*

*No início, não estava muito claro para mim o que significa ser um judeu. Aprendi aos poucos, basicamente com o Diego. Hoje posso ver as coisas com mais clareza, sem que a minha visão fique enevoada por causa do amor, creio eu... ah...*

*Gosto realmente de trocar ideias com você e falar sobre meus sentimentos. Essa experiência é enriquecedora. Quando li seu artigo sobre casamentos mistos, obviamente me dei conta de que você não concorda com eles pelas razões que menciona no próprio artigo e nos e-mails anteriores.*

*Entretanto, foi justamente por esse motivo que eu lhe escrevi, procurando explicações mais profundas sobre por que não. Para mim é bastante importante compreender, entender a profundidade dos pensamentos das pessoas, e depois analisá-los.*

*Numa das reuniões sobre casamentos mistos de que participávamos, aquelas sobre as quais lhe falei, uma das coordenadoras comentou sobre um casal em que apenas o marido era judeu, e que teve filhos. O marido nunca se preocupou com o seu judaísmo, mas os filhos têm três e quatro anos, e ele sente agora que gostaria de expressar a sua essência de forma mais profunda e que seus filhos fossem judeus. Nesse ponto tudo é muito mais complicado.*

*Na primeira palestra havia uma mulher de cerca de quarenta anos, judia, separada do marido católico, que decidiu participar dos encontros porque a filha, hoje adolescente, não se sente judia. Isso lhe dói muito. E hoje, como você bem disse, já é um pouco tarde para reverter alguns caminhos...*

*Quanto mais eu conhecia o Diego, mais me dava conta da força do seu sentimento especial de identidade. Havia algo daquele ser judaico que sempre me atraiu: a sensação de comunidade, de pertinência, de ligação. Como tudo o mais, isso pode trazer grande felicidade, e outras vezes ser muito angustiante. Mas, o que eu posso dizer? Ninguém escolhe onde nascer; a gente nasce, é educado, recebe uma determinada formação e é bastante improvável que seja possível mudar aquilo que carregamos profundamente dentro de nós, porque nesse caso estaríamos mudando o nosso próprio ser...*

*Uma pergunta: Você prepara meninos e meninas para o bar-mitsvá / bat-mitsvá? No que consiste esta preparação? Qual é o significado desse momento na vida de um judeu?*

*Cordialmente,*

*Alejandra*

## 10

Cara Alejandra,

Aguardarei pacientemente respostas para as minhas três perguntas...

Porém...

Já que tenho a impressão que você não se incomoda de compartilhar comigo o seu processo interno relacionado a toda essa situação, atrevo-me a fazer os seguintes comentários:

Chama-me a atenção o fato de que, em tão pouco tempo, você tenha feito as pazes com a situação. Em menos de uma semana você passou de um sentimento (no seu primeiro e-mail) de que “o amor... é um motivo mais do que suficiente para ‘rebelar-se contra as Escrituras’” para afirmar (no último e-mail) que “Pois é... é isso mesmo. O Diego não servia para mim”.

Parece uma mudança bastante brusca, você não acha?

Reconheço que a minha pergunta é bastante audaciosa, mas eu a formulei como um exercício para poder analisar de forma mais

profunda o fenômeno que as pessoas costumam chamar de “amor”. Você o tinha e então o perdeu? Talvez realmente nunca o tivesse? Foi uma miragem? Como uma pessoa pode saber se o amor que sente por outra é real ou imaginário?

Antes de partilhar com você o que penso a respeito, estou interessado em conhecer a sua visão pessoal.

Quanto à sua pergunta sobre as aulas de *bar-mitsvá*, há anos que não faço isso formalmente. Hoje à noite, um dos meus filhos se tornará um *bar-mitsvá*. Nós o preparamos desde que nasceu, e antes ainda. “*Bar-mitsvá*” significa “filho do preceito”. Isso quer dizer que os preceitos Divinos são os pontos de referência que o definem. O *bar-mitsvá* é um passo natural numa vida conduzida segundo um sistema de valores. Quando um menino atinge a idade de *bar-mitsvá*, é a transição natural entre o período do “treinamento” e o período do “jogo verdadeiro”.

Para muitos a celebração do *bar-mitsvá* é uma espécie de festa de despedida, de libertação do judaísmo; para nós é uma festa de boas-vindas, em que o menino é acolhido para uma vida de responsabilidade e de subserviência (a Deus).

Bem, já é tarde e meus neurônios já não estão funcionando, assim concluirei desejando-lhe boa noite.

Sinceramente,

*Eliezer*

Oi, Eliezer,

*Há mais de um mês um dos meus irmãos me disse: “Se você gosta dele, lute por ele”. Há mais de um mês estou passando por todos os tipos de sentimentos. Nas duas primeiras semanas chorei sem parar. A angústia... o vazio repentino... a dor causada quando a pessoa que você ama e com a qual imaginava viver o resto da sua vida não quer manter o relacionamento...*

*Hoje já não choro como nos primeiros dias. Estou muito mais tranquila, mas a dor permanece. Como lutar por alguém que lhe diz não, que por tais e tais motivos não pode, não quer compartilhar a vida com você? Estou também revoltada por causa dessas grandes barreiras. Não, eu não fiz as pazes com nada...*

*O que está bastante claro para mim é que se o Diego não pode me incluir na sua vida, sou capaz de raciocinar e dar-me conta de que ser uma parte dela não me fará feliz. O casal, o casamento, é formado por dois parceiros... Deve haver reciprocidade, e eu desejo uma vida cheia de amor...*

*A dor que se sente quando a outra parte não quer, ou não pode, ficar com você é grande demais... Imagino que seja um mecanismo de defesa dizer que o Diego não servia para mim...*

*O Diego é um ser indivisível. E esse ser Diego inclui também o ser judeu. É por isso que eu sempre dizia: “Eu me apaixonei por você, que é judeu, e tudo vem junto nesse pacote”... O que me dói é perceber que ele queria, e quer, compartilhar a sua vida com alguém que lhe dê o que necessita. Eu não posso me transformar; não quero ser o que ele necessita. Sou uma pessoa, não uma massa de modelagem.*

*Mas a verdade é que ele me disse não.*

*E eu, no meu íntimo, fiquei com esse “não”. Esse “não” me ajudou a seguir adiante, a pensar que não se pode ser feliz com uma pessoa que lhe diz “não”.*

*Não creio que tudo o que eu sinto por ele tenha desaparecido; acredito simplesmente que, nesse curto tempo, tive que começar aos poucos.. a guardar esse tempo para mim. E talvez usá-lo para me ocupar comigo mesma.*

*Todos esses sentimentos, em conjunto, se expressam em frases contraditórias... Mas quero que você saiba que quando vou dormir, quando me conecto com os momentos felizes, quando me conecto com o vazio que sinto porque ele já não faz parte da minha vida, sinto uma dor profunda, e não sei o que fazer com os meus sentimentos.*

*Não posso viver cada dia na esperança de que ele volte, de que ele mude, de que ele diga: “Ah, não, nada mais me importa. Eu amo a Alejandra”. (Se bem que, lá no fundo, a gente sempre guarda um espaço aberto para aqueles momentos nos quais se imagina que a vida mudará.) Hoje isso me parece impossível; impossível porque agora eu entendo um pouco mais (graças a você, por exemplo) o que significa ser judeu para o Diego. Creio que eu o compreendo um pouco mais.*

*Hoje tenho necessidade de entender, de compreender, mas também de ver o que acontece comigo. No entanto, tudo ainda é muito recente. Sinto como se meus sentimentos estivessem num liquidificador, e quando eles param de ser triturados, sai uma pessoa diferente, que diz coisas distintas .*

*Suponho que tudo isso explique por que as minhas mudanças parecem tão bruscas...*

*O que você acha?*

*Cordialmente,*

*Alejandra*

Cara Alejandra,

Obrigado novamente pela rapidez e extensão da sua resposta.

Parece-me que ainda devemos explorar e definir se, em nesse episódio todo, você perdeu ou ganhou algo. Provavelmente, aconteceram as duas coisas: você perdeu um amor impossível, mas ganhou experiência para poder agora procurar e encontrar um amor possível. Talvez esse seja o benefício que você pode colher da situação de “liquidificador”...

A sociedade em que vivemos atualmente costuma entender o amor como algo que acontece com alguém, em vez de algo que a própria pessoa cria. Em outras palavras, “Aquele rapaz/moça me deslumbrou e me apaixonei por ele/ela”. Ouvimos também com frequência a expressão “desapaixonar-se”.

Como funciona esse fenômeno chamado *amor*?

Geralmente, entendemos o amor como a aquisição mais importante de nossa vida; casar-se com alguém que amamos significa ter alguém que nos faz sentir queridos, que nos acompanhará e que nos fará felizes. Na realidade, é o oposto. O amor verdadeiro é sinônimo de abnegação pessoal. Não amo alguém porque isso irá me fará feliz, mas porque quero fazer aquela pessoa feliz.

O amor que nasce do deslumbramento é muito vulnerável e sujeito a mudanças. Se a outra pessoa não me atrai mais, eu me “desapaixono”. Por outro lado, se o meu amor nasce de um compromisso profundo para fazer essa pessoa feliz, não importa o que aconteça, ele é praticamente indestrutível, já que não depende do que a outra parte faça ou deixe de fazer...

Eu a amo por quem ela é, não por causa do que ela é...



É um amor incondicional, não sujeito a mudanças. “Todas as transações são definitivas. Não há devoluções”...

Como se consegue esse tipo de compromisso com outra pessoa?

Essa é a pergunta do milhão...

O amor verdadeiro é uma decisão consciente e implica um compromisso profundo. Eu decido amar aquela pessoa porque é meu esposo/a, filho/a, pai/mãe, irmão/ã, etc.

Toda pessoa, em geral, ama a si mesma incondicionalmente. Por quê? Porque sim. Ela não ama a si mesma porque é inteligente, bonita, ou forte. As coisas funcionam de forma oposta: a pessoa acha que é bonita, inteligente e forte porque ama a si mesma.

Quando falamos do amor de um cônjuge por outro, a crença na Providência Divina desempenha um papel importante. Se fulano/a é minha alma gêmea, a outra metade do meu ser, eu a amarei não importa o que fizer, já que é uma parte de mim mesmo. E tudo o que ela fizer será lindo, valioso, precioso e impressionante. Não porque eu ignoro a realidade, mas porque o amor define a realidade.

Você alguma vez já viu como um pai baba de felicidade quando o filho lhe traz uma “obra de arte” do jardim de infância? O amor do pai pelo filho faz com que ele veja aquelas garatujas como a obra de arte mais valiosa do mundo. Será que ele ama o filho porque este desenha como um Picasso? Ou será que acredita que Picasso não chega aos pés do filho em talento, porque o ama?

É claro que ninguém pode sentir esse tipo de amor por uma pessoa que seja essencialmente diferente. Podemos sentir um *amor* condicional, que apela a um ou mais interesses particulares (físico, emocional ou intelectual), porém jamais poderemos amar incondicionalmente alguém – que seja, em essência, diferente – que já não satisfaça o interesse particular original. Nesse caso, simplesmente nos “desapaixonamos” (já que, na realidade, nunca

estivemos verdadeiramente apaixonados pela outra pessoa, mas sim por nós mesmos...).

É por isso que eu digo: você perdeu um amor impossível e ganhou a possibilidade de procurar e encontrar um amor possível...

Bem, o único neurônio acordado está prestes a adormecer, portanto me despeço por ora, aguardando seus comentários.

Cordialmente.

*Eliezer*

## 13

*Caro Eliezer,*

*Quando há tantas condições, exigências e reclamações com relação à outra pessoa, para que ela seja ou sinta de uma determinada forma, para então poder “amá-la”... Sim, esse não é um amor profundo, não é um “eu amo você como você é e quero fazê-lo feliz”.*

*Eu mesma me surpreendo com essa mescla de emoções que se pode sentir em tão poucas horas. Ontem à tarde li seu e-mail e me senti muito mal, não por causa do que lia, mas devido aos meus próprios sentimentos... Os mais dolorosos golpeiam à noite. Hoje de manhã posso dizer: sim, tudo acabou porque estava destinado ao fracasso desde o início.*

*Suponho que o tempo agirá, no sentido de curar feridas abertas... porque hoje (como comentei) meus sentimentos são muito confusos. Entretanto, creio que às vezes sou capaz de sair de mim mesma,*

*analisar as coisas do lado de fora e fazer perguntas a partir dessa perspectiva.*

*Muito obrigada por seus e-mails. Suas palavras me ajudaram a pensar.*

*Gostaria de lhe perguntar algo: sei que o Shabat é um dia de descanso, mas além da cerimônia de sexta-feira à noite na sinagoga, as famílias se reúnem para o jantar? E o que fazem no sábado?*

*Cordialmente,*

*Alejandra*

## 14

Cara Alejandra,

Os caminhos da vida são misteriosos. O importante é aprender de cada coisa que nos acontece e seguir adiante, fortalecidos.

Pessoalmente, considero que esse diálogo com você caiu do Céu, obrigou-me a articular e a expressar ideias e conceitos muito importantes. Obrigado pela oportunidade.

Creio que muitas pessoas poderiam beneficiar-se da leitura desse diálogo (com os nomes mudados, naturalmente), já que ele trata de temas que interessam a todos, mas poucas são as pessoas que têm definições claras ou acesso a eles.

No que diz respeito aos seus sentimentos, tudo o que posso fazer é lhe dar o espaço e o tempo necessários para se recuperar. Em nível intelectual, ficam pendentes as respostas às minhas três perguntas: “De

onde você vem? Para onde vai? Qual o propósito da sua existência?” O objetivo de tais perguntas é tentar definir o que você considera que é em essência, além de “não-judia”.

Com relação às suas perguntas sobre o *Shabat*: o *Shabat* é a reconfirmação semanal do fato de que Deus criou o mundo em seis dias, descansou no sétimo dia e o santificou para a posteridade.

O descanso Divino nada tem a ver, é obvio, com o descanso do esforço, já que não se pode aplicar os conceitos de cansaço e de esgotamento a Deus, que é infinito. O descanso Divino do qual falamos e que comemoramos é a abstenção de criar. Criar nem sempre é sinônimo de esforço, assim como o esforço nem sempre é sinônimo de criação.

Se ligar o meu carro, crio combustão, por exemplo, ainda que isso não exija muito esforço. Se eu caminhar dez quilômetros, me esforcei, mas não criei absolutamente nada. Por isso, no *Shabat*, dia de descanso, é proibido andar em qualquer veículo e não é proibido caminhar dez quilômetros dentro da cidade.

O *Shabat* é, portanto, o dia em que nos “desplugamos” do nosso envolvimento com a conquista e a transformação do mundo material exterior, e nos dedicamos ao nosso universo pessoal interior, espiritual. Na linguagem do misticismo judaico: os seis dias da Criação expressam as palavras “faladas” por Deus, ao passo que no *Shabat* nos conectamos com o universo do “pensamento” Divino.

No *Shabat* não utilizamos eletricidade. Por conseguinte, há muitas distrações que não competem pelo nosso tempo e atenção, e podemos nos dedicar tranquilamente a reforçar a nossa relação com Deus, a família, a comunidade e com nós mesmos, por meio da oração, do estudo da Torá, da introspecção, do canto, do tempo que passamos com a família e aquele que dedicamos a nós mesmos.

Espero que isso tenha servido para responder à sua pergunta.

Cordialmente,

*Eliezer*

P.S. Estou curioso para saber como foi que você chegou a mim.

## 15

*Caro Eliezer,*

*Amanhã, quando a minha mente estiver mais clara e eu tiver tempo, enviarei meus comentários.*

*Só queria adiantar que há uma semana entrei no Google para procurar informações sobre casamentos em geral e casamentos mistos, e acessei casualmente a página da comunidade judaica do Uruguai. Imagino que você more aí.*

*Foi então que eu li seu artigo sobre casamentos mistos e decidi lhe escrever.*

*Hoje tenho que continuar a estudar. Faltam apenas mais três exames antes de me formar em Engenharia.*

*Boa noite.*

*Alejandra*

Cara Alejandra,

Obrigada pelo seu e-mail.

Você escreve:

*Amanhã, quando a minha mente estiver mais clara e eu tiver tempo, enviarei os meus comentários.*

Tudo bem. Só queria lhe dizer que a partir de amanhã à noite, até terça-feira à noite, celebraremos a festa de Shavuót, e não estarei usando o computador.

*Só queria adiantar que há uma semana entrei no Google para procurar informações sobre casamentos em geral e casamentos mistos, e acessei casualmente a página da comunidade judaica do Uruguai. Imagino que você more aí.*

Casualmente? Para nós não há casualidades, apenas *causalidades*...

*Foi então que eu li seu artigo sobre casamentos mistos e decidi lhe escrever.*

Boa decisão...

*Hoje tenho que continuar a estudar. Faltam apenas mais três exames antes de me formar em Engenharia.*

Boa sorte.

*Boa noite.*

Para você também.

*Eliezer*

*Caro Eliezer,*

*Que pergunta! Como é que eu me defino além de ser não-judia? A verdade é que eu nunca pensei antes sobre mim mesma em termos de ser ou não judia (a não ser desde que conheci o Diego). Pensar dessa forma é uma espécie de negação, certo? Enaltece a identidade judaica e deixa achatada a outra identidade.*

*Na verdade, é difícil refletir sobre nossa própria essência. Penso que a minha identidade e a minha essência são uma mescla de muitíssimas coisas: as que nasceram comigo, as que absorvi, as que me inculcaram, as que são transmitidas através de palavras, ações e omissões... E mais tantas outras que eu depois escolhi, então rejeitei e das quais fugi a fim de escolher outras novas que me atraíram e com as quais eu me sentia cômoda.*

*Minha essência tem a ver com a parte mais profunda do meu ser... Com meus valores, com a forma como vejo o mundo, como vivo e como me sinto. Porém, no que diz respeito à identidade religiosa, (que também é parte do ser e pode ser diferenciada analiticamente), as coisas não estão claras para mim. Há um mês eu pensava como seria bom ser capaz de sentir fé, pois assim poderia rezar e pensar que existe um motivo pelo qual Deus está tirando o Diego do meu caminho. Eu achava que ter fé ajudaria em momentos como esses...*

*Suponho que a força nasce do amor incondicional que a pessoa sente por si própria... e também dos grandes abalos. Sinto como se me tivessem sacudido muito forte, e é nesses momentos que não se sabe, pelo menos eu não sei, onde é possível se agarrar!*

*Eu também lhe agradeço pela oportunidade de manter esse nosso diálogo. As palavras sempre ajudam muito.*

*Cordialmente,*  
*Alejandra*

18

Cara Alejandra,

Agora que você o menciona, sim, soa um pouco estranho perguntar “O que você é, além de ‘não-judia’”? Mas essa pergunta foi feita depois que assinalei que a incompatibilidade entre você e o Diego era resultado do fato de ele ser judeu, o que o torna essencialmente diferente de você. Ora, se a essência dele é diferente da sua, a sua essência deve ter uma definição própria (além de simplesmente dizer que não é igual à dele), que torna você essencialmente incompatível com ele.

Ou seja, a minha pergunta tinha justamente o objetivo de tentar descobrir uma dimensão mais profunda e independente na definição que você deu da sua identidade.

Se eu entendi corretamente a sua resposta, você está dizendo o seguinte: não possuo uma essência definida. Sou um conglomerado de ideias, valores, sensações, desejos, objetivos, satisfações, frustrações etc. Vou mudando e crescendo de acordo com as circunstâncias. Sou um ser circunstancial, não essencial. Eu não “sou”, simplesmente “estou”.

Será que interpretei corretamente o que você quis dizer?

Nesse caso, pergunto: é verdade que você é simplesmente um ser circunstancial? É verdade que você não tem nenhuma razão de ser essencial?



É verdade que nascemos neste mundo por acidente e nos vamos dele como resultado de outro acidente?

Você tem certeza de que isso é verdade? Ou simplesmente não está segura de que não é assim?

Quais as alternativas?

Não sei se essas perguntas significarão algo para você ou não, portanto aguardarei a sua resposta.

Cordialmente,

*Eliezer*

## 19

*Caro Eliezer,*

*Como vai?*

*Em primeiro lugar, gostaria de lhe dizer que li seu e-mail várias vezes durante estes últimos dias e não respondi porque fiquei pensando nas respostas ... (especialmente para algumas das perguntas).*

*Com relação ao ser essencial ou circunstancial... Acredito firmemente que sou uma pessoa essencial, que tenho uma essência... e ao contrário do que eu talvez disse antes, olho e sinto as circunstâncias de acordo com a minha essência e o meu próprio ser, de acordo com os meus sentimentos mais profundos.*

*Não me considero um acidente. Tampouco sei se tenho alguma missão nesta vida. Não estou segura disso. Não sei se há um Deus ou*

*uma vida depois desta na Terra. Não sei... Duvido... Há cerca de três semanas a minha avó faleceu. É a primeira vez que passei pela experiência da morte de alguém próximo, e nessas horas questionamos o que é a vida e para que estamos aqui. Não sei...*

*Suponho que hoje, em retrospectiva, posso decidir que a essência do Diego e a minha não eram compatíveis. Por tudo o que conversamos e por causa do que eu mesma sinto com o passar do tempo...*

*As suas palavras ficaram na minha cabeça: “um amor impossível”... Tenho esperança e sei que encontrarei um amor. E quando isso eventualmente acontecer lhe contarei por e-mail.*

*E quando eu me encontrar e encontrar respostas para algumas das suas perguntas (isto é, se você quiser), também lhe contarei.*

*Não sei por que, mas me ocorreu enviar-lhe uma foto minha e do Diego, para que você conheça o rosto das personagens desse diálogo... É uma foto antiga.*

*Obrigada mais uma vez.*

*Cordialmente,*

*Alejandra*

## 20

Cara Alejandra,

Obrigado pelo e-mail e pela foto.

Vou lhe dar uma pausa para que você possa respirar e refletir sobre as perguntas pendentes...

Lamento a morte da sua avó... Deve ser difícil ter que “processar” a morte da sua avó ao mesmo tempo em que você também está processando a sua situação pessoal. Por outro lado, talvez os dois acontecimentos se “complementem”, no sentido de ajudá-la a colocar as coisas na perspectiva correta...

Quando você chegar a alguma conclusão ou se quiser explorar mais algum tema, estou às ordens...

Cordialmente,

*Eliezer*

P.S. Creio que os conceitos analisados e desenvolvidos no nosso diálogo poderão ser úteis para muitas pessoas. Você se incomodaria se eu o publicasse, mudando os nomes para proteger suas identidades?

*Oi, Eliezer,*

*As tristezas são diferentes, assim como as dores. De algum modo, uma tristeza ajudou a outra a redimensionar-se, o que não significa que ela tenha diminuído. Com o passar dos dias ela assume outra forma, porém as feridas ainda não cicatrizaram. O tempo e eu mesma ajudaremos.*

*Muito obrigada por este diálogo. Estou contente por tê-lo mantido. Não me incomodará se você o publicar, e se ele, de alguma forma, puder ajudar alguém, fique à vontade. Cada experiência é distinta; a minha, justamente, é uma experiência frustrada. Eu não gostaria que ela servisse de exemplo para desencorajar um casal de religiões diferentes, mas sim como uma espécie de catalisador para parar e refletir sobre certas coisas.*

*Se você decidir publicar o nosso diálogo (obviamente usando nomes fictícios), gostaria que me avisasse onde.*

*Estive um pouco silenciosa nestes últimos dias. Assim que chegar a alguma conclusão ou se tiver alguma comentário a fazer, certamente enviarei a você.*

*Saudações e, novamente, obrigada.*

*Alejandra*

**Parte 3**

# **O CASAMENTO MISTO**

**UM ENFOQUE  
CONTEMPORÂNEO**



Um dos temas mais preocupantes e menos compreendidos da vida judaica é o dos casamentos mistos. Além da falta de informação objetiva a respeito, trata-se de uma questão muito complexa do ponto de vista emocional.

Por um lado, os pais sentem que quando um filho ou uma filha se casa com um gentio ou com uma gentia, eles estão rompendo a perpetuação de uma cadeia judaica milenar, algo que não estão dispostos a permitir. Por outro lado, existe um certo constrangimento em manifestar abertamente a sua oposição ao casamento misto, por causa de implicações racistas. Por que descartar alguém como um parceiro potencial de casamento apenas pelo fato de não ter nascido de ventre judeu? Parece uma atitude discriminatória.

A fim de analisar esse tema, devemos subdividi-lo em partes:

1. Em que se fundamenta a oposição ao casamento misto?
2. Como essa oposição pode ser aceita sem contradizer o instinto natural que o judeu tem para combater a discriminação, especialmente depois de tudo o que sofremos como povo no decorrer da história, justamente por causa de discriminação racial?
3. Que argumento pode ser dado a um namorado ou a uma namorada que não são judeus, ou aos seus pais, para justificar a recusa em considerá-los como um parceiro para o casamento?

## Os Fundamentos

A fonte primária sobre a qual se baseia a proibição de que um judeu se case com um não-judeu encontra-se na Bíblia (Deuteronômio 7:3): “Não casarás com eles (os gentios mencionados nos versículos anteriores), não darás tua filha ao filho dele e não tomarás a filha dele para teu filho”.

O motivo para tal proibição é claramente exposto no versículo seguinte: “Porque ele afastará teu filho de Mim e eles servirão a deuses estranhos...”

Nossos sábios assinalam no Talmud (Tratado de *Ievamot* 23a) – e Rashi o cita no seu comentário sobre o versículo acima mencionado – que a anomalia na sintaxe desse versículo, “ele (em lugar de “ela”) afastará teu *filho*”, inclui dois detalhes: 1) No caso de sua filha se casar com o filho deles, o “filho deles” (ou seja, o marido da sua filha) terminará afastando teus filhos (ou seja, netos) do caminho da Bíblia. 2) No caso de seu filho se casar com a “filha deles”, os netos que nascerem dessa união não serão considerados *teus* filhos, mas sim os filhos *dela*, ou seja, eles já não são judeus.

Fica claro, portanto, que não se trata aqui de uma discriminação racial que nasce de uma rejeição *subjetiva e pessoal* que o judeu tem em relação ao gentio. Falamos de uma ordem Divina objetiva, que é acompanhada por uma explicação. Se o teu filho se casar com uma mulher não-judia, as crianças nascidas dessa união não serão mais consideradas teus filhos. Eles não serão judeus. No caso de sua filha se casar com um não-judeu, supõe-se que os netos inevitavelmente se afastarão muito do caminho do judaísmo, embora ainda sejam considerados judeus.

Para melhor entender esta questão, devemos esclarecer um ponto adicional. Não é apenas proibido para um judeu se casar com alguém



que não seja judeu, é *impossível*. É fisicamente possível que haja convivência, pode até mesmo haver procriação, mas não há *casamento*.

As leis bíblicas foram outorgadas pelo mesmo Criador do universo, e são tão (ou mais) absolutas e invioláveis quanto as leis da natureza. Assim como não se pode alterar a Lei da Gravidade, por exemplo, do mesmo modo não podemos modificar as leis da Bíblia.

As leis bíblicas não estão sujeitas às preferências humanas. O estudo da Bíblia não tem por objetivo *definir* as leis da vida, mas *descobrir* a vontade e os objetivos Divinos que levaram à criação de toda a existência.

Para entender por que não pode haver casamento entre um judeu e um gentio, é necessário compreender primeiro o que é o casamento.

## O que é o Casamento?

Por mais estranho que pareça, é um desafio estimulante explicar qual é exatamente a função e a razão de ser do casamento em geral. Se duas pessoas se amam, por que não deveriam simplesmente viver juntas? O dia em que resolverem não mais compartilhar suas vidas, cada qual estará livre para seguir seu próprio caminho! Mesmo se declararem seu compromisso por meio do casamento, ele não é reversível? Quando os cônjuges decidirem que não querem mais permanecer casados, existe a opção do divórcio. Quais são, portanto, o propósito e a função do casamento?

Muitas pessoas dirão que o casamento nada mais é do que uma formalidade, uma norma social para legalizar e formalizar a relação do casal. Porém, se analisamos um pouco mais as coisas, dizer que o casamento nada mais é do que uma norma social implica que ele não possui um sentido verdadeiro, intrínseco, que é meramente arbitrário. O que acontece se um casal não se preocupa com as convenções ou com o estigma social? Nesse caso, seria aceitável que vivesse junto e tivesse filhos, sem se casar?

Se nos aprofundarmos nesse tema, creio que não resta alternativa à concepção segundo a qual o casamento é uma instituição Divina. O conceito de casamento tem suas raízes na Bíblia. Embora haja muitas sociedades que não se baseiam suas leis na Bíblia e, ainda assim, assumem o conceito do casamento, isso não refuta o fato de que, na sua origem, o verdadeiro sentido seja Divino.

Comparemos esse conceito com um fenômeno semelhante. De onde vem a semana de sete dias? Por que uma semana tem sete dias e não seis, ou oito, ou mesmo dez? O ciclo semanal de sete dias tem sua origem nos sete dias da Criação. Para quem aceita a Bíblia, o ciclo semanal possui um profundo significado espiritual. Para quem não acredita na Bíblia, a semana de sete dias é meramente arbitrária. O mesmo se aplica com relação ao casamento.

Para quem não acredita na Bíblia, o conceito de casamento não faz muito sentido, nem tem razão de ser. Trata-se simplesmente de um trâmite para registrar formalmente o casal, para que os filhos possam ser considerados herdeiros do pai. Para quem acredita na Bíblia, o conceito de casamento assume uma importância e um significado muito maiores e mais profundos, como veremos adiante.

As fontes talmúdicas e cabalísticas nos ensinam que o casamento não é meramente a *união* entre dois indivíduos totalmente independentes e desvinculados. É a *reunião* de duas metades de uma mesma unidade. Um casal compartilha a mesma alma que, no nascimento, se divide em duas metades que continuam a se desenvolver, cada qual por seu lado. Com o casamento, elas se reúnem e se completam. Não se trata apenas de uma união nos níveis físico, emocional e/ou intelectual. Estamos falando de uma união no nível mais profundo, mais *essencial* do ser.

Há almas que são compatíveis e outras que são incompatíveis. Além dos casamentos mistos, a Bíblia (Levítico, capítulo 18) enumera uma lista de uniões que não são consideradas válidas para

o casamento, por exemplo, o "casamento" entre irmãos biológicos, ou entre pais e filhos, ou ainda entre um homem e uma mulher casada com outro (incesto ou adultério). Não se trata simplesmente de proibições que podem ser violadas, mas de *atos inalteráveis*. Nos exemplos acima mencionados, jamais pode haver casamento, embora seja fisicamente possível coabitar e procriar.

Por conseguinte, é muito fácil e simples explicar ao não-judeu porque ele não pode ser considerado um parceiro potencial para o casamento. Não se trata de um defeito que ele tenha, mas de uma concepção de casamento delineada na Bíblia, à qual todo judeu se sente vinculado.

Um caso hipotético: o que aconteceria se um rapaz e uma moça (ambos judeus ou não judeus) estão profundamente apaixonados, decidem se casar e meia hora antes do início da cerimônia, descobrem que são irmãos biológicos? Eles se casariam mesmo assim? É óbvio que não, e o fato de não poderem se casar não implica que o amor que declararam um pelo outro era falso... O amor é um fator importante numa relação matrimonial, porém *não é o único* fator que determina a legitimidade de um casamento.

Poderíamos perguntar o que acontece quando um rapaz judeu, por exemplo, encontra compatibilidade com uma moça não-judia, com a qual gostaria de formar sua família. Como pode ele rejeitar uma pessoa quando há tanta compatibilidade e "química"? Se eles são essencialmente incompatíveis, como é possível que se amem tanto e sintam essa atração mútua?

Frequentemente, essa aparente compatibilidade só é possível enquanto nenhum deles manifestar o potencial essencial que os distingue. Desde que o judeu não atribua importância à sua judaicidade e o não-judeu não se preocupe com sua fé, tudo parece perfeito. O que acontecerá, no entanto, no dia em que qualquer um deles "acordar" e decidir preocupar-se com sua identidade mais

profunda e essencial? De repente, surge a incompatibilidade. Em outras palavras, a relação de casal entre um judeu e um gentio pode funcionar sempre e quando a identidade dos integrantes não se manifeste. No momento em que a identidade espiritual de qualquer um dos dois “desperta”, a relação não tem mais sentido e desaparece.

Conheço vários casais mistos que estavam muito apaixonados até o momento em que nasceram os filhos. De repente, começaram as discussões acaloradas sobre a educação das crianças, por mais que tivessem resolvido o assunto *teoricamente*. A mãe judia deseja circuncidar seu filho, por exemplo, ao passo que o pai não-judeu não quer que o filho seja diferente dele.

A incompatibilidade entra em cena inesperadamente, mas já é tarde demais – há uma criança envolvida, que é amada por ambos e por seus avôs, e que todos consideram sua...

É claro que podem ser citados muitos exemplos de casais judeus – “essencialmente compatíveis” – que têm conflitos. Devemos, no entanto, explorar em primeiro lugar os fatos e ver se eles realmente vivem segundo as normas delineadas na Torá, se vivem como judeus. Mesmo que isso não aconteça, o casal judeu pelo menos sempre tem o potencial de viver sua vida segundo a vontade de Deus e em harmonia com a sua própria essência.

O que acontece no caso de um judeu não praticante ou “ateu”? Essa incompatibilidade ainda é relevante? Afinal, se a pessoa não pratica o judaísmo, por que deveria atribuir-lhe importância justamente no momento de escolher um parceiro para o casamento?

## O que é um judeu?

Para entender essa pergunta é necessário definir outro conceito básico: o que é ser judeu? O que distingue um judeu de seu vizinho não-judeu? Deixo claro que não estou perguntando “*Quem é judeu?*”,

mas sim “*O que é um judeu?*”, já que a resposta à pergunta “Quem é judeu?” é: aquele que nasceu de uma mãe judia ou se converteu ao judaísmo de acordo com as leis estipuladas na *Halachá* (lei judaica). Isso, no entanto, não responde à pergunta “*O que é um judeu?*”

Fiz essa pergunta a muitos grupos e pessoas. Em geral, respondem que ser judeu significa “sentir-se parte do povo judeu”. Esta resposta, evidentemente, não é satisfatória. Ela apenas transfere a questão da identidade para a comunidade, e a pergunta permanece: “O que é, então, o povo judeu?” Um povo constituído por indivíduos que não possuem outra identidade exceto a de pertencer a um povo que não tem definição? É como dizer que a definição de “árvore” é “parte de uma floresta”. O raciocínio deve ser obviamente o oposto. Quando sei o que é uma árvore, posso definir floresta como “um grupo de árvores”. Não posso definir o que é uma árvore dizendo simplesmente que é “parte de uma floresta”!

É óbvio que tampouco posso definir o que é um judeu com base no seu cumprimento das *mitsvót* [preceitos], porque também aqui o raciocínio é inverso: o indivíduo tem a obrigação de cumprir as *mitsvót* porque é um judeu. Não posso dizer que alguém é judeu porque cumpre as *mitsvót*. Considere: um bebê recém-nascido é judeu embora não tenha ainda cumprido uma única *mitzvá* e não tenha consciência de sua fé! Um bebê judeu do sexo masculino é circuncidado porque já é judeu; ele não é judeu porque foi circuncidado.

Após ter estudado o tema por muitos anos e mantido incontáveis conversas com judeus de todos os níveis de prática religiosa e orientação filosófica, creio que a definição mais coerente e convincente é que o elemento que distingue o judeu é a *neshamá* (alma) que ele possui. A alma do judeu é diferente da alma do não-judeu. Elas têm diferentes potenciais, características e necessidades. Cada judeu possui a mesma essência que qualquer outro judeu, que herda da mãe.

É o denominador comum que conecta o judeu russo com o sírio, o iemenita, o canadense ou o marroquino, embora não falem o mesmo

idioma e talvez tenham costumes e hábitos culturais distintos. A única diferença significativa entre um judeu e outro é simplesmente o nível e a intensidade de expressão dessa essência comum. Em alguns, ela se manifesta a cada momento, ao passo que em outros se expressa uma vez por ano ou mesmo uma única vez na vida.

Algumas pessoas sentem-se desconfortáveis com uma definição segundo a qual o judeu é essencialmente diferente do não-judeu. Afinal, como podemos lutar pela igualdade e pela aceitação da sociedade em geral se acreditamos que somos essencialmente diferentes? Essa definição de “O que é um judeu?” se contrapõe à aspiração de ser aceito como um “cidadão do universo”.

Na verdade, dizer que o judeu possui uma alma com características especiais não se contrapõe à aspiração de ser um “cidadão do universo”, já que para ser realmente um “cidadão do universo”, cada um deve cumprir devidamente sua função *específica dentro* da realidade universal. Ser um “cidadão do universo” não significa necessariamente negar o papel específico de cada um, mas inserir-se na sociedade com uma identidade e um propósito bem definidos, aportando algo único aos demais integrantes desse mesmo universo.

## Quais são as Características Especiais da *Neshamá*?

O Rabi Shneur Zalman de Liadi, fundador do Movimento Chabad, a define da seguinte maneira: “Um judeu não deseja nem pode separar-se de Deus. Essa é a natureza essencial do judeu.” É possível que o judeu não esteja consciente de que, ao praticar determinadas ações, esteja afetando a sua relação com Deus. Se soubesse as consequências de suas ações, não prejudicaria intencionalmente essa relação. Cada judeu tem uma “linha vermelha”, um limite que não está disposto a atravessar, ainda que tenha de pagar com a própria vida.

Muitas vezes nos deparamos com judeus que passam a vida negando sua condição de judeus, mas em situações inesperadas, quando suas defesas estão baixas e eles estão distraídos, a sua judaicidade irrompe. Há inúmeros judeus que investem tempo, energia e recursos para negar sua condição de *diferente*. Na verdade, essa conduta é mais uma prova da sua condição inalterável de judeu, pois se não fosse assim, por que seria para eles tão importante negar o fato?

Vemos, portanto, que o problema não começa quando um rapaz judeu se casa com uma moça não-judia. A raiz do problema está no fato de ele ter sido privado de uma educação e de uma formação judaicas a tal ponto que já não percebe o que significa ser judeu, nem se dá conta da incompatibilidade básica e *essencial* que existe entre ele e sua namorada não-judia.

Para muitos, a oposição aos casamentos mistos pode parecer elitista e inclusive racista. Por que negar a um filho que se case com uma moça apenas pelo fato de ela não ser judia, quando os próprios pais não praticam nada do judaísmo em sua vida pessoal? Que diferenças *práticas* há entre o comportamento do rapaz judeu e da namorada gentia?

Embora realmente pareça, à primeira vista, uma atitude irracional, eu atribuo essa atitude “irracional” por parte dos pais à *neshamá* que possuem. A *neshamá* não lhes permite aceitar, de braços cruzados, que seu filho ultrapasse essa “linha vermelha” que rompe irreversivelmente a cadeia milenar, embora eles próprios talvez não saibam explicar conscientemente por que isso os incomoda tanto.

## A Opção da Conversão

Uma das “soluções” propostas para resolver o dilema do casamento misto é “converter” o parceiro não-judeu ao judaísmo. A conversão é uma solução válida?

O judaísmo aceita a possibilidade de conversão. O processo adequado, conhecido como “*guiyur*”, é bastante simples. Consiste em três etapas:

- 1) Circuncisão (no caso de um homem);
- 2) Imersão no *micvê* (banho ritual);
- 3) Aceitação dos 613 preceitos da Bíblia *em sua totalidade*.

Essas três etapas devem realizar-se na presença de um tribunal rabínico *válido*. (Um tribunal rabínico *válido* significa três rabinos que aceitam a Bíblia como a palavra Divina e cumprem os preceitos na sua vida pessoal.)

Essas três etapas são as mesmas através das quais o povo judeu converteu-se em povo judeu aos pés do Monte Sinai há 3320 anos. Não se pede mais, nem se aceita menos, daquele que quer ingressar no povo judeu do que fez o povo judeu, na sua totalidade, para alcançar tal condição.

O judaísmo não acredita em proselitismo, já que entende que nem todos precisam ser judeus para merecer a graça de Deus e um lugar no Paraíso. A Bíblia considera que para o não-judeu é suficiente respeitar o código de leis conhecido como as “Sete Leis dos Filhos de Noé”\* para merecer um lugar no Mundo Vindouro. Se um não-judeu desejar sinceramente se converter ao judaísmo e viver de acordo com as normas delineadas na Torá, será recebido de braços abertos.

---

\* De acordo com o judaísmo, não há necessidade de ser judeu para possuir um vínculo com Deus e ganhar um ótimo lugar no Mundo Vindouro, sempre e quando se cumpra as sete leis seguintes e seus derivativos que, segundo a Torá, são obrigatórios para toda a humanidade:

1. Não cometer idolatria;
2. Não blasfemar;
3. Não assassinar;
4. Não cometer adultério ou incesto;
5. Não roubar;
6. Não comer de um animal vivo;
7. Estabelecer cortes e sistemas de justiça.



É óbvio, pois, que no caso de alguém desejar se converter ao judaísmo para poder se casar com um judeu ou com uma judia, é pouco provável que essa “conversão” seja sincera.

Lembro-me de uma história sobre um rapaz judeu que decidiu se casar com uma moça não-judia. Os pais do rapaz insistiram para que ela estudasse os fundamentos do judaísmo antes de aceitá-la como nora. A moça foi estudar numa instituição religiosa. Embora seu motivo original fosse satisfazer a exigência dos futuros sogros, com o passar do tempo ela descobriu um mundo novo e ficou genuinamente interessada pelo judaísmo. Depois de alguns meses, o rapaz a chamou para conversar sobre os preparativos para o casamento. “Você está falando sério?”, ela disse. “Você acha que eu pretendo me casar com um rapaz que estava disposto a desposar uma gentia?”

Há quem argumente que se não aceitarmos certas “conversões”, “mesmo que não sejam perfeitas” ou casamentos mistos, acabaremos por alienar os jovens judeus que se casam com parceiros não-judeus ou que passaram por conversões “cosméticas”. Em contrapartida, se os aceitamos, estamos “ganhando almas” para o povo judeu.

Em primeiro lugar, o judaísmo não é um negócio, menos ainda quando se baseia em mentiras e enganosa. O judaísmo fundamenta-se na tentativa de cumprir ao máximo a vontade de Deus. Não há por que ficarmos mais preocupados com o futuro do povo judeu do que o próprio Deus. Deus também conhece esse argumento e seus “benefícios” para o futuro desses casais e do povo judeu.

Não obstante, a Bíblia declara (Deuteronômio 7:7), que Deus não escolheu o povo judeu por causa de sua superioridade de número ou de seu poder, mas por causa de sua humildade e devido ao pacto que Ele fez com nosso patriarca Abraão. O povo judeu não sobreviveu a todos os seus opressores graças à sua inteligência, dinheiro ou poder político, mas devido à sua sinceridade, autenticidade e auto-sacrifício para preservar sua pureza e essa autenticidade.

Além disso, por mais que quiséssemos ou por mais que nos pareça conveniente aceitar tais “conversões”, não temos a capacidade de negar ou de alterar os fatos. Não está em nosso poder fazer esse *favor* a ninguém, da mesma maneira que não está em nossas mãos ajudar um casal que deseja desesperadamente um filho varão e Deus o abençoa com uma menina. Podemos fazer mudanças cosméticas na menina, mas isso nada mais é do que uma mutilação cruel e enganosa.

Se a conversão não respeita as normas haláchicas, não é uma conversão. Não há conversões “classe A” e “classe B”.

É interessante analisar a expressão que o Talmud (Tratado de *Ievamot* 48b) utiliza ao referir-se a convertidos (autênticos): “*Guer shenitgaier kecatan shenolad dami*”, que significa: “Um convertido é como um bebê recém-nascido”.

Quando o Talmud fala sobre um escravo que foi libertado, não diz “um homem livre que foi libertado”, mas sim: “um escravo que foi libertado”. Por que, então, ao falar sobre um convertido, o Talmud usa a expressão “um convertido que se converteu”, em vez de “um gentio que se converteu”? E por que se compara o convertido a um bebê recém-nascido?

Nossos sábios o explicam da seguinte maneira: um convertido autêntico é uma pessoa que, embora tenha nascido de mãe não-judia, nasceu com uma *neshamá*, uma alma judaica vinculada de alguma forma a ele. É essa *neshamá* que o impele a “se converter”. Em outras palavras, podemos dizer que essa pessoa nasceu (destinada ou com uma predisposição a se converter) “convertida”.

É por esse motivo que ela é comparada a um “bebê recém-nascido”. Um bebê recém-nascido existe há nove meses. A diferença entre o momento anterior e o momento posterior ao nascimento é que antes de nascer o bebê não é um ser independente. Seguindo esta analogia, um “convertido”, antes do processo de conversão, é considerado um judeu que se encontra num estágio “embrionário”, e, portanto, ainda não tem as responsabilidades de um judeu.

Somente depois de uma conversão apropriada ele se transforma num judeu pleno. Porém, como já dissemos, para que essa transformação ocorra, a pessoa deverá passar pelo processo de conversão autêntica, e não pelas versões “cosméticas” que existem por aí, mascaradas como opções mais “liberais”.

Há quem pergunte com frequência: por que um convertido deve ser mais praticante que a maioria dos judeus, que não cumprem plenamente as *mitsvót* e não se consideram “religiosos” e, mesmo assim, não perdem sua condição de judeus? Em outras palavras: se um judeu “de ventre” que não cumpre as normas da *Halachá* em sua vida cotidiana é considerado 100% judeu, por que não deveríamos considerar como judeu uma pessoa não judia que se “converteu” por meio de uma “conversão” que não concorde com a *Halachá*?

A resposta é simples. Um judeu por nascimento é judeu, não importa o que pense, diga ou faça. A mesma Torá que estabelece esse fato também afirma que aquele que deseja se converter ao judaísmo deve – antes de tudo – aceitar o cumprimento dos preceitos da Torá em sua totalidade para ser aceito como tal. Se alguém dissesse que está disposto a aceitar os 613 preceitos, mas há um com o qual não concorda e não pretende cumprir, lhe responderíamos: “Quem obriga você a converter-se em judeu? É preferível que não se converta e continue a cumprir sua missão na vida como um gentio a converter-se e violar a lei da Torá!”

Na realidade, é um critério bastante compreensível. Se alguém nasceu no Brasil, por exemplo, a Constituição brasileira o considera brasileiro, não importa o que faça. Se, no entanto, um estrangeiro desejasse receber a cidadania brasileira, mas dissesse que não está disposto a aceitar uma determinada cláusula da Constituição, seria aceito como cidadão brasileiro? Claro que não. Se ele não gosta da Constituição brasileira, que procure cidadania em outro país, com cuja Constituição estiver de acordo! Quem não quiser reconhecer a Constituição brasileira em sua totalidade poderá ser aceito como

residente estrangeiro, mas não como cidadão. O cidadão naturalizado deve aceitar a Constituição do país como autoridade máxima para que lhe seja outorgada a cidadania. Por acaso alguém quer sugerir que é mais fácil converter-se em judeu do que assumir uma cidadania? As leis de Deus são mais negociáveis do que as leis humanas?

## O Verdadeiro Problema

O casamento misto é, na verdade, um sintoma de um problema muito mais importante: a qualidade de uma educação judaica adequada.

Que tipo de educação judaica damos aos nossos filhos? Estamos realmente dando a eles as experiências e as ferramentas necessárias para que possam entender e avaliar por que e para que são judeus?

E quanto à *nossa própria* educação judaica? Quanto tempo nós, pais, dedicamos ao nosso próprio desenvolvimento espiritual? Qual é a autoridade máxima na nossa vida pessoal? Se eu faço apenas aquilo que gosto de fazer e não reconheço a obrigação de acatar uma autoridade superior, como posso pretender que meus filhos não façam o mesmo? Eles certamente me dirão: “Papai, você faz o que quer na sua vida pessoal. Deixe-me fazer o que quero!” Se o pai não reconhece nenhuma autoridade moral, por que deveria esperar que o filho atente às suas palavras? Só porque o gerou?

A prioridade máxima atualmente deve ser o aprimoramento da educação judaica. Não podemos nos conformar com o mínimo que nossos filhos recebem nas escolas. Devemos exigir o máximo. Por acaso enviaríamos nossos filhos para uma escola da qual se graduassem sem saber calcular a área de um círculo ou quem foi Napoleão Bonaparte? Por que, então, nos conformamos com um sistema educacional do qual saem sem saber ler nem entender uma página da Bíblia ou do Talmud no texto original, ou sem saber quem foram Rabi Akiva, Abaie, Rava, Rashi, Rambam e Rabi Iehudá Halevi?

## Uma Experiência Pessoal

Eu gostaria de concluir compartilhando um episódio que ocorreu pouco tempo depois que minha mulher e eu chegamos ao Uruguai, em 1985, e a lição que extraímos disso.

Nosso filho mais velho nasceu logo depois que chegamos. Devido à nossa inexperiência como pais, especialmente num país novo, e ainda mais numa época em que havia greves a três por quatro, não fizemos seu registro de nascimento dentro do prazo legal. Em consequência disso, tivemos de passar por um processo de registro atrasado, que demora vários meses.

Nesse meio tempo, minha mulher e eu decidimos viajar para o exterior com nosso filho recém-nascido. Como ambos somos cidadãos norte-americanos, providenciamos a emissão de um passaporte norte-americano para o nosso filho.

Chegamos ao aeroporto de Carrasco, prontos para viajar. No setor de controle de passaportes, o funcionário pediu para ver os documentos uruguaios do bebê. Explicamos a ele por que não tínhamos essa documentação em mãos e ele nos disse que, neste caso, o bebê não poderia sair do país.

“Como não podemos viajar com nosso filho?” perguntamos. “Ele tem um passaporte americano!”

“Para nós ele é uruaio, e não pode viajar sem documentos uruguaios”, explicou o funcionário.

“Mas ele é nosso filho!”, insistimos.

“Ele é uruaio”, repetiu o funcionário.

Não viajamos naquele dia.

Aprendi uma lição muito importante com aquele incidente. Por mais que meu filho seja meu filho, meus direitos não transcendem os direitos do Estado. O mesmo se aplica ao nosso relacionamento

com nossos filhos. Antes de pensar sobre os nossos direitos sobre eles, devemos pensar sobre os direitos que o *povo judeu* tem sobre eles, para que lhes demos todas as ferramentas possíveis a fim de que possam valorizar seu judaísmo e vivê-lo plenamente.

## Epílogo

Cerca de dezenove anos depois desse incidente com o funcionário da imigração no Aeroporto de Carrasco, tive a oportunidade de conversar novamente com um funcionário da imigração uruguaia enquanto providenciava um visto de saída para um dos nossos filhos. Conteí-lhe o que acontecera há quase duas décadas e a lição que aprendi.

“O senhor está equivocado”, disse-me ele. “Não é que os direitos do Estado antecedam os direitos dos pais. É que o Estado tem a tarefa de proteger e defender *os direitos da criança*”.

O paralelismo com a responsabilidade da educação judaica ficou ainda mais claro.

**Parte 4**

**10 REAÇÕES À  
CORRESPONDÊNCIA  
COM JUAN**





## 1

Caríssimo Rabino,

Li essa história sobre o casamento misto. Tenho a minha própria versão, pois sou filha de pai judeu e de mãe cristã. Ambos eram boas pessoas que se amavam, sem intenção de ferir ninguém, muito menos sua própria filha.

Quando nasci decidiram converter-me ao judaísmo. Ninguém me perguntou. Trouxeram um rabino ortodoxo de Nova Iorque...

À medida que crescia estudei tudo e não deixei que nada passasse despercebido. Grande parte da minha consciência era governada por minha identidade religiosa. Não estudei tanto sobre o judaísmo quanto sobre o Cristianismo, o Islamismo, o Hinduísmo e o Budismo. Fiz todo o possível para me rebelar contra meus pais, fazendo questão com que soubessem que isso não era justo. Eu tinha que escolher se era judia ou não. Se eu optasse pelo judaísmo, desonrava minha própria mãe, se não escolhia o judaísmo, desonrava o meu pai. Como eu podia fazer isso com qualquer um deles? De modo que desonrei ambos... A lógica não me permite não optar, porque mesmo ao não escolher, já estou escolhendo...

Finalmente, escolhi Deus sobre meus pais, e eles têm que

lidar com suas ações pelo resto da vida. Ambos dizem que nunca concordariam com um casamento misto realizado por motivos egoístas. “O amor não é motivo suficiente”, disse minha mãe, “não quando Deus está no meio”.

Ainda hoje tenho lembranças dolorosas por causa do casamento misto de meus pais. Desonrei minha mãe de uma forma irreversível, e a causa foi o casamento misto. Não espero que muitos compreendam o meu ponto de vista, mas é uma advertência para quem quiser tentá-lo. Não é nada inteligente.

## 2

Que achado! O seu “Diálogo sobre o Casamento Misto” é fantástico. Tendo passado por algo similar – vejo agora minha irmã lutar com as suas decisões – eu lhe asseguro que esse artigo nos proporcionará um ponto de partida para uma conversa familiar objetiva e sem desavenças, há muito atrasada.

Em retrospectiva, o final feliz da minha busca culminou ao encontrar o Chabad em Córdoba. Sem entrar em detalhes, há um ano e meio que meu filho e eu entramos casualmente no Chabad quando procurávamos uma sinagoga para frequentar no *Shabat*. Desde então não paramos de ir, e nosso crescimento como pai e filho e como judeus nunca foi mais profundo – ainda que eu tenha sido criado de forma bastante tradicional... Por isso, damos todo o nosso apoio ao Chabad. Obrigado!

## 3

Caro Rabino,

Li com fascinação sua correspondência com “Juan”. Aconteceu algo semelhante comigo em meu primeiro casamento.

Sucintamente, fui criada como católica, mas acreditava na Torá muitos anos antes de conhecer meu primeiro marido. Meus pais, que sejam abençoados, me deram todo o apoio. Gostaria de poder dizer o mesmo sobre a mãe dele... Mesmo depois que me converti, por minha própria decisão, nunca fui suficientemente “judia” para ela. E eles eram judeus reformistas!

Ela jamais veio ao nosso apartamento. Ela sempre convidava o filho à casa dela sem mim. Lutamos contra isso por quatro anos, até que nos separamos.

Se eu sei o que Juan sente? E como! Rezo para que ele se dê conta de que a família da Paulina nunca mudará, e tampouco deveria considerando a decisão de Juan de manter a sua fé, o que é uma coisa boa, independente da religião à qual se pertence ou de quanto se cumpra as leis dessa religião...

Às vezes, Juan soa como se precisasse ouvir que está tudo bem, está certo que ele e a Paulina se casem. Não está certo. É contra as regras. Ele pode entender o que você escrever, mas não está ouvindo.

Imagino como terminou a correspondência com Juan, se é que terminou. Posso apenas afirmar a minha solidariedade com ambos, e rezar para que cheguem à melhor conclusão.

Obrigada por compartilhar isso comigo.

Sou uma mulher de 34 anos, criada num lar cristão fundamentalista. Estudei em colégios cristãos conservadores. Case-me com um cristão que conheci na universidade e divorciei-me 6 anos e meio depois...

Eu me distanciava um pouco da minha família toda vez que tínhamos discussões acerca de crenças religiosas. Comecei a explorar e querer saber exatamente por que eu acreditava no que acreditava. Fiquei um mês num templo budista apenas para conhecer outras crenças e ver que há pessoas que creem tão fervorosamente em algo como os cristãos, ainda que tenham fundamentos distintos.

Há algumas semanas visitei meus pais e minha mãe me contou que uma antepassada dela era judia, e que a condição de judia era transmitida pelas mulheres.

Ao voltar para casa comecei a ler sobre o judaísmo, procurando aprender tudo o que podia. Comprei a Edição Stone da Bíblia e também a versão judaica e surpreendi-me ao ver as diferentes interpretações com respeito à Bíblia cristã que eu estudara. Um dia, quando estava na seção de judaísmo na Livraria Barnes & Noble, um rapaz me perguntou se eu era judia. Ficamos sentados no chão, conversando. Ele me indicou alguns livros e me aconselhou a procurar algum Beit Chabad por perto...

Estou muito confusa com tudo e continuo a procurar respostas. Não quero ser alguém que aceita uma religião herdada. Quero saber por que acredito no que acredito, e que acredito nisso porque é a verdade.

Obrigada por compartilhar comigo essa correspondência maravilhosa. Pretendo enviá-la para um aluno meu que tem uma

mãe judia e um pai não-judeu. A mãe está se tornando religiosa, ele se sente ferido e tenta fazê-la entender que isso é um erro. Ela está em conflito, e penso que isso a ajudará...

## 5

Caro Rabino,

Escrevo para lhe dizer como fiquei impressionado com esse diálogo. Fiquei quase uma hora e meia no trabalho lendo esse drama da vida real tão detalhado e bem escrito! Trata-se, indubitavelmente, de um tema muito sensível e controverso – fiquei bastante impressionado com as suas reflexões e os seus argumentos.

Escrevo-lhe para satisfazer minha curiosidade – você pode me dizer qual foi o final dessa história? Estamos passando por uma difícil situação em casa, com minha irmã e o namorado, e realmente me beneficiei em ler alguns dos seus argumentos...

## 6

Obrigada por esses e-mails. Gostaria de tê-los lido antes que minha filha se casasse secretamente com um não-judeu. Agora ela voltou para casa, está se divorciando e rezamos para ter a sabedoria necessária para poder guiá-la e apoiá-la nesse momento da sua vida, dando-lhe conselhos que ela possa aceitar.

## 7

Achei muito interessante esse diálogo com Juan. Se ele tivesse se convertido ao judaísmo, será que o relacionamento dele com a Paulina teria dado certo? Estou numa situação parecida, exceto pelo fato de ser casado. Gostaria de ler mais da correspondência.

## 8

Caro Rabino,

Você é um orgulho para a comunidade judaica, uma luz brilhante que devemos respeitar. Acompanharei esse seu diálogo com Juan, porque estou aprendendo muito de ambos.

## 9

Rabino,

No último *shabat* passei grande parte do tempo na sinagoga completamente envolvido no seu diálogo com Juan. Foi um dos artigos mais importantes (na falta de um termo melhor) que li há muito tempo. Você deveria ser enaltecido por trazer à luz essa conversa. Repassei os e-mails a um amigo que está correndo tais riscos com a filha.

Vá em frente com o bom trabalho realizado, e espero que a “fama” não lhe suba à cabeça...

## 10

Mantenha-me atualizado, por favor, com relação ao diálogo! Em minha opinião, ele é muito interessante. Estou impressionada com os conhecimentos do Rabino e com a sua capacidade de transmiti-los a alguém que não pertence à nossa religião.

Muiiiiiiiiiiiiiiiiiito obrigada pela publicação do diálogo! Alguns conceitos muito importantes foram estabelecidos nesses diálogos com Juan e deveriam ser compartilhados conosco.

1. A chave é a verdade, e não a felicidade.
2. Obedecemos à Torá porque é a verdade, é o que é, e não porque isso necessariamente nos torna felizes.

No entanto, a terceira chave ou pensamento final:

3. Quando prestamos atenção à verdade e obedecemos porque é verdade, e temos fé que Deus quer o nosso bem, então... encontramos a felicidade. Como? Encontrando a verdade que Deus quer nos outorgar. Há tanta gente que procura a felicidade sem entender o que é.

**Para se comunicar com o autor:**  
rabino.shemtov@jabad.org.uy

